

UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)**

Edmar de Oliveira Moreira

**AUDIOVISUAL E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DOS FESTIVAIS DE CURTAS
NA FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DOS ESTUDANTES.**

Brasília
2025



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)**

**AUDIOVISUAL E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DOS FESTIVAIS DE CURTAS
NA FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DOS ESTUDANTES.**

Edmar de Oliveira Moreira

Dissertação apresentada à banca como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Artes submetida à Universidade de Brasília, Programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) área de concentração Ensino de Artes.

Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador(a): Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Brasília
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM838a Moreira, Edmar de Oliveira
Audiovisual e educação: contribuições dos festivais de
curtas na formação cultural e educacional dos estudantes /
Edmar de Oliveira Moreira; orientador Felipe Canova
Gonçalves. Brasília, 2025.
113 p.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) Universidade
de Brasília, 2025.

1. Produção audiovisual escolar. 2. Protagonismo
estudantil. 3. Aprendizagem baseada em projeto. 4. Linguagem
audiovisual. 5. Audiovisual e educação. I. Gonçalves, Felipe
Canova, orient. II. Título.

Edmar de Oliveira Moreira

**AUDIOVISUAL E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DOS FESTIVAIS DE CURTAS
NA FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DOS ESTUDANTES.**

Brasília, Agosto de 2025.

Texto de defesa avaliado pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves
Universidade de Brasília
Orientador

Prof. Dr. José Mauro Ribeiro
Universidade de Brasília
Avaliador - Membro Interno

Prof. Dr. Thiago de Faria e Silva
Instituto Federal de Brasília
Avaliador – Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Ângela Barcellos Coelho Café
Universidade de Brasília
Avaliadora – Suplente

Aos meus dois grandes amores, Jacqueline Pereira e Elis de Oliveira!

Minhas grandes inspirações!

AGRADECIMENTOS

À minha companheira Jaqueline Pereira, grande incentivadora e parceira nessa e em outras trajetórias. À minha filha, minha pequena bailarina, Elis de Oliveira, por ser tão compreensiva, sensível, carinhosa e alegre. A definição do meu amor!

Aos meus pais, Isimar Moreira e Iraci Flora, por sempre terem sido base e fonte de grande apoio em todas as etapas da minha vida. Na caminhada desta pesquisa, foram escuta e suporte fundamental. Meus alicerces e de amores incondicionais!

Aos parceiros de caminhada pedagógica que contribuíram de alguma forma ao longo da realização do projeto durante esses 6 anos. Em especial, minhas grandes amigas professoras Kelly Cristina e Rosa Oliveira, que além de acreditarem e sempre fortalecerem o projeto, foram amigas fundamentais em momentos de grande turbulência. Obrigado pelas escutas, diálogos e orientações. Obrigado pela lealdade!

À professora Adriana Cordeiro, grande incentivadora para a realização dessa pesquisa. Pessoa que o audiovisual me presenteou na SEEDF. Obrigado pela positividade e generosidade nas orientações sobre o processo de inscrição e início no ProfArtes.

Aos parceiros que o ProfArtes me proporcionou. O grupo de cênicas, Amanda Rosa, Carlos Alberto, Mariana Gopfert e Maria Vilarinho. Parceria do início ao fim. À grande Tatiane Romeu, pela generosidade, parceria e apoio, principalmente em um dos momentos mais delicados dessa caminhada. Obrigado a todos pelos momentos de desabafo e comichões acadêmicas.

Aos professores e professoras do ProfArtes, em especial Ângela Café, Fernando Marques, Graça Veloso, Paulo Bareicha e Maria Isabel, pelas grandes contribuições para o processo da pesquisa.

Ao meu orientador, Felipe Canova Gonçalves, sinônimo de sabedoria, generosidade, leveza e parceria. Tive o privilégio de contar com sua orientação acadêmica e receber o apoio fundamental para seguir, principalmente no decorrer das intercorrências do percurso. Muito obrigado pela escuta, presença, acolhimento e incentivo. Você ensinou e mostrou o lado humano e sensível no meio acadêmico. Obrigado por todas as suas contribuições!

A todos os estudantes que construíram juntos o Festival de Curtas do CEF 602, com suas histórias, conhecimentos e experiências. Agradecimento especial aos estudantes egressos que participaram da pesquisa e contribuíram com suas reflexões: Ana Júlia Novaes, Clara Amaral, Francisco Michael, Henrik Muniz, Marcos Vinicius Camargo, Matheus Ferreira, Nicolle Próspero, Raquel Ribeiro, Tamires Machado, Victor Kaynnã e Warlison da Silva. Estudantes protagonistas com os quais aprendi muito! Às mães desses estudantes, Alessandra Matias, Maria Dulce e Maria Josiane Muniz, pela participação na pesquisa e palavras de afeto e reconhecimento.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, por conceder-me afastamento parcial e total para estudos.

À CAPES pela oportunidade concedida em realizar o mestrado com bolsa de estudos. Aos professores José Mauro e Thiago de Faria e Silva, pelas importantes contribuições apresentadas na qualificação e por terem aceitado o convite para avaliar a pesquisa.

RESUMO

Este estudo objetiva analisar e apresentar reflexões acerca da relação entre o audiovisual e a educação. Para a realização do estudo, foi analisado o histórico das seis edições do projeto Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas, considerando aspectos como o protagonismo estudantil e os desdobramentos proporcionados pelo projeto no espaço escolar. O projeto consiste em atividades de exibição, fruição, análise e produção audiovisual escolar, resultando em uma mostra competitiva de filmes curtas-metragens, videocliques e animações produzidas pelos estudantes dos anos finais do ensino fundamental do CEF 602 do Recanto das Emas. Além do histórico do projeto, o estudo também propõe em seus pressupostos teóricos, o debate a partir de reflexões realizadas por pesquisadores da área. Compreendendo os avanços tecnológicos e os diversos interesses dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, é apresentada também, a reflexão acerca da importância das aprendizagens baseadas em projetos, considerando aspectos pedagógicos e sociais dos estudantes especificamente nessa etapa de ensino. Por fim, por meio de análise documental e a aplicação de um questionário para estudantes que participaram em diferentes edições do projeto, e alguns responsáveis legais desses participantes, analisa e apresenta alguns dos resultados alcançados que sugerem as transformações ocorridas na escola e as percepções desses estudantes diante da aprendizagem da linguagem e produção audiovisual escolar.

Palavras-chave: Produção audiovisual escolar; Protagonismo estudantil; Aprendizagem baseada em projeto; Linguagem audiovisual; Audiovisual e educação.

ABSTRACT

The objective of the study is to analyze and present reflections on the relationship between audiovisual media and education. Through the study it was analyzed the history of the six editions of the Short Film Festival project of CEF 602 Recanto das Emas, considering aspects such as student leadership and the project's impact on the school environment. The project consists of screening, watching, analysing, and audiovisual production activities, resulting in a competitive showcase of short films, music videos, and animations produced by students in the final years of elementary school at CEF 602 Recanto das Emas. In addition to the project's history, in the study it is also proposed, in its theoretical premises, a debate based on reflections by researchers in the area. Considering technological advances and the diverse interests of students in the final years of elementary school, in the study it is also presented a reflection on the importance of project-based learning, considering pedagogical and social aspects of students specifically at this stage of education. Finally, through document analysis and a questionnaire administered to students who participated in different editions of the project, as well as to some of their legal guardians, in this article some of the results achieved are analyzed and presented. This study suggests the transformations that have occurred at the school and the perceptions of these students regarding language learning and audiovisual production.

Keywords: School audiovisual production; Student leadership; Project-based learning; Audiovisual language; Audiovisual and education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: 1º Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas.	48
Fotografia 2: 6ª edição do Festival de Curtas do CEF 602	50
Fotografia 3: Processo de produção de diferentes curtas-metragens.	51
Fotografia 4: Tripé produzido por estudantes	56
Fotografia 5: Aulas e processos de produção dos <i>stop motions</i>	61
Fotografia 6: Frame do curta-metragem “O privilégio”.	66
Fotografia 7: Frame do curta-metragem “O Sol e a Lua”.	67
Fotografia 8: Frame da animação “A borboleta”.	68
Fotografia 9: Frame da animação “No final dá tudo certo”.	69
Fotografia 10: Frame do videoclipe “Amor de verdade”.	70
Fotografia 11: Frames comparativos do videoclipe	71
Fotografia 12: Frame do videoclipe “Mina”.	73
Fotografia 13: Frame do curta-metragem “Conexões”.	74
Fotografia 14: Frame do filme “Conexões”. Mãe encontra filho.	75
Fotografia 15: Frame do curta-metragem “Segundo Plano”.	76
Fotografia 16: Cena no pátio da escola.	77
Fotografia 17: Ana Luiza e Ana Beatriz conversam sobre o trabalho.....	79
Fotografia 18: 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF	80
Fotografia 19: Reportagem do Correio Braziliense.	81
Fotografia 20: 6º Festival de Curtas do CEF 602.....	82
Fotografia 21: 1º Festival de Curtas do SINPRO - Adélia Sampaio.	83
Fotografia 22: Vídeo com depoimentos de estudantes egressos do projeto.	85
Fotografia 23: Warlisson e Victor no 5º Festival de Curtas do CEF 602.	88
Fotografia 24: Oficinas de teatro e maquiagem cênica.	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Aprendizagem Baseada em Projetos
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CRE	Coordenação Regional de Ensino
CEF	Centro de Ensino Fundamental
DIEF	Diretoria de Ensino Fundamental
EAPE	Escola De Aperfeiçoamento Dos Profissionais Da Educação Do Distrito Federal
GMIP	Gerência de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas
IFB	Instituto Federal de Brasília
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PD	Parte Diversificada
PDAF	Programa de Descentralização Administrativa e Financeira
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFARTES	Programa Mestrado Profissional em Artes
SEEDF	Secretaria De Estado De Educação Do Distrito Federal
SESI	Serviço Social da Indústria
SINPRO/DF	Sindicato dos Professores no Distrito Federal
UGLGP	Unidade Gestora da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais

SUMÁRIO

APRESENTANDO PARTE DA TRILHA	9
INTRODUÇÃO.....	14
1. A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL.....	18
1.1. O audiovisual na sala de aula	22
1.2 - A produção audiovisual escolar na SEEDF	25
1.3. A produção audiovisual e a aprendizagem baseada em projetos	31
2. FAZER CINEMA NA ESCOLA	36
2.1. Conteúdos e objetivos de aprendizagens - a realidade dos anos finais do ensino fundamental.....	40
2.2. A origem do projeto Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas	43
2.2.1. Aspectos metodológicos do Festival	49
2.2.2. O projeto, suas formas audiovisuais e particularidades	60
2.3. Imaginário estudantil - mundos e narrativas pelas lentes da juventude.....	64
2.3.1. “O privilégio” - A primeira animação. Uma reflexão sobre corrupção. ..	65
2.3.2. “O Sol e a Lua” - Desenho e poesia jovem	66
2.3.3. “A borboleta” e “No final tudo dá certo” - Animações em stop motion ..	68
2.3.4. “Amor de verdade” - O videoclipe na escola	70
2.3.5. “Mina” - Empoderamento feminino e representatividade da mulher negra	72
2.3.6. “Conexões” - Bullying e cyberbullying	73
2.3.7. “Segundo Plano” - Uma proposta de reflexão sobre educação antirracista.....	76
2.4. Festivais de curtas escolares	80
3 - PLANO SEQUÊNCIA: O FESTIVAL E AS TRAJETÓRIAS DE VIDA.....	85
3.1. Estudantes protagonistas: perfis dos entrevistados	86
3.1.1 - Análise das respostas e trajetórias	89
3.1.2 - Olhares da comunidade sobre o projeto	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBEM OS CRÉDITOS	105
REFERÊNCIAS	109
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	112

APRESENTANDO PARTE DA TRILHA

Quando revisito a minha primeira lembrança com o teatro, lembro de uma situação inusitada com pitadas de memórias fantasiosas. Quando criança, estava no SESI de Taguatinga, acompanhando minha mãe em alguma consulta. Em um dado momento, uma atriz, toda caracterizada de fada, me convida e me conduz para assistir um espetáculo de fantoches, numa casinha super simpática, posicionada no jardim. Lembro do encantamento que logo aconteceu. Dali em diante, toda aquela fantasia e aquele faz-de-conta mágico foram ganhando espaço na minha vida, influenciando meus passos e a busca por aquilo que eu iria conhecer como arte.

Dessa lembrança e de outras que carrego da minha trajetória, posso reconhecer que o brincar de representar faz parte de alguns dos meus melhores registros de memórias. A brincadeira de representar sempre esteve presente na minha infância, seja nas brincadeiras realizadas dentro de casa com fantoches, ursos e bonecos, quanto na organização de gincanas simples entre amigos, onde os jogos de imitação e mímica sempre estavam presentes.

Além desse universo de representações, também me recordo do encantamento que tomava conta dos meus pensamentos quando lá por volta da 3ª até a 5ª série, equivalente atualmente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, eu e toda turma, éramos levados pela professora para a biblioteca da escola que tinha um espaço mágico chamado sala de vídeo. Sim, para nós que éramos crianças nos anos 90, e ainda estudantes de escola pública, a sala de vídeo da escola era um espaço de muita fantasia. Era a oportunidade de assistir aos filmes da Disney em fitas VHS. Nem todo mundo tinha aparelho videocassete em casa. Então, quando chegava o dia da sala de vídeo, e era anunciado na programação que iria ter “Aladdin” ou “A Pequena Sereia”, não tinha como controlar a empolgação! Naquele aparelho de televisão colorida de tubo, um universo mágico de imagens nos era apresentado.

Os anos foram passando e tive o primeiro contato com a linguagem teatral no Centro de Ensino Fundamental 15 de Taguatinga. Lembro do meu encantamento ao ler pela primeira vez no carimbo da professora o seguinte registro: “Professora de Artes Cênicas”. Descobria ali que a arte possuía mais de uma linguagem, e que não era somente desenho. Dança, música, pintura, escultura, cinema e teatro também eram arte. Posteriormente, no Ensino Médio, com a experiência de fazer parte de um grupo de teatro estudantil no Centro de Ensino Médio Ave Branca – CEMAB, iniciava

o exercício do fazer teatro, aprendendo jogos teatrais, jogos de improvisação, além da análise e encenação de textos. Era meu primeiro contato com as palavras de William Shakespeare, Ariano Suassuna, Lygia Fagundes Telles, Plínio Marcos e Nelson Rodrigues. Aos poucos ia conhecendo os elementos da linguagem teatral e reforçava assim, o desejo de ter o teatro sempre presente em minha vida.

Assim, segui para a Universidade Católica de Brasília e num primeiro momento fui levado para a Pedagogia. Busquei conhecer e aprender metodologias e teorias pedagógicas para posteriormente relacionar e agregar a uma prática docente voltada para o ensino de arte. Durante a graduação em Pedagogia, criei junto a outros estudantes do curso o grupo de teatro Nó Quadrado, onde produzimos os nossos próprios textos cômicos sempre com alguma abordagem e análise relacionada à educação e a sociedade. Ao concluir a graduação em Pedagogia (2009), ingressei na licenciatura em Artes Cênicas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, espaço no qual sempre tive um grande desejo de estudar e aprender com grandes mestres que dali faziam parte.

Durante a licenciatura em Artes Cênicas pude ter contato com grandes nomes do teatro brasileiro como Zé Regino, Tiago Nery, Silvia Paes, Nei Cirqueira, Túlio Guimarães e Fernando Guimarães, participando de espetáculos acadêmicos e profissionais. Após concluir a graduação em Artes Cênicas (2012), me torno professor de Arte dos 6º e 8º anos do Colégio Marista de Brasília. Em 2014, assumi como professor de Artes Cênicas na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, iniciando a minha caminhada na SEEDF na recém criada Escola Parque da Natureza de Brazlândia como professor da turma de Teatro para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Ainda na Escola Parque da Natureza de Brazlândia, ingressei como estudante no curso “Nos caminhos do audiovisual” (2015) ofertado pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE/DF. Lá inicio os meus estudos de forma sistematizada em relação à linguagem audiovisual, entendendo as etapas de produção e elementos próprios dessa linguagem artística que tanto admirava e possuía interesse em conhecer mais. Vale destacar, como já exposto inicialmente, que sempre fui apaixonado pela arte dramática e a linguagem do cinema, passando horas assistindo e analisando filmes e séries, além de colecionar DVDs e Blurays, o que talvez também tenha relação com a memória dos “falecidos” VHS da infância.

Ao me tornar professor, buscava planejar e desenvolver as aulas de forma atrativa e mais próxima do universo dos estudantes. Assim, ao planejar as aulas de determinados conteúdos nos quais eu acreditava que havia uma certa dificuldade de aproximação com a realidade dos estudantes, pesquisava vídeos e músicas para aproximá-los da linguagem ou movimento artístico a ser trabalhado em sala de aula. Ora esses vídeos eram trechos de filmes, ora eram clipes musicais que exemplificavam a estética do que seria estudado. Acreditava assim, que poderia proporcionar aos meus estudantes uma aprendizagem mais clara e significativa, da mesma forma que eu e outros estudantes lá dos anos 90 tivemos ao ter contato, de forma lúdica, com diversos aprendizados proporcionados pela experiência de contato com o audiovisual. Era aquela velha história da frase: uma imagem vale mais do que mil palavras.

Em 2016, fui para o CEF 602 do Recanto das Emas trabalhar com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Percebi então, a oportunidade de desenvolver um projeto voltado para a produção audiovisual, contando com o protagonismo dos estudantes. Dentro do meu componente curricular, após trabalhar o conteúdo de cinema, elaborei um projeto voltado para os estudantes do 9º ano, onde eles teriam o contato com a linguagem audiovisual. Durante um bimestre estudamos alguns aspectos dessa linguagem e em grupo, os alunos produziram os seus próprios filmes curtas-metragens. Em seguida, teríamos a primeira edição do nosso Festival de Curtas do CEF 602, uma mostra competitiva de filmes produzidos pelos estudantes da escola, onde todas as turmas votavam na categoria de melhor filme, e o grupo docente e uma equipe técnica convidada, votavam nas demais categorias, como melhor ator, melhor atriz, melhor direção entre outros.

A primeira edição, em 2016, aconteceu no Auditório da Regional de Ensino do Recanto das Emas. Além da exibição e entrega dos troféus, o Festival contava também com apresentações de danças criadas pelos estudantes e sorteios de brindes. Em 2017, o projeto passou a integrar o Projeto Político Pedagógico da escola e foi estendida a sua aplicação gradualmente para os demais estudantes.

Em 2020, durante o período de isolamento social e com as escolas fechadas, eu e o Carlos Alberto Santana (na época, estudante do curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo do IFB - Campus Recanto das Emas), fomos convidados pela professora Patrícia Barcelos do Instituto Federal de Brasília - IFB/Campus Recanto das Emas, para apresentar os quadros “Experiências de Audiovisual e Educação”

sobre produção audiovisual escolar realizada por professores e estudantes da SEEDF, onde eu entrevistaria educadores e educadoras da SEEDF sobre as suas experiências e práticas envolvendo a produção audiovisual nas escolas; e o quadro “Faça você mesmo”, onde o Carlos apresentava soluções para a criação de equipamentos e recursos audiovisuais de forma artesanal. Ambos os quadros faziam parte do programa “Audiovisual e Educação” transmitido pelos canais TV IFB e Ema Filmes no YouTube. Além dos quadros já mencionados, a cada episódio a Prof^a. Dr^a. Patrícia Barcelos entrevistava pesquisadores(as), professores(as), profissionais da educação e de produção cultural num bate-papo sobre as relações entre audiovisual e educação (EMA FILMES, 2020).

O programa proporcionou a oportunidade de estabelecer novas conexões e aprendizagens com educadores e educadoras do DF e do Brasil a partir da troca de experiências realizadas com estudantes. Ao longo dos programas, foi possível dialogar com educadores que eu já conhecia um pouco do trabalho, considerando os encontros que ocorriam durante a exibição de curtas no Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal, uma mostra competitiva de produções audiovisuais realizadas por estudantes da SEEDF sob a mediação de professores que acontecia anualmente no Cine Brasília, entre 2015 e 2020. O CEF 602 do Recanto das Emas teve a oportunidade de ter algumas de suas produções selecionadas e premiadas neste importante Festival.

Em 2023 ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Artes - ProfArtes pela UnB. Já havia conversado em outros momentos com outros professores pesquisadores que haviam concluído o mestrado pelo ProfArtes, a fim de conhecer o programa e a experiência vivenciada por eles. Entre essas pessoas estavam os professores, artistas e pesquisadores João Rafael Barbosa e Adriana Cordeiro, ambos professores da SEEDF com vasta experiência na área de educação e audiovisual, inclusive referenciados nesta dissertação.

Antes da banca de arguição, também pude conhecer outros professores de Artes Cênicas que também estariam pleiteando uma vaga no programa. Tivemos a oportunidade de dialogar sobre os nossos projetos e esclarecer algumas dúvidas, o que foi positivo para essa etapa e estreitou os nossos laços de apoio após a seleção no ProfArtes. Ao longo dos primeiros semestres, além do processo voltado para a pesquisa, os diálogos estabelecidos nas demais disciplinas oportunizaram a reflexão

acerca de outros campos da arte, proporcionando conexões e novas possibilidades de estudos.

Por fim, destaco ainda algumas ações realizadas nesse período da trajetória de pesquisa, como a apresentação do relato de experiência do Festival de Curtas do CEF 602 no Fórum do Ensino Fundamental promovido pela Diretoria de Ensino Fundamental - DIEF - SEEDF (2023); a participação no Seminário Arte Educação nas Infâncias promovido pelo gabinete do Dep. Fábio Felix (2023); a publicação do artigo “Produção audiovisual escolar: a experiência do Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas” na Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal (2024); apresentação do relato de experiência na III Jornada de Artes de Grupo e Práticas de Cuidado em São João Del Rei, promovida pela UFSJ e UFRJ (2024); apresentação no ColoqueArte/UnB (2024); Menção Honrosa pelo projeto no 25º Prêmio Arte na Escola Cidadã pelo IARTE (2024); e Moção de Louvor no 2º Prêmio Paulo Freire de Educação (2024), promovido pelo Gabinete do Dep. Gabriel Magno.

INTRODUÇÃO

Falar de cinema pode nos proporcionar sensações variadas, a depender da dimensão e a relação de cada um com esse produto audiovisual. Pode trazer à tona aquela memória referente a um filme clássico ou uma cena que ficou registrada no imaginário individual e coletivo; despertar a sensação de nostalgia de uma época ou acontecimento pessoal; ou a abertura de uma janela para uma infinidade de narrativas. Quando pensamos no campo educacional, refletir sobre cinema, ou em um sentido mais amplo, sobre o audiovisual e sua relação com a educação, nos permite analisar caminhos e possibilidades de experiências artísticas e pedagógicas.

A trilha percorrida por arte educadores, do fazer artístico ao exercício da docência, geralmente é permeada por uma infinidade de experiências pedagógicas e artísticas bem específicas da relação entre essas profissões. Por vezes, conciliar o exercício da docência com o ofício de artista, seja qual for a linguagem, é uma dessas experiências que requer habilidades e propósitos. Afinal, por meio dessa relação entre a arte e a educação podem ser construídos espaços de aprendizagens propícios à leitura, interpretação, fruição e fazer artístico. Ao primeiro olhar, algumas dessas experiências poderiam ser breves relatos ou memórias, sejam narradas pelos próprios professores ou por estudantes que vivenciaram aqueles momentos. Mas ao compreendê-las posteriormente, não somente como memória, mas atribuindo a devida importância e relevância próprias de projetos pedagógicos, elas adquirem outras dimensões.

Nos textos e análises que serão apresentados a seguir, buscou-se o frescor dessa memória, do pesquisador e dos estudantes protagonistas, aliada às reflexões sobre a relação entre o audiovisual e a educação a partir da experiência do projeto pedagógico “Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas”, realizado com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, entre os anos de 2016 a 2023. Diante do histórico do projeto e de relatos prévios de ex-estudantes que participaram de edições diferentes do Festival, foram selecionados alguns aspectos recorrentes como categorias a serem analisadas ao longo da pesquisa, entre elas a relação da experiência do Festival de Curtas do CEF 602 com o desenvolvimento do protagonismo estudantil e sua relevância para os projetos pessoais desses estudantes no âmbito acadêmico e profissional.

A metodologia de pesquisa utilizada priorizou as premissas da definição de pesquisa participante, onde considera-se que “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.” (PERUZZO, 2005, p. 125). Nesse sentido buscou-se, como objetivo geral, analisar as contribuições culturais e educacionais do projeto Festival de Curtas do CEF 602, investigando como ele influenciou a formação e percepção de estudantes e comunidade em termos de habilidades audiovisuais e apreciação cinematográfica, além do protagonismo estudantil e a valorização da produção audiovisual escolar local. Como objetivos específicos, analisar o panorama entre audiovisual e educação no âmbito da SEEDF; analisar a trajetória histórica do Festival de Curtas do CEF 602, identificando mudanças em sua estrutura, organização pedagógica e objetivos ao longo dos anos; analisar as atividades do projeto que os estudantes egressos reconhecem como significativas para suas trajetórias e desenvolvimento cultural; analisar algumas das produções audiovisuais realizadas por estudantes egressos, presentes no acervo do festival.

Para a realização da pesquisa, foi necessária a análise documental de acervo e produções das edições do Festival de Curtas do CEF 602, tais como vídeos produzidos pelos estudantes, publicações e anotações do pesquisador. Além da análise documental, foram realizadas pesquisas em fontes bibliográficas e videográficas sobre a temática da relação entre o audiovisual e a educação; e por fim, 12 estudantes egressos do projeto, que tiveram produções e experiências de destaque em diferentes edições do festival e 3 integrantes da comunidade escolar foram convidados para responder um questionário (GIL, 2008) com 4 perguntas. Faz parte também, deste corpus da pesquisa, a experiência vivenciada em 2023 com a 6ª edição do Festival de Curtas do CEF 602 e algumas produções de edições diferentes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da UnB e autorizada pela EAPE/SEEDF.

A dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma reflexão acerca da relação entre o audiovisual e a educação, considerando os objetivos de aprendizagens previstos no Currículo em Movimento da SEEDF e outros documentos oficiais que tratam do assunto. Apresenta análises sobre diferentes tipos de abordagens e utilização do audiovisual na escola sob a perspectiva de Alain Bergala e as diferentes potencialidades presentes na linguagem audiovisual. Diante

das abordagens analisadas, reflete sobre a aprendizagem baseada em projetos aliada ao viés do desenvolvimento do protagonismo estudantil.

No segundo capítulo, apresenta aspectos relacionados ao fazer cinema no espaço escolar. São analisados também, a relação entre os processos de aprendizagem utilizando o audiovisual e recursos tecnológicos presentes na escola e de fácil acesso aos estudantes, como o celular e aplicativos de captação e edição de áudio e vídeo, além dos processos de aprendizagens presentes na relação entre professor e estudante. A partir de tais reflexões, descreve e apresenta aspectos motivadores para a criação do projeto e seu histórico por meio da organização metodológica ao longo das seis edições. Destaca as características relevantes à produção audiovisual escolar e as formas audiovisuais desenvolvidas no Festival de Curtas do CEF 602 como curta-metragem, animação e videoclipe. Apresenta também, a análise fílmica de algumas produções audiovisuais, de diferentes edições, produzidas pelos estudantes, entre animações, videoclipes e curtas-metragens.

Em atenção e respeito às orientações recebidas pela Unidade Gestora da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - UGLGPD, da SEEDF, nos termos da Lei nº 13.709/2018, durante a realização da pesquisa, o acervo do Festival de Curtas do CEF 602 foi retirado do ar, pois seria necessária a renovação de todas as autorizações dos responsáveis legais pelos estudantes que ainda fossem menores de idade, e também, atualização das autorizações daqueles estudantes egressos agora maiores de idade. Tal atualização e renovação das autorizações, entre outros aspectos previstos pela Lei, estabeleceria a finalidade da utilização das produções para fins de pesquisa de mestrado. No entanto, considerando a quantidade de participantes das 79 produções audiovisuais do acervo, verificamos que seria inviável localizar, solicitar e renovar todas as autorizações.

As autorizações de utilização do uso de imagem e voz sempre foram solicitadas aos responsáveis legais, na primeira reunião pedagógica da instituição, referindo-se aos projetos previstos e propostos no PPP da escola, e também, eram produzidas novas autorizações quando algum curta-metragem era selecionado para participar de um festival.

Diante de tal cenário, considerando importante a análise fílmica das produções dos estudantes, inclusive algumas premiadas em iniciativas da própria SEEDF, e como forma de compartilhar a história e experiência pedagógica de produção

audiovisual escolar vivenciada com esse projeto, foram atualizadas as autorizações de algumas produções que são analisadas no capítulo.

O terceiro capítulo aborda a análise das respostas apresentadas nos questionários aplicados aos participantes. Foram convidados 12 estudantes egressos do projeto de diferentes edições, porém 11 responderam no prazo, e 3 responsáveis legais por esses participantes. A partir de suas respostas e relatos sobre suas experiências com a linguagem audiovisual, são apresentadas reflexões acerca dos aspectos relacionados aos objetivos da pesquisa. Durante o processo de convite, aplicação do questionário e envio das respostas, houveram alguns momentos de interação entre pesquisador e participantes, realizados via WhatsApp, sobre as orientações acerca da finalidade da pesquisa.

Por fim, as considerações finais referem-se às análises das investigações propostas e resultados obtidos na pesquisa, visando a ampliação e a compreensão acerca do desenvolvimento de projetos que considerem a relação entre o audiovisual e a educação, baseada na proposta de desenvolvimento do protagonismo estudantil.

1. A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Nos dias atuais uma grande oferta de plataformas de vídeos está disponível para acessos pagos e gratuitos, como os *streamings Netflix, Disney + e Prime Vídeo*, por exemplo, e também as plataformas de vídeos on-line que possuem acesso gratuito e são utilizadas com frequência por grande parte da população, como o *YouTube, TikTok e Kwai*. Nas plataformas de vídeos on-line, além do acesso aos vídeos já disponíveis, existe também a possibilidade de criação e compartilhamento de conteúdos audiovisuais dos mais variados gêneros, que vão desde palestras, documentários, trechos de filmes, curtas, clipes musicais e conteúdos dos mais diversos assuntos criados por uma infinidade de influenciadores digitais, *youtubers* e *tiktokers*.

Como já foi dito pelo mestre Glauber Rocha, “com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, qualquer pessoa se torna capaz de produzir vídeos que retratem alguma situação do cotidiano, seja ela uma história real ou ficcional. Hoje, com a frequente utilização dos aparelhos celulares conectados à internet, com inúmeros recursos tecnológicos, entre eles a possibilidade de captação e edição de imagem, temos uma grande parcela da população consumindo e produzindo conteúdos nas mais variadas plataformas. Ou seja, ao longo dos últimos anos emerge uma “mudança gradual dos papéis dos/as usuários/as, que deixam de ser espectadores/as e passam a ser produtores/as, seja de blogs, de fotografias e/ou vídeos” (FARIA E AZEVEDO *et al.*, 2017, p. 36).

Nesse sentido, é necessário compreender que temos uma significativa parcela da população inserida nesse contexto das redes: crianças e adolescentes.

Assim, não só os vídeos estão na rede, mas os alunos produtores são também participantes ativos da sociedade em rede e tem acesso a diversos outros materiais audiovisuais produzidos no âmbito do ciberespaço, sejam eles produtos audiovisuais das mídias de massa ou não. Dessa maneira, acreditamos que o primeiro passo para se pensar a escola contemporânea é entender como esse universo e sua produção cultural estão distanciados, tensionados ou integrados nesse recente ambiente das redes do qual a internet é a grande porta de entrada. (FARIA E SILVA, 2022, p. 26).

Ou seja, a relação desses estudantes com as informações e conteúdos, e consequentemente a forma como eles compreendem o espaço escolar e suas relações de aprendizagens, são alteradas. Pode parecer até óbvio demais, mas uma

das etapas fundamentais de percepção desse cenário de transformação e mudanças promovidas por meio dos avanços tecnológicos, é compreender que a criança e o adolescente de hoje possuem interesses diferentes daqueles do mesmo público de alguns anos atrás. O jovem de hoje está cada vez mais ativo diante das informações e principalmente dos meios de comunicação, haja vista, sua conexão constante com as redes sociais, plataformas de *streamings* e canais de conteúdos on-line, que há 20 anos não existiam, por exemplo.

Considerando o avanço tecnológico ocorrido ao longo dos últimos anos, é extremamente perceptível a velocidade frenética das mudanças, descobertas e produções nesse meio, com diversos aparelhos sofisticados, *softwares*, *hardwares*, aplicativos e mais recentemente, os recursos de inteligência artificial e automação de tarefas. Inserido nesse cenário, no entanto, ainda temos modelos educacionais e organizações de ensino que ainda insistem em modelos tradicionais, por vezes até resistentes às novas tecnologias, desconsiderando muitas vezes, que os estudantes atuais já não são iguais aos de vinte ou trinta anos atrás, que identificavam e consideravam o momento de sala de aula, com muita explicação do professor, excesso de texto no quadro e várias cópias no caderno, como a principal fonte de acesso aos conteúdos a serem estudados. O estudante atual possui uma dinâmica e ritmo de estudo bem diferente daquele que fomos acostumados a estudar e aprender.

Nesse sentido, diante das áreas de interesse desses estudantes e do contato frequente com a tecnologia, com as mais variadas formas de acesso às informações e considerando o papel do professor como intermediador de diversos conteúdos e saberes, precisamos considerar novas dinâmicas de ensino.

Em uma sociedade mediatizada, deparamo-nos não apenas com diferentes “saberes”, mas com múltiplas formas de mediação e difusão desses saberes. Consequentemente, são modificados os modos de aprender relativos a esses saberes. Vale ressaltar que, no atual momento civilizatório, a tecnologia não agrega somente novos artefatos e novos modos de fazer, introduz também outra dinâmica em que o tempo e o espaço são reelaborados, produzindo novas formas de relacionamento entre as pessoas. (GURGEL, 2010, p.3).

Segundo Gurgel (2010, p.3), ao analisar a relação entre a educação e a comunicação, a segunda geralmente é reduzida somente à função instrumental, deixando escapar assim, as possibilidades estratégicas. Quais possibilidades? Identificamos, de maneira geral, uma certa desvalorização em relação à oralidade e consequentemente à realização de atividades e organizações didáticas que

privilegiem o protagonismo estudantil, o diálogo e a manifestação da criatividade por meios não convencionais de ensino, como o tradicional quadro – caderno – explicação do professor. Nesse sentido, é importante buscar novas metodologias que possam aliar os conteúdos do currículo aos interesses dos estudantes.

Nesse contexto, considerando as potencialidades da utilização do audiovisual como sistema de produção, comunicação e aprendizagem, por exemplo, acreditamos que seja possível avançar algumas etapas em relação aos modos de ver, pensar, aprender e produzir dos nossos estudantes. Como já dito anteriormente, muitos desses estudantes acessam e produzem diversos conteúdos on-line. Mas será que esses mesmos estudantes reconhecem as possibilidades e potencialidades presentes numa produção audiovisual própria? E qual seria o papel da escola e do professor nesse cenário?

Diante dessas e outras indagações relacionadas à linguagem audiovisual, acreditamos na importância do olhar atento do professor em relação à comunidade escolar em que está inserido, além da flexibilidade e organização curricular que possa privilegiar e proporcionar espaços para o desenvolvimento da criticidade desses processos de consumo e produção audiovisual.

Nesse aspecto, o trabalho pedagógico envolvendo o audiovisual dentro do espaço escolar apresenta novos caminhos de experiências artísticas, como aponta Gurgel (2010):

As negociações entre professor e aluno concretizam diversas experiências culturais, fazendo da realidade um plano multifacetado, no qual os sujeitos aprendem a pensar o “eu” e o “outro” num processo interativo, aproximando, justapondo os contrários, situando o olhar nas fronteiras. Nesse contexto, a produção audiovisual nos espaços escolares nos remete ao pensamento de que vivemos um momento histórico em que a mídia eletrônica deveria ser encarada — ao contrário daquilo que muitos discursos apocalípticos pregam — como um fato da cultura, que exprime nossa complexidade e nossas contradições. (2010, p. 7).

Ou seja, a percepção e a análise do contexto em que os estudantes estão inseridos, aliada às possibilidades criativas de quem utiliza o audiovisual, possibilita que temas de interesse e relevantes para os grupos de estudantes sejam debatidos e analisados (MOREIRA, 2024). Assim, é possível construir caminhos e novos cenários que possam transformar a prática educativa em algo significativo, inserido e acessível à realidade a partir da curiosidade e da necessidade dos estudantes.

O processo de mediação realizado pelo professor durante as aulas é apenas uma das etapas para que o processo criativo possa ser desenvolvido pelos estudantes, considerando assim, além de aspectos teóricos e técnicos da linguagem audiovisual, a relação das áreas de interesse e temáticas a serem abordadas diante das habilidades dos estudantes e suas propostas artísticas e criativas.

Durante o processo de produção audiovisual escolar, várias habilidades e perfis são necessários. Segundo Moira Toledo (2020),

Quando você vai fazer um vídeo, em um grupo, são muitas habilidades que são necessárias, habilidades diferentes. Então, quando você pensa numa diversidade de uma sala de aula, nem todo mundo é igual. (...) e na produção audiovisual todo tipo de pessoa cabe. (...) Então, o audiovisual em si, ele é extremamente inclusivo, tem lugar pra todo mundo num processo audiovisual. (TOLEDO, 2020, 13m21s).

Portanto, além de oportunizar o desenvolvimento e a percepção de diversas habilidades e competências, ao apreciar, elaborar, produzir e apresentar produções audiovisuais, os estudantes adquirem a possibilidade de aprender e aprimorar seus conhecimentos tanto no âmbito da linguagem audiovisual quanto em aspectos sociais, tais como o desenvolvimento do poder de síntese, cooperação, trabalho em equipe, tomada de decisões, liderança e resoluções de problemas (MOREIRA, 2024).

Durante o processo de criação dos produtos audiovisuais escolares, que geralmente inicia no aspecto teórico e segue para as etapas práticas de pré-produção, produção e pós-produção, considerando a experiência vivenciada no projeto Festival de Curtas do CEF 602, cada grupo de estudantes vai se deparando com diversas questões, desde a definição em consenso do tema do filme ou videoclipe, por exemplo, quanto à escolha estética e do gênero que será filmado buscando entregar o melhor resultado. E como toda produção artística, nem sempre tudo caminha da melhor forma... Algumas escolhas erradas, contratempos e imprevistos sempre surgem no decorrer do processo artístico. E é também nesses momentos, de qualquer etapa de produção e organização dos grupos, que a figura do professor intermediador deve proporcionar ajustes, reflexões e novos caminhos (MOREIRA, 2024). Considerando essas possibilidades e adversidades presentes em qualquer processo de produção artística, João Rafael Barbosa (2020), aponta que

Um artista da cena, um pintor, um compositor ou mesmo um escritor inevitavelmente se deparam com um manancial infindável de possibilidades no ato da criação; no entanto, o que inicialmente sugere um deleite posteriormente pode desaguar em um processo de crise e angústia. Decidir qual percurso eleger para ancorar suas ideias não se

constitui, *a priori*, tarefa simples, posto que o ato inventivo atua nas subjetividades inerentes à condição humana. (BARBOSA, 2020, p. 38).

E é nesse infindável manancial de possibilidades, como reflete Barbosa (2020), que os estudantes podem adquirir espaços e momentos de protagonismo, aprendendo não somente conteúdos relacionados à linguagem audiovisual, mas também, desenvolvendo outras habilidades de aprendizagens que perpassam os processos artísticos coletivos, como é o caso da produção de um produto audiovisual escolar.

1.1. O audiovisual na sala de aula

Partindo de percepções da realidade escolar ao longo de experiências vivenciadas durante os momentos de coordenação e planejamento de atividades, e considerando também as etapas realizadas ao longo dessa pesquisa e nossa experiência prévia, foi possível identificar diferentes formas de compreensão e utilização do audiovisual em sala de aula. Ao pensar em propostas envolvendo o audiovisual na escola, logo a maioria dos professores podem responder que costumam utilizar esse recurso para a exemplificação ou ilustração de algum conteúdo, ou então, como recurso tecnológico que possibilite tornar a aula mais interativa e dinâmica, com slides e vídeos, por exemplo. Em outras ocasiões, alguns professores podem refletir e destacar aqueles momentos em que separam algumas aulas ao longo do bimestre para a turma assistir um filme, considerando algum dia temático relacionado a um projeto ou um filme que a turma tenha interesse em ver, como momento de lazer.

Em consonância a tal observação, numa pesquisa realizada com 213 professores da rede pública de educação básica de locais como Belo Horizonte e Região Metropolitana; cidades do interior de Minas Gerais; Rio Branco - Acre; Salvador; Vitória da Conquista e Teixeira de Freitas - Bahia; e Santa Maria - Rio Grande do Sul, foram aplicados questionários que buscavam identificar, entre outros aspectos, algumas razões e finalidades pelas quais os professores consideravam utilizar o cinema em suas práticas pedagógicas. Diante da categorização realizada a partir das respostas dadas sobre essa questão, foi identificado

[...] que eles/as exibem filmes para seus estudantes com os seguintes objetivos: para ilustrar o conteúdo disciplinar; para promover a reflexão sobre temas importantes da contemporaneidade e para ampliar a

bagagem cultural dos estudantes, como também para favorecer experiências lúdicas de aprendizagem. Eles e elas acreditam também que levar o cinema à escola pode trazer mais prazer e alegria, mais reflexão e criticidade aos processos que ali se desenvolvem. Ainda conforme as respostas dadas nos questionários, aqueles/as docentes querem oferecer vivências escolares que sejam interessantes e diferenciadas para os estudantes, como também esperam que o cinema exerça uma influência significativa na formação moral das crianças e dos jovens que educam. (LEAL *et al.*, 2017, p. 48).

Porém, em algumas realidades escolares, também podemos encontrar projetos relacionados à cineclubes, mostras e festivais de curtas, onde o audiovisual não é entendido apenas como recurso, mas como linguagem dotada de um processo de aprendizagem de leitura e produção, uma vez que diversas narrativas são elaboradas e apresentadas de maneiras diferentes por meio de imagens e sons.

Considerando a forma como o audiovisual pode ser interpretado e utilizado no espaço escolar, consideramos aqui a análise realizada por Alain Bergala (2008) e defendida por Barbosa (2020) destacando possibilidades de práticas docentes em diferentes perspectivas de abordagem:

[...] a primeira vincula-se à ideia de uso do filme como ferramenta pedagógica, ou seja, a obra audiovisual insere-se no cotidiano escolar para ilustrar o conteúdo de um determinado componente curricular, ou mesmo o uso da linguagem enquanto dispositivo para iniciar discussões associadas a um determinado tema de interesse, sendo, portanto, uma perspectiva instrumental da linguagem. Situada nos aspectos relativos à apreciação e análise, a segunda entende o audiovisual como uma linguagem constituída de códigos e significações próprias e que, por essa razão, precisa ser estudada e apreciada levando em conta suas dimensões éticas e estéticas. A terceira compreende o binômio audiovisual e educação nos ambientes formais e informais de ensino, como gesto de criação, ou seja, as práticas docentes devem privilegiar os processos de invenção. (BARBOSA, 2020, p. 17).

A partir dessa reflexão sobre algumas diferentes abordagens escolares em relação à utilização do audiovisual na escola, podemos identificar e reconhecer dimensões importantes em cada uma delas. Ou seja, não consideramos que uma abordagem seja mais importante que a outra, ou que uma abordagem só possa ser utilizada em detrimento de outra. A proposta é identificar e compreender como essas utilizações do audiovisual apresentadas por Bergala (2008) se relacionam entre si, até como uma possível construção de etapas metodológicas para o alcance de objetivos relacionados a um projeto, ou como processo em que professores e estudantes possam identificar as potencialidades presentes na utilização do audiovisual como

linguagem que possui recursos e significados próprios que possibilitem o desenvolvimento de aprendizagens múltiplas.

A primeira abordagem sugere a utilização do audiovisual como ferramenta e recurso pedagógico para a explicação de conteúdos. É compreendida de forma instrumental a partir da necessidade de mudança e busca metodológica que auxilie na interpretação, exemplificação e experiências de conteúdos. Ao realizar essa escolha, os professores podem estabelecer uma nova dinâmica metodológica para as suas aulas, haja vista às possibilidades de interação dos estudantes com esse material e a forma como o conteúdo pode ganhar vida e significado através de imagens e sons, diferente do modelo tradicional do professor, quadro, livro e caderno.

Já a partir da segunda abordagem, o audiovisual é entendido e utilizado como linguagem, considerando os seus códigos e significados. Como já foi dito anteriormente no início do capítulo, as crianças e adolescentes do mundo atual estão imersas a ambientes que possibilitam o acesso e o contato com produtos audiovisuais de diversos formatos, sejam os vídeos virais postados nas plataformas on-line como *TikTok*, *Kwai* e *Shorts* do *YouTube*; sejam filmes, animes e videoclipes que eles consomem; ou então, também produtos audiovisuais apresentados por meio da televisão como novelas, programas de entretenimento, reality shows e propagandas.

Podemos mencionar, também, a prática pedagógica realizada por professores que desenvolvem um trabalho de repertório estético, como formação do olhar, como sugere Faria e Silva (2022). Esses professores geralmente fomentam exposições de filmes alternativos ou considerados “de arte”, criam cineclubes, convidam cineastas para exposições e debates.

Nesse aspecto, considerar o audiovisual como linguagem possibilita ao professor propor momentos de apreciação e análise dessas narrativas considerando contextos, interesses e objetivos próprios de quem produz e divulga esses produtos audiovisuais, além do estudo acerca dos elementos próprios da linguagem e de seus profissionais.

Ao analisar a terceira abordagem de utilização do audiovisual na escola, como gesto de criação, podemos notar que nessa abordagem temos professores e escolas compreendendo o audiovisual como linguagem e espaço propício para o desenvolvimento de invenções criativas, debates, desenvolvimento de habilidades e sobretudo o protagonismo estudantil. Ou seja, aqui o audiovisual pode alcançar uma infinidade de dimensões, sejam elas relacionadas à produção de conteúdos escolares

ou então, no viés próprio da linguagem artística, proporcionando assim, desdobramentos para além das salas de aulas, como projetos escolares, envolvimento com a comunidade escolar e até novas possibilidades de encaminhamentos acadêmicos e profissionais. Nesse aspecto, “é necessário não só amparar os alunos com os conhecimentos básicos sobre a produção audiovisual, mas, sobretudo, retirá-los da posição de meros espectadores.” (FARIA E SILVA, 2022, p.19).

Considerando a experiência realizada ao longo dos anos de realização do projeto Festival de Curtas do CEF 602, e o processo de realização dessa pesquisa, é possível destacar que tais abordagens supracitadas são utilizadas em momentos diferenciados da aplicação do projeto. Porém, vale ressaltar que o projeto visa, principalmente, alcançar sempre ao final o objetivo proposto pela terceira abordagem relacionada aos gestos de criação, com a identificação e construção de narrativas próprias que oportunizem o protagonismo dos estudantes. Pois como defende Faria e Silva,

Nossa questão, portanto, não é a produção audiovisual de maneira operacional. A produção audiovisual como potencialidade de se constituir em uma prática crítica na cultura escolar implica ampliar as potencialidades de crítica (com a produção dos vídeos) e de formação do olhar (com a reflexão sobre a linguagem audiovisual em seu fazer). E essa capacidade de produzir um conteúdo audiovisual ajudará o aluno a constituir uma capacidade crítica e interpretativa, seja de um filme clássico em preto e branco, um anúncio publicitário, uma fala governamental ou oposicionista, ou uma novela. (FARIA E SILVA, 2022, p. 40)

Assim, tal prática pedagógica, utilizando a linguagem audiovisual considerando tanto os aspectos relacionados ao processo de criação quanto a elaboração e produção de narrativas próprias, oportuniza aos estudantes, também, a ampliação de espaços para a expressão de percepções de mundo, emoções e temáticas de interesse dos grupos.

1.2 - A produção audiovisual escolar na SEEDF

Ao tratar das abordagens descritas acima, também devemos considerar aspectos relacionados tanto ao currículo proposto pela SEEDF, o Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018), a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (BRASIL, 2018) e as mais diversas realidades de organização das escolas, tanto no

âmbito administrativo quanto pedagógico, e os seus espaços físicos. Quanto ao Currículo em Movimento, o documento sugere alguns conteúdos utilizando a linguagem audiovisual e possibilidades de atividades em disciplinas como Arte, Língua Estrangeira, Língua Portuguesa e História, por exemplo, como a produção de curtas-metragens com o uso de ferramentas digitais como o celular; e produções cênicas e visuais relacionadas ao cinema (MOREIRA, 2024).

No que se refere às organizações pedagógicas e de espaços físicos, a SEEDF possui realidades variadas tanto a nível de regionais de ensino, quanto às etapas e modalidades a serem consideradas. São muitas as variantes presentes nessa análise, visto que não há uma homogeneidade de espaços físicos e modelos pedagógicos de escolas.

Ao longo das experiências vivenciadas por este pesquisador, foi possível identificar e dialogar com outros projetos de produção audiovisual escolar semelhantes ao desenvolvido no CEF 602 do Recanto das Emas. Tais diálogos ocorreram principalmente a partir da experiência vivenciada pelo pesquisador durante a produção dos quadros e entrevistas para o programa “Audiovisual e Educação” produzido e exibido pela Ema Filmes no Canal TV IFB, durante o período de isolamento social e paralisação das aulas presenciais ocorrido na pandemia de COVID-19, em 2020. Esse processo de trocas de experiências com outros educadores da SEEDF, evidenciaram dificuldades e realidades sempre presentes nesse tipo de projeto pedagógico.

Para além das semelhanças, considerando os cenários em que estavam inseridos, tais projetos apresentavam algumas diversidades, incluindo por exemplo, professores de diferentes áreas de conhecimento desenvolvendo projetos de audiovisual e abordagens em momentos/espços diferentes do horário de sala de aula regular. Cabe destacar, portanto, algumas variáveis relacionadas ao tempo e espaço dedicado à realização dos projetos de audiovisual: a carga horária de um professor de Arte e de um professor de História, por exemplo, são diferentes; um projeto de audiovisual desenvolvido durante os atendimentos realizados por professores do ensino integral, também adquirem carga horária específica; entre outras.

Consideremos então, alguns aspectos específicos da realidade e da carga horária da disciplina de Arte nos Anos Finais do Ensino Fundamental regular e urbano, etapa e modalidade de ensino na qual o projeto Festival de Curtas do CEF 602 está inserido. São destinadas duas aulas semanais de cinquenta minutos ao componente

curricular de Arte nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em algumas realidades escolares, o professor de Arte também pode assumir a disciplina de Parte Diversificada - PD, onde pode elaborar e propor junto à equipe gestora o desenvolvimento de projetos relacionados à sua área. Tal disciplina tem uma aula de cinquenta minutos por semana. Considerando esse cenário, o professor de Arte teria, portanto, três aulas ao longo da semana com essas turmas. Mas há de se considerar não só a carga horária destinada ao componente curricular, mas também o espaço físico, a organização da escola e o currículo proposto para a disciplina.

O CEF 602, por exemplo, possui vinte salas de aula regulares divididas em um único prédio de dois pavimentos. Cada professor possui uma sala ambiente, ou seja, um espaço dedicado exclusivamente para a sua disciplina, que ao finalizar o horário de aula, os estudantes realizam a troca de sala para a disciplina seguinte do horário escolar. Nesse aspecto, tal estrutura facilita parte do trabalho pedagógico dos professores considerando a possibilidade de organização do espaço e materiais pedagógicos. Porém, devemos ponderar a respeito da relação entre o espaço/tempo e sons emitidos durante as aulas de Arte ou de qualquer outra disciplina que escolha desenvolver atividades e projetos utilizando o audiovisual.

Ao escolher exibir um filme longa-metragem, por exemplo, o professor não conseguirá concluir a exibição em um único horário de aula regular. Caso ocorra em ter horário duplo seguido com a mesma turma, a depender do tempo de duração do filme, talvez fique faltando exibir os minutos finais da obra. Ou seja, durante as aulas regulares a exibição e análise de um longa-metragem são prejudicadas. Para amenizar tal prejuízo, uma sugestão para o professor seria dividir e organizar previamente o longa-metragem em partes, a fim de que a obra possa ser contemplada e debatida na sua totalidade, mesmo que tenha seu processo de fruição fragmentado e seriado. Nesse sentido, Faria e Silva destaca que

[...] é sempre muito difícil trabalhar com a produção audiovisual dentro de uma grade horária com aulas de cerca de 50 minutos separadas por disciplinas. A produção audiovisual escolar quando é feita, implode a clausura da sala de aula, mistura as disciplinas, integra professores, espalha os alunos pela escola, pelo bairro e pela cidade. Ela é uma prática escolar simultaneamente, criativa e destrutiva, atual e incômoda. (FARIA E SILVA, 2022, p. 38)

Outro exemplo de ordem prática diz respeito às atividades com utilização de aparelhos celulares em espaços externos ao da sala de aula. A depender da escola, organizar e separar espaços apropriados para que os estudantes possam realizar

exercícios de captação de imagens e sons ou a própria gravação de cenas, sem incomodar a rotina escolar, requer um trabalho cansativo. Como destaca Migliorin (2014, p. 4), o professor que opta por realizar um processo formativo onde haja espaços que facilitem a emancipação, reconhece que isso não se faz sem percalços. Nos próximos capítulos serão exemplificadas e analisadas algumas dessas e outras situações vivenciadas ao longo da realização do projeto Festival de Curtas do CEF 602.

A SEEDF possui parâmetros e diretrizes que orientam o trabalho com a linguagem audiovisual nas escolas do DF, baseadas no Currículo em Movimento e alinhadas aos conteúdos propostos pela BNCC. Porém, diante de cenários com realidades diversas e complexas, e sempre com interferências políticas diretas e indiretas, muitas das iniciativas e práticas pedagógicas propostas são afetadas.

Em 2016, sob a organização da Gerência de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas - GMIP, e em comemoração aos 20 anos de Canal E¹, foi realizado o “I Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais: Perspectivas para o Audiovisual na Educação Básica do Distrito Federal”. O seminário promoveu mesas de debates, oficinas e workshops com importantes pesquisadores em cinema, audiovisual e educação do Brasil com a participação de professores da SEEDF que realizavam ações e projetos nessas áreas e demais interessados nas temáticas propostas. Além da formação continuada para professores, tal evento resultou em uma carta com sugestões de parâmetros e diretrizes que pudessem instituir e assegurar a educação audiovisual como política pública nas escolas do DF, como relembra e destaca Cordeiro (2023):

As reflexões trazidas pelos palestrantes e, fundamentalmente, a experiência apresentada pelo prof. Moira Toledo na “Educação Audiovisual Popular (EAP)” apontaram para a necessidade de estabelecer alguns parâmetros e diretrizes que pudessem nortear o campo da “educação audiovisual” que se pretendia na escola e, sobretudo, a serviço de quem estaria inserido nessa política pública. Questões consideradas nas ações técnico-pedagógicas que se seguiram.

¹ “A Gerência de TV Educativa - Canal E, tornou-se um centro de referência de pesquisa e de produção de programas educacionais e de cultura com um olhar inovador, crítico, responsável e criativo. Assim, realiza programas audiovisuais e vídeos educativos que suscitam o debate de conteúdos específicos e a formação continuada dos educadores, proporcionando aos estudantes um caminho privilegiado para a formação dos sujeitos em uma sociedade midiaticizada por meio da participação deles nos programas e por disponibilizar um recurso pedagógico mais dinâmico e moderno.” (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2016 in CORDEIRO, 2023, p. 23)

A carta foi entregue ao Secretário de Educação ao final do evento como uma forma de marcar politicamente o ato. A partir dela e das experiências com as demais ações da Gerência, originou-se a Portaria no 307, DODF, de 02 de outubro de 2018. (CORDEIRO, 2023, p.32)

Tal portaria a qual Cordeiro (2023) se refere, busca:

Art. 1º. Instituir, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, a Política de Educação Audiovisual, a ser desenvolvida pelo Sistema de Ensino e suas instituições, com o objetivo de orientar ações articuladas.

Art. 2º. A Política de Educação Audiovisual diz respeito aos direitos culturais que asseguram o acesso a produtos audiovisuais qualificados e aprendizagens essenciais que favoreçam a produção ativa de conteúdos por estudantes e professores, bem como a apreensão crítica da linguagem audiovisual e midiática (Portaria nº 307, DODF, 2018).

Diante desta portaria e de outras iniciativas já existentes e promovidas pelo Canal E e a GMIP, como o Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal que ocorria anualmente com produções de estudantes do ensino fundamental e médio, parecia que um cenário promissor estava sendo construído e projetado com novas possibilidades de estruturação e consolidação de redes de experiências entre os professores da SEEDF. Porém, com o passar dos anos a realidade foi sendo apresentada de uma forma diferente, reverberando nas escolas.

Durante o período de isolamento social e paralisação das aulas presenciais devido a COVID-19, a SEEDF como outras secretarias de educação do Brasil, buscou alternativas para a realização de aulas e atividades de ensino remoto. Entre as diversas iniciativas, era perceptível a necessidade em compreender e utilizar recursos tecnológicos e de linguagem audiovisual que se mostravam complexos para grande parte dos professores e estudantes da rede. Diante do panorama discrepante da realidade ocasionado pela pandemia, os professores precisaram estabelecer novos meios que pudessem promover a continuidade do processo de aprendizagem dos estudantes.

A SEEDF então adotou alguns parâmetros para minimizar as perdas pedagógicas dos estudantes e promoveu formações para capacitar os professores em relação à utilização de ferramentas tecnológicas e criação de conteúdos. Nesse momento, muitos professores puderam conhecer e compreender novas ferramentas, recursos e linguagens que não utilizavam em suas práticas pedagógicas presenciais. Alguns professores se identificaram com as produções de videoaulas para auxiliar os estudantes e a criação de vídeos curtos, encaminhados pela plataforma Google

Classroom, adotada pela SEEDF, ou compartilhadas em grupos de WhatsApp. Inclusive, a EAPE ofertou nesse mesmo período um curso de formação voltado aos professores com orientações práticas para a gravação de videoaulas com o aparelho celular. Cada vez mais era evidenciada a importância e a necessidade em compreender e utilizar a linguagem audiovisual nas práticas pedagógicas do século XXI.

No entanto, mesmo com todas essas e outras ações importantes voltadas para esse aperfeiçoamento profissional e que pudessem promover mudanças significativas ao retornar para o ensino presencial, a SEEDF extingue o Canal E e a diretoria responsável por algumas dessas iniciativas:

[...] no fim do primeiro ano pandêmico, o Canal E é definitivamente extinto, juntamente com a Diretoria de Inovação e Mídias Digitais DINOV e com a Subsecretaria de Inovação e Tecnologias Pedagógicas e de Gestão/SINOVA, às quais estávamos subordinados, com mais uma reestruturação política da Secretaria. (CORDEIRO, 2023, p. 35).

Mais uma das incoerências que interferem diretamente nas práticas docentes. Como assegurar então uma educação tecnológica e audiovisual nas escolas públicas do DF diante dessas e outras adversidades frequentes? Mais uma vez a história mostrando como professores e professoras que acreditam numa educação pública de qualidade sempre precisam batalhar e reivindicar por políticas públicas que assegurem o mínimo de direito aos estudantes, bem como por sua implementação efetiva, reinventando e ressignificando espaços e currículos distantes da realidade e do interesse dos jovens.

Ainda no âmbito desse debate, temos a Lei 13.006 (BRASIL, 2014), que acrescenta à LDB (BRASIL, 1996), a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Estamos em 2024 e de que forma a execução dessa lei é garantida nas escolas? Escolas espalhadas pelo Brasil, que às vezes não possuem sequer acesso à internet de qualidade ou não possuem os recursos apropriados para garantir a exibição de filmes.² De que adianta ter essas leis, portarias etc. se não há consistência em sua aplicação ao longo do tempo?

² Segundo a ANATEL, em 2022 o Brasil registrou 9,5 mil escolas sem acesso à internet. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/em-2022-brasil-registrou-9-5-mil-escolas-sem-acesso-a-internet> Acesso em: 02 Jul. 2024.

1.3. A produção audiovisual e a aprendizagem baseada em projetos

Diante das particularidades e diversidades presentes nas escolas, e considerando o contexto atual da maioria dos estudantes de ensino fundamental, nativos digitais, a escola tradicional com a estrutura de disciplinas curriculares fragmentadas e com poucos desafios práticos, já não se apresenta como atrativa e fonte de significado para além das notas.

No documentário “Esquecidos: crise nos anos finais do ensino fundamental” (CORNÉLIO; SANTOS, BRASIL, 2022), professores, pesquisadores e estudantes refletem sobre o cenário atual dessa etapa de ensino e apontam algumas problemáticas frequentes como o excesso de teoria e pouca prática, o que não proporciona protagonismo aos estudantes; conteúdos que não possuem muita relevância com o cotidiano fora da escola; falta de diálogo entre os professores de diferentes componentes curriculares devido à demanda burocrática exigida deles que não disponibiliza espaço para essa troca; entre outros. No documentário, um dos especialistas em educação aponta que diante do cenário atual de algumas capitais do Brasil, o professor de anos finais do ensino fundamental possui pouco tempo e precisa responder a um sistema educacional repleto de burocracias e registros, de forma que a única maneira que alguns desses professores encontram para garantir e comprovar o seu trabalho é no processo de transmissão de conteúdos, com muito texto no quadro e do livro e pouco diálogo.

Consequentemente, as escolas, de maneira geral, por conta desses sistemas de ensino, acabam esquecendo as metodologias que priorizam as práticas e o protagonismo estudantil, baseando-se assim, numa educação conteudista, de muitos registros e pouco significado transformador.

Porém, a partir dessas percepções, muitas escolas buscam constantemente refletir e colocar em prática novas propostas metodológicas que possam despertar o interesse pedagógico e educacional dos estudantes.

Entre algumas dessas propostas metodológicas, os professores optam por considerar as metodologias ativas, que visam colocar o estudante como foco central do processo de ensino aprendizagem, considerando assim, o contexto e as particularidades das turmas a fim de desenvolver e favorecer o processo de protagonismo e autonomia dos estudantes. Assim, a proposta de metodologias ativas tem como objetivo principal estimular o interesse dos estudantes, por meio de desafios

e atividades práticas, por exemplo, sobre assuntos, temas e conteúdos selecionados em mais de uma área do conhecimento, desenvolvendo diferentes aspectos conceituais e habilidades individuais e coletivas.

Destacamos a Aprendizagem Baseada em Projetos - ABP, entre as possíveis metodologias ativas, que propõe aos estudantes a realização de projetos com o propósito de integrar mais de uma área do conhecimento, envolvendo a pesquisa e a prática num processo de investigação e alcance do desenvolvimento de um produto final, a partir de problemas reais. Tal metodologia visa desenvolver e despertar habilidades de pesquisa, processos colaborativos em equipe, pensamento crítico, resolução de problemas, pensamento sistêmico e percepção interdisciplinar, por exemplo, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, desafiador e envolvente para os estudantes.

Nesse sentido,

Evidencia-se assim que o trabalho com projetos inverte a lógica do currículo definido em grades de conteúdos temáticos estanques, induzindo o professor a colocar em jogo as problemáticas que permeiam o cotidiano. As questões e os conceitos do senso comum que emergem no diálogo com o aluno são então transformados em questões e temas a serem investigados por meio de projetos. Porém, no trabalho com projetos há de se ir além da superação de desafios, buscando desvelar e formalizar os conceitos implícitos no desenvolvimento do trabalho para que se estabeleça o ciclo da produção do conhecimento científico que vai tecendo o currículo na ação. (ALMEIDA; MORAN, 2005, p. 10)

Assim, considerando a dinâmica escolar tradicional, a ABP propõe uma ruptura conceitual e estrutural, o que também apresenta um panorama de desafios para os professores. Além de identificar e compreender as particularidades e potencialidades das turmas e dos estudantes, o professor que se propõe a trabalhar com a ABP também precisa definir objetivos e metas interdisciplinares que possam atender ao desenvolvimento dos estudantes como sujeitos ativos e protagonistas, estabelecendo o diálogo com os demais professores de outras áreas do conhecimento. Num primeiro momento tal tarefa pode soar como algo que requer muito mais trabalho do que uma metodologia tradicional de sala de aula. No entanto, o que inicialmente se apresenta como tarefa difícil, quando bem planejada e executada, pode proporcionar grandes avanços durante o percurso, tanto no aspecto pedagógico quanto disciplinar, uma vez que a ABP não se limita somente a conteúdos previstos no currículo e sim, na construção e produção de conhecimentos e cidadania.

Considerando especificamente a realidade e a experiência realizada com o projeto do Festival de Curtas do CEF 602, foi possível identificar e perceber ao longo dos anos, a partir da forma como os estudantes se envolviam com o projeto e encontravam soluções para a resolução dos problemas e consequentemente a produção dos filmes, que o desenvolvimento de projetos escolares que possibilitam integrar várias áreas do conhecimento, além de disponibilizar o diálogo e debate acerca de temáticas de interesse dos estudantes torna o processo de ensino-aprendizagem mais desafiador, motivador e com novos significados. Em consonância com Maria Elisabette Brisola Brito Prado (2005), acreditamos que

(...) o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. (PRADO, 2005, p. 13)

Portanto, diante dessa proposta metodológica, como defende Prado (2005) o professor precisa ter clareza sobre a sua intencionalidade pedagógica, identificando os momentos e as formas de intervir no processo de desenvolvimento do projeto e aprendizagem do estudante, de forma a garantir que os conceitos estudados possam ser compreendidos, sistematizados e formalizados nas práticas dos estudantes. Ao nos referir especificamente a um projeto que envolve a linguagem artística como área principal do projeto, há de se considerar um certo cuidado e particularidade ainda presente na área artística escolar. Há algum tempo atrás, circulava entre os professores e consequentemente alcançava toda a comunidade escolar, que o ensino de arte escolar era voltado para atividades artesanais, sem fundamentação teórica e a disciplina também tinha como um dos seus aspectos proporcionar o “livre fazer” no processo criativo. A partir dessas concepções, por vezes, extremamente rasas e errôneas, o ensino de arte, por várias vezes, era considerado como algo menor em algumas escolas e o processo criativo pautado no livre fazer sem intencionalidade pedagógica, perigosamente abria espaço para práticas decorativas/recreativas, como decoração de murais temáticos ou momento de puro lazer e sem significado pedagógico.

Logo, ao desenvolver e realizar um projeto que envolva a linguagem artística, sobretudo a linguagem audiovisual, é extremamente necessário definir e organizar metodologicamente seus objetivos e intencionalidades não só na área do componente curricular de Arte, mas com os demais componentes curriculares escolares, identificando como cada um pode integrar tal projeto e auxiliar no desenvolvimento das temáticas definidas.

Ainda em consenso com Prado (2005), é preciso considerar que o trabalho com a ABP possui três aspectos fundamentais que o professor precisa refletir: “as possibilidades de desenvolvimento de seus alunos; as dinâmicas sociais do contexto em que atua e as possibilidades de sua mediação pedagógica” (PRADO, 2005, p. 13), pois o projeto é um espaço propício ao estabelecimento de relações interpessoais, tanto no âmbito dos discentes quanto dos docentes, que irá estabelecer novas dinâmicas e rotinas pedagógicas.

Com a possibilidade de diálogo entre os componentes curriculares diante a realização do projeto, tal metodologia permite romper com as barreiras disciplinares impostas pelo currículo e a organização do ensino tradicional, propondo estabelecer elos entre as diversas áreas do conhecimento, a fim de promover uma aprendizagem mais abrangente e global do que aquela separada pelo sinal de troca de horários. Prado (2005) ainda alerta sobre o cuidado para que não haja uma justaposição ou subutilização de uma ou outra disciplina ou área do conhecimento no projeto, ou ainda, que o foco seja somente a relação interdisciplinar sem prever os momentos e particularidades específicas de cada disciplina.

No caso da realização de projetos que envolvam linguagens, como o caso do audiovisual, por exemplo, a proposta não é focar no ensino técnico da linguagem buscando o aprofundamento e profissionalização na área, sobretudo na etapa do ensino fundamental. A proposta é identificar e estabelecer a relação entre audiovisual e educação, reconhecendo as suas particularidades e seus pontos de interseção que possam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de arte e demais áreas do conhecimento escolar.

Na realização do projeto do Festival de Curtas do CEF 602, por vezes, algumas dificuldades de integração e desenvolvimento das atividades interdisciplinares ocorriam no âmbito das limitações de utilização dos recursos tecnológicos por parte dos professores. Alguns professores acreditavam que era necessário a compreensão e o domínio desses recursos, como câmera e computador/celular para edição, para

que fosse possível agregar e contribuir com o projeto. A proposta da ABP que envolva tecnologia não é essa. Não se busca professores técnicos que sejam capazes de operacionalizar esses recursos, mas sim, professores que possam identificar, compreender e estabelecer relações da sua área de conhecimento com a proposta do projeto, priorizando a aprendizagem dos estudantes. Ou seja, em projetos como esse do CEF 602, presentes no PPP da escola, seria importante o conhecimento dos fundamentos da linguagem audiovisual por todos os docentes implicados na interdisciplinaridade. O que ocorreu principalmente com os professores de Língua Portuguesa, Inglês, História e Educação Física, que na grande parte da história do projeto conseguiram se integrar de forma mais ativa identificando relações com as suas áreas de conhecimento, agregando ao Festival de Curtas do CEF 602.

Estabelecer momentos de reflexão e planejamento coletivo, envolvendo todas as áreas do conhecimento, sem a sua separação em caixinhas de currículo, pode ser uma alternativa propícia para a identificação e a realização de atividades interdisciplinares que contribuam para o projeto. Porém, o que vivenciamos, na grande maioria do tempo, são momentos reservados para planejamento por área do conhecimento e individuais.

Portanto, é possível desenvolver uma aprendizagem baseada em projetos, considerando os aspectos interdisciplinares e disciplinares, desde que os profissionais envolvidos nessa ação, da equipe gestora da escola aos docentes, compreendam que o tempo dedicado para planejar e organizar as ações de um projeto é uma das principais formas de estabelecer relações significativas entre as áreas do conhecimento, o que pode proporcionar um sentimento de maior pertencimento e construção da identidade da escola. A partir de um trabalho que envolva essa metodologia, não só o grupo docente pode encontrar novos caminhos como os estudantes podem também, ressignificar suas aprendizagens, conceitos e encontrar novas estratégias para dar sentido a determinados conteúdos.

2. FAZER CINEMA NA ESCOLA

Ao analisar e pensar em possibilidades de entrada do cinema na escola, podemos destacar algumas possíveis iniciativas como a disponibilização e criação de cineclubes; projetos em parceria com redes de cinema que oferecem passeios com preços mais atrativos aos estudantes; parcerias com cinemas itinerantes ou ao ar livre; formações e oficinas em parceria com profissionais do audiovisual presentes na comunidade; e atividades direcionadas em aulas específicas, seja no formato de projetos ou de análise fílmica, por exemplo.

No entanto, mesmo de forma generalizada, o que se tem observado e vivenciado ao longo dos últimos anos ainda é a utilização do cinema na escola para o preenchimento de aulas livres, com o viés geralmente voltado somente para o lazer. Quando sobram aulas ao final do bimestre, ou então em alguns casos, quando há a ausência de professor, podemos observar em algumas escolas o preenchimento dessas lacunas com a exibição de filmes sem propósito pedagógico. Já como lazer, são oferecidos passeios e premiações de gincanas escolares, buscando em sua maioria, levar estudantes para assistir filmes *blockbusters* como os típicos filmes de super-heróis dos Universos Marvel e DC. Não estamos considerando que esses momentos de lazer sejam errados, mas reconhecendo a dinâmica da sala de aula e o repertório fílmico dos estudantes, esses momentos podem ser aproveitados e utilizados com abordagens pedagógicas para além da finalidade do lazer. Títulos da Marvel, como o filme “Pantera Negra” (Ryan Coogler, EUA, 2018), por exemplo, amplamente divulgado e assistido por adolescentes, pode proporcionar a realização de diversas atividades pedagógicas como a análise das referências históricas e culturais do continente africano, além de proporcionar a reflexão e o debate acerca da tecnologia avançada em Wakanda comparada a de países africanos. Ou seja, mesmo com títulos considerados *blockbusters* e próprios do repertório fílmico dos estudantes, é possível desenvolver abordagens pedagógicas em diversas áreas do conhecimento.

Acreditamos que é essencial o sistema educacional compreender que o cinema e a linguagem audiovisual podem proporcionar espaços de fruição, reflexão, debate e aprendizagem, considerando principalmente o perfil atual dos nossos estudantes inseridos numa sociedade dotada de diversos meios de comunicação.

Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é

conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2008, p. 70-71)

Como já apresentado no capítulo anterior, a organização escolar e as definições de currículo, cada vez mais, precisam se atualizar a formatos que possam compreender as múltiplas linguagens e a diversidade de interesses reais dos estudantes. Como refletem Pedro Demo e Renan Antônio da Silva (2020) ao analisar o texto sobre protagonismo estudantil defendido pela BNCC (2018)

[...] a escola está prostrada na rua da amargura, quase inútil para os estudantes, em especial no Ensino Médio (EM) [...]. Tomando em conta que a BNCC (2018) encaixou a ideia de protagonismo estudantil no currículo escolar, e havendo relativo consenso de que a formação socioemocional é indispensável na escola, ao lado da intelectual, cultural, formal, é preciso reconstruir a ideia na escola, implicando o que também consta na BNCC: **a recriação da escola**. (DEMO; SILVA, 2020, p. 72 grifo do autor)

Ainda segundo Demo e Silva (2020, p. 72) essa proposta de recriação da escola, sobretudo a escola pública, pautada nos “esteios importantes do protagonismo juvenil”, caso fosse levada a sério, implicaria numa mudança significativa do modelo atual. No entanto, como os próprios autores apontam, essa expectativa parece ser inverossímil. Nesse sentido, e considerando a diversidade de cenários apresentados na SEEDF, cada escola vai buscando meios e formas de recriar e visitar modelos de aprendizagens voltados especificamente para formação dos estudantes. Assim, como supracitado, acreditamos que a compreensão e a utilização do cinema e da linguagem audiovisual na escola, como gesto de criação, principalmente, pode ressignificar novas leituras de conteúdos e processos de aprendizagem.

Demo e Silva (2020, p. 84) destacam alguns possíveis riscos e interpretações equivocadas que podem ocorrer quanto à definição de protagonismo estudantil. Segundo os autores, ao utilizar tal termo, em determinadas situações, ocorrem as relações iniciais com as ideias neoliberais e a propagação do empreendedorismo, ou outros protagonismos que possam estar atrelados ao mercado, além dos discursos rasos voltados para a psicologia positiva de autoajuda. Porém, ainda segundo os

autores, e na visão da BNCC (2018), entendemos como definição de protagonismo estudantil para essa pesquisa, a aprendizagem que possua uma dinâmica autoral, onde os estudantes possam ter vez e voz ativa no contexto da comunidade educacional, apoiados em suas motivações intrínsecas, exercendo o papel de autores e não de meros espectadores e reprodutores de conteúdos. Destacamos que nesse contexto o protagonismo estudantil está atrelado diretamente ao pedagógico e ao exercício da cidadania.

Ainda em consonância com Demo e Silva (2020, p. 86), que apresentam oito cuidados de manejo na implementação do conceito de protagonismo estudantil na escola, acreditamos que tal proposta não se baseia no extremismo de largar grupos de estudantes para a escolha e definição de percursos formativos, mas sim, propiciar e valorizar atividades orientadas e avaliadas que forneçam espaço para o desenvolvimento das habilidades de pesquisa e autoria individual e coletiva.

De tal modo, em consonância com Felipe Canova Gonçalves (2019, p. 80), acreditamos na importância em reconhecer as “múltiplas escritas que hoje se estabeleceram de forma irreversível no conjunto da sociedade.” Nesse sentido, Gonçalves (2019) observa a diferença dada aos componentes curriculares no espaço escolar comparando, por exemplo, o estudo da literatura e suas obras clássicas e a pouca relevância atribuída ao audiovisual, que geralmente não recebe o mesmo cuidado e aprofundamento, seja no componente de Artes ou demais disciplinas escolares. Assim como também reflete Faria e Silva (2022, p. 19), ao comentar que “se, no dia a dia escolar, a escrita e a leitura caminham juntas com naturalidade desde os primeiros anos da educação básica, o mesmo não acontece com a linguagem audiovisual.”

Nesse sentido, o que se propõe não é um embate de forças entre um campo ou outro, ou a atribuição de importância a um campo em detrimento do outro. O que se pretende é compreender como as múltiplas escritas e consequentemente, as múltiplas leituras e interpretações de narrativas podem influenciar no desenvolvimento de outros saberes e aprendizagens.

É papel fundamental dos professores pensar e agir diante desses desafios e organizações curriculares que possam promover a realização de aprendizagens interdisciplinares que considerem as múltiplas linguagens existentes na sociedade. Um dos momentos propícios para esse debate é durante os espaços de planejamento escolar, onde o grupo de professores tem a oportunidade de planejar e elaborar suas

aulas, além de trocar informações e experiências didáticas acerca dos estudantes, tanto no aspecto pedagógico quanto disciplinar. No que diz respeito a esses aspectos, algumas falas são recorrentes nas salas dos professores, como a dispersão da atenção dos estudantes provocada, quase sempre, pela utilização de aparelhos celulares durante a aula.

Atualmente, existem estudos que refletem sobre a inserção desses aparelhos nos espaços escolares, tanto os aspectos positivos quanto negativos de sua utilização. O filme “O dilema das redes” (*The Social Dilemma*, 2020), disponível no serviço de *streaming* Netflix, por exemplo, oferece uma análise realizada por especialistas em tecnologia, explorando alguns dos impactos sociais emergentes do uso intensivo de dispositivos móveis e do aumento das interações nas redes sociais. Mesmo com tons e aspectos sensacionalistas presentes na linguagem, o documentário nos faz ir além sobre os questionamentos referentes à utilização de aparelhos celulares por crianças e adolescentes no espaço escolar.

Recentemente foi sancionada a Lei 15.100 (BRASIL, 2025), que dispõe sobre a utilização de aparelhos eletrônicos, como celulares, por estudantes nas escolas públicas e privadas da educação básica. Após longo debate, a lei visa proteger e orientar os estudantes, crianças e adolescentes, sobre os riscos para a saúde mental, física e psíquica relacionados ao uso excessivo de celulares. Além desses aspectos, destaca também, a grande dispersão ocasionada pelo uso do aparelho durante a aula, com jogos e redes sociais, e ressalta que a utilização do aparelho também é vedada durante momentos de recreio e intervalo entre as aulas, a fim de estimular e desenvolver a interação social. Porém, vale destacar que o aparelho poderá ser utilizado para finalidades pedagógicas, desde que previsto no planejamento dos professores.

Neste estudo, compreendemos algumas dessas variáveis vistas como positivas e negativas, destacando principalmente a importância da organização do trabalho pedagógico para o direcionamento de algumas abordagens utilizando essa tecnologia. Em consonância com a Lei 15.100 de 2025, uma variável que acreditamos proporcionar caminhos pedagógicos possíveis de êxito é aquela que não debate apenas a permissão ou não de aparelhos celulares, mas que possa dedicar tempo de orientação de utilização dessas ferramentas para a construção e produção das aprendizagens, vista a multiplicidade de comportamentos dos estudantes ao

utilizarem essa tecnologia, desde os mais conscientes aos que utilizam de forma desordenada e excessiva, com jogos e aplicativos de redes sociais e afins.

2.1. Conteúdos e objetivos de aprendizagens - a realidade dos anos finais do ensino fundamental

É evidente que vivemos um período em que o avanço tecnológico ocorre de maneira extremamente acelerada e a oferta desses atrativos instantâneos e interativos, disponibilizados na tela do celular, atraem e consomem a atenção de crianças, adolescentes e adultos (MOREIRA, 2024). No que diz respeito aos problemas educacionais, se fazem necessárias reflexões e buscas de alternativas que possam solucionar as dificuldades diárias de professores e gestores pedagógicos, considerando que não haverá um retrocesso ou cancelamento tecnológico dos recursos atuais. Ou seja, a partir desse contexto surgem reflexões sobre as possibilidades de criação de novas práticas pedagógicas e narrativas em meio aos cenários que são criados e modificados com frequência no âmbito escolar diante dos avanços tecnológicos.

No contexto dos desafios educacionais contemporâneos, é imprescindível uma análise aprofundada e a exploração de alternativas viáveis para enfrentar as dificuldades diárias de professores e gestores educacionais em relação à tecnologia, sejam aquelas de caráter mais burocrático e funcional, como equipar e tornar útil aparelhos tecnológicos em sala, como outras de amplitude e complexidade diferenciada como a utilização e a forma como os estudantes acessam à tecnologia tanto nos espaços escolares quanto fora dele. Nesse ponto é crucial reconhecer que não podemos simplesmente retroceder ou ignorar os avanços tecnológicos já alcançados. É a partir deste cenário que emergem questionamentos sobre como podemos desenvolver novas práticas pedagógicas que se adaptem aos ambientes escolares em constante evolução e transformação devido às inovações tecnológicas.

Considerando as realidades presentes nas salas de aulas dos anos finais do ensino fundamental do DF e a diversidade de perfis pedagógicos dos professores de diversas áreas do conhecimento com formações acadêmicas específicas, é possível observar a multiplicidade de cenários no que diz respeito à forma como as inovações tecnológicas são consideradas e tratadas dentro do espaço escolar. Utilizando como base o perfil geral e atual dos nossos estudantes, podemos encontrar algumas

situações em que os jovens dominem alguns recursos tecnológicos que os professores desconhecem e vice-versa. Partindo da experiência deste pesquisador, em algumas oportunidades foi possível se deparar com experiências onde estudantes do 6º e 7º ano, por exemplo, conheciam e ensinavam outros colegas e o próprio professor a utilizar aplicativos que facilitavam a produção e edição de animações em *stop motion* e *flipbook*³; como também, ocorreram diversos casos que foi necessário o professor dedicar tempo de aula para explicar e orientar a turma, no momento de elaboração dos roteiros, sobre aspectos básicos de elaboração e produção de textos utilizando recursos de *softwares* ou plataformas apropriadas, como *Word* e o Google Docs, por exemplo, algo que alguns anos atrás, jovens buscavam aprender em cursos básicos de informática.

A troca e construção de conhecimentos entre professores e estudantes através da tecnologia representa um avanço significativo no panorama educacional contemporâneo. A integração de ferramentas tecnológicas não apenas facilita o acesso à informação, mas também promove um ambiente colaborativo e interativo onde o aprendizado é potencializado.

O que se observa com essa reflexão? As diversas possibilidades de criação de espaços onde os estudantes possam ganhar voz e protagonismo nos processos de aprendizagens, deixando de lado o perfil arcaico de meros espectadores ou reprodutores de textos.

Como já apresentado no capítulo anterior, é perceptível alguns processos de transformação acerca dos perfis dos atuais estudantes, principalmente em um período pós-pandemia e isolamento social. Como já ocorria em anos anteriores, mas não nessa intensidade, temos altos índices de evasão escolar e o aumento no número de retenção ou distorção idade/ano⁴.

Considerando parte desse problema, o sistema educacional também passa por um processo de adaptação e mudança de perfil. Não na mesma velocidade que os

³ *Stop motion* é uma técnica de animação que utiliza a sequência de fotos de objetos inanimados para simular movimento. Geralmente, as fotografias são feitas a partir de um mesmo ponto, e somente o objeto sofre alguma mudança de posição entre o registro de uma foto e outra. Ao dispor dessa sequência de fotografias, e com a utilização de algum recurso que possa acelerar a transição entre elas, temos o efeito de movimento. *Flipbook*, também conhecido como folioscópio ou livro de bolso animado, é um pequeno livro com uma série de desenhos de imagens sequenciais. Quando as páginas são folheadas rapidamente, a ilusão de movimento é criada e os desenhos são animados.

⁴ Documentário “Esquecidos - Crise nos anos finais do ensino fundamental”. Disponível em: <https://www.esquecidos.com/odocument%C3%A1rio> Acesso em: 04 Mai. 2024.

jovens e a tecnologia têm apresentado, o que acaba afetando a relação de interesse e troca de aprendizagens entre professores e estudantes. Nesse contexto, algumas escolas do Distrito Federal têm procurado desenvolver projetos e atividades que aproximem as áreas de conhecimento aos aspectos motivadores dos jovens.

São escolas que identificam a importância de aliar práticas pedagógicas que incluam o uso de recursos e ferramentas, como o celular, para a produção de conteúdos onde o jovem seja o protagonista. De acordo com Ana Maria Acker e Gabriela Almeida (2017, p. 251), a utilização do cinema na escola, e nesse caso aliada à utilização de ferramentas tecnológicas, propiciam trocas de conhecimento, possibilidades de construção de pensamentos diversos e o desenvolvimento da criatividade por meio da linguagem artística. Partindo dessa realidade, verifica-se a possibilidade de uma prática pedagógica que evidencie a importância de saber produzir conteúdos audiovisuais de qualidade com temáticas relacionadas ao cotidiano dos estudantes. Como aponta Jany Silva (2009), a construção de narrativas por meio do audiovisual no âmbito educacional é uma forma de despertar interesse e conhecimento, além de preservar a memória e a cultura daquilo que será veiculado.

Cada estudante possui a sua própria história, motivações e áreas de interesse. Ao longo da realização das atividades do projeto Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas, várias dessas histórias e motivações saem do imaginário e ganham representações imagéticas. Como apresenta Eloíza Gurgel (2010) “transformamos o invisível em visível por meio da linguagem, que constrói uma visão tátil, um pensamento visível” (GURGEL, 2010, p.4). Histórias com temáticas partindo de interesses próprios e/ou do grupo, dão espaço para a construção das mais variadas narrativas e escolhas estéticas para a produção dos curtas-metragens escolares, que em sua grande maioria, são filmados com a utilização do aparelho celular.

Quando pensamos em dirigir um vídeo de curta-metragem (ficção ou não), potencializamos o desejo e a habilidade de ser artistas. Todos temos esse potencial para fazer arte. Quando somos tomados por esse desejo, surge outra necessidade: o olhar artístico. A concepção e o olhar artístico caminham lado a lado na produção de qualquer forma de arte. (MOLETTA, 2009, p. 43).

O celular, um aparelho que sempre está presente no dia-a-dia dos estudantes e é pauta (ainda polêmica) de reunião de pais e professores, pode ser um aliado no processo de aprendizagem e construção de olhares artísticos. Lucena (LUCENA, s.d., p.2) em seu texto reflete sobre os novos potenciais das produções audiovisuais

produzidas com celulares que encontram na internet o seu principal meio de circulação. Destaca também, que existem mostras, festivais e projetos que acolhem e exibem tais produções, considerando inclusive, a captação realizada com celular como uma categoria de premiação. Em consonância com Lucena (s.d.), Gurgel (2010) destacou em 2010, por exemplo, o aumento significativo do número de pessoas com acesso à celulares que filmavam, considerando assim, o processo em que o homem passava a se tornar uma “unidade móvel produtora de informação, de textos, de imagens. O sujeito contemporâneo tornou-se espectador e produtor de suas próprias mensagens” (GURGEL, 2010, p. 6).

Nessa perspectiva, Faria e Silva destaca que

Mergulhados no ciberespaço, os alunos são produtores e consumidores desses vídeos, mas muitas vezes agem nesse ambiente da virtualidade real sem possuir um conhecimento sobre a amplitude e o significado dessas práticas. As escolas têm gerido essas situações, não raramente, com atraso, utilizando medidas punitivas, sanções disciplinares e investindo no aumento da vigilância sobre as atuações da comunidade escolar no ciberespaço. Entretanto, talvez o melhor caminho para as escolas seria iniciar um trabalho de discussão permanente sobre os significados éticos, identitários e políticos da exposição audiovisual no ciberespaço. (FARIA E SILVA, 2022, p. 34)

Assim, ao reconhecer as potencialidades e possibilidades que possuem em suas mãos, além de relacionar os conteúdos mediados pelos professores com processos mais interativos e dinâmicos permeados pela tecnologia, alguns estudantes assumem o papel de protagonistas no processo de suas aprendizagens que adquirem novos significados.

2.2. A origem do projeto Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas

Ao longo deste subcapítulo, parte do texto será escrito em primeira pessoa considerando aspectos relevantes a serem retratados da experiência vivenciada.

Segundo Moletta “o que realmente nos prende ao universo das histórias é algo que nasce com o ser humano: o desejo de conhecimento” (MOLETTA, 2009, p. 22). E como ele afirma, “somos todos movidos por histórias”. E foi por meio de várias histórias que o projeto Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas ganhou vida. O projeto foi criado a partir de algumas demandas da escola na qual ele foi aplicado, aliado também, às minhas áreas de formação e pesquisa como educador

responsável pelo projeto. Entre essas demandas é possível destacar a proposta de conteúdo relacionado ao cinema definida no currículo de Arte dos Anos Finais do Ensino Fundamental; o interesse dos estudantes pela profissionalização na área de audiovisual, influenciada na época pelos canais de *youtubers* de sucesso; e por fim, a possibilidade em propor a utilização do aparelho celular no processo de pesquisa e produção artística. Se o celular era assunto recorrente nos momentos de coordenação de professores e conselhos de classe, e era objeto de dispersão durante as aulas, por que não refletir sobre como torná-lo um possível aliado?

Antes de se tornar “Festival de Curtas do CEF 602”, o projeto teve início em 2016 durante as aulas de Arte com as turmas do 9º ano. Ao planejar o conteúdo programático anual, um bimestre foi dedicado à história do cinema, considerando as indicações propostas no Currículo em Movimento da SEEDF para os Anos Finais do Ensino Fundamental, na área específica de Arte. Na época, estava em grande evidência a ascensão e o sucesso de grandes *youtubers* (criadores de conteúdo para a internet com diversas temáticas), que despertavam, na maioria dos estudantes, a perspectiva de seguir carreira nessa área e assim, alcançar uma possível fama e sucesso através da internet. Era frequente identificar nas turmas, estudantes que criavam novos canais no *Youtube*, com dicas de jogos, tutoriais de maquiagem, com filmagens de *challenges* (desafios) e vlogs diários.

Em 2016 a escola apresentava um cenário de grande incompatibilidade de idade/ano, que impulsionava ainda mais a desmotivação por parte dos estudantes e apresentava desafios ao grupo docente e gestão. A escola já não parecia um espaço atrativo e durante os conselhos de classe participativos, os estudantes sugeriam com frequência aos professores a implementação de aulas e atividades que fossem mais dinâmicas e interativas. Assim, durante os momentos de coordenação, parte do grupo docente buscava alternativas que pudessem diversificar o modelo tradicional de ensino a fim de melhorar o desempenho dos estudantes.

Porém, era frequente a fala e os questionamentos de alguns estudantes, relatando não se identificar mais com a escola e com a rotina própria daquele ambiente. Nós professores, ouvíamos relatos de estudantes desmotivados e desacreditados com a função da escola. No entanto, ao mesmo tempo que não se identificava grandes interesses acadêmicos por parte da maioria dos estudantes, era extremamente perceptível o quanto a escola e os professores eram considerados

como rede de apoio para aqueles jovens, que relatavam que a escola era como uma espécie de refúgio e local de afeto.

Logo nas primeiras semanas do ano letivo, cada turma escolhia um professor conselheiro para acompanhá-los durante o ano. Eu e outros professores que estabelecíamos uma relação mais próxima de afeto e orientação com os estudantes, comentávamos com frequência sobre as percepções que íamos identificando naqueles estudantes, que expressavam de diversas maneiras não querer ficar ali somente por conteúdos e mais conteúdos de diversas disciplinas. Eles queriam ir além e identificar significados em cada ação, ser melhor ouvidos, considerados em relação às suas adversidades e realidades e não serem apontados somente pelas suas fragilidades ou quantidades de reprovações. Eles queriam, a todo tempo, que fossem percebidas as suas potencialidades e que a escola, além da nota em cada matéria, pudesse fazer sentido.

Se analisarmos, de maneira geral, como muitas escolas se organizam em seus planejamentos, relatórios pedagógicos e estratégicos, por conta da demanda burocrática imposta pelos sistemas de ensino, podemos notar exatamente isso: a necessidade em identificar e diagnosticar fragilidades e dificuldades dos estudantes em detrimento de desenvolver suas potencialidades ou áreas de destaque e interesse. No meio do turbilhão frenético que faz parte da rotina escolar, e com todas as cobranças burocráticas que recaem sobre os professores, sobretudo para os professores dos anos finais do ensino fundamental, esse processo de identificação e desenvolvimento das potencialidades individuais se torna cada vez mais difícil. Contudo, muitos professores ainda continuam a acreditar e buscar alternativas para que suas tentativas possam considerar esse aspecto, valorizando essas potencialidades e possibilitando oportunidades de transformações para os estudantes.

Como já mencionado anteriormente, havia uma constante reclamação dos demais colegas professores quanto ao uso do aparelho celular por parte dos estudantes durante as aulas. Tal utilização, sem limites, aumentava os casos de dispersão e situações de indisciplina durante as aulas. No primeiro momento, diante das demandas apresentadas acima, o projeto iniciou-se como proposta de ação pedagógica realizada somente com os estudantes do 9º ano.

Nesse sentido, considerando a realidade da escola onde o projeto se iniciava e o contexto dos estudantes, busquei analisar e promover atividades que pudessem ser exequíveis pelos jovens.

Compondo a matriz do componente curricular de Arte, norteado pelo Currículo em Movimento da SEEDF, buscou-se desenvolver estudos e atividades que pudessem priorizar a realidade e os interesses dos estudantes. Diante dos planejamentos pedagógicos de Arte, foi proposto inicialmente ao 9º ano, após o estudo da história do cinema e aspectos relacionados à linguagem audiovisual, a elaboração e produção de curtas-metragens de até cinco minutos com temáticas e gêneros livres, de acordo com os assuntos levantados previamente durante as aulas.

Inicialmente, durante as etapas presentes na pré-produção, onde os grupos definiam os argumentos e elaboravam os *storylines*⁵ dos filmes, era perceptível a grande identificação pelos gêneros do terror e da comédia, uma vez que ambos faziam parte do repertório fílmico dos estudantes. Assim, ao definirem os gêneros das produções, grande parte dos grupos de estudantes recorriam quase de imediato ao terror ou suspense, além daqueles que buscavam referências em filmes de comédia. Em determinados casos, o grupo buscava basear a proposta do curta-metragem em filmes já conhecidos, que faziam parte do repertório deles e eram de fácil identificação, ou histórias clássicas de lendas urbanas e assombrações como a “loira do banheiro”.

Essas situações, como aponta Laura Maria Coutinho (2005) são características propícias a ocorrer com estudantes que estão criando os seus primeiros e próprios produtos audiovisuais, uma vez que há uma forte tendência a repetir temas, estruturas, modelos e gêneros que eles já possuem familiaridade, como os filmes e programas apresentados diariamente na televisão. Considerando os dias atuais, o acesso aos produtos audiovisuais de grande sucesso alcançou novos caminhos de distribuição e consumo com a popularização dos serviços de *streaming*, plataformas de hospedagem de vídeos e até a pirataria de filmes e séries, frequentemente divulgada nas redes sociais e na internet. Nesse sentido, filmes e séries, com grande apelo para o público infanto-juvenil, como os famosos *blockbusters* hollywoodianos e comédias brasileiras, facilmente se tornam referência para esse público.

Porém, durante as aulas, debatendo as temáticas e focando na produção dos roteiros, fomos conversando sobre originalidade, criatividade e a oportunidade de

⁵ Na produção audiovisual, a *storyline* é o resumo da história, geralmente descrito em poucas linhas (de duas a cinco). Apresenta o essencial da sua história de forma clara e concisa, destacando o conflito principal, o protagonista e o desfecho. Diferente da sinopse, que é um texto um pouco mais longo e tem caráter promocional com foco em atrair o público, a *storyline* é uma ferramenta estratégica, utilizada principalmente por roteiristas e produtores para apresentar e vender a ideia de um projeto de forma rápida.

retratar temas relacionados ao cotidiano deles. Ainda segundo Coutinho (2005), considerando o aperfeiçoamento das técnicas audiovisuais, em especial as digitais, tudo “pode ser reproduzido, repetido, repensado, refeito, ao infinito, sem que com isso se perca o sentido primordial do ato de criar, ou seja, sua originalidade. Tudo fica a depender de como esse trabalho de criação aconteça.” (COUTINHO, 2005, p. 19)

Considerando então o ato de criação, algumas perguntas como “o que nós queremos retratar?” ou “por que o filme aborda esse assunto?” norteavam as escolhas dos grupos. A partir da minha mediação em sala de aula, surgiram roteiros com abordagens diversas e de acordo com o interesse dos estudantes, sobre bullying, violência contra mulher, saúde mental, racismo, suicídio, automutilação, relações de amizade, relacionamentos em ambientes virtuais, gravidez na adolescência, entre outros. Tais temas foram retratados em gêneros variados, desde os ficcionais por meio da comédia e do terror até as produções com a estrutura de documentário ou de videoclipes.

Busquei então, além dos momentos das aulas de Arte, desenvolver em turno contrário, mais oportunidades que pudessem aumentar e diversificar as referências audiovisuais dos estudantes, com a exibição de filmes, animações e videoclipes, além de oficinas e ações promovidas em parceria com profissionais da área como oficinas de maquiagem cênica, interpretação teatral, fotografia e produção audiovisual. Em 2016, ao longo do bimestre dedicado à elaboração e produção dos curtas-metragens, também foi lançado o edital do 2º Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal, promovido pela GMIP da SEEDF. Assim, foi proposto aos estudantes a inscrição de suas produções nesse festival, o que motivou ainda mais a participação deles.

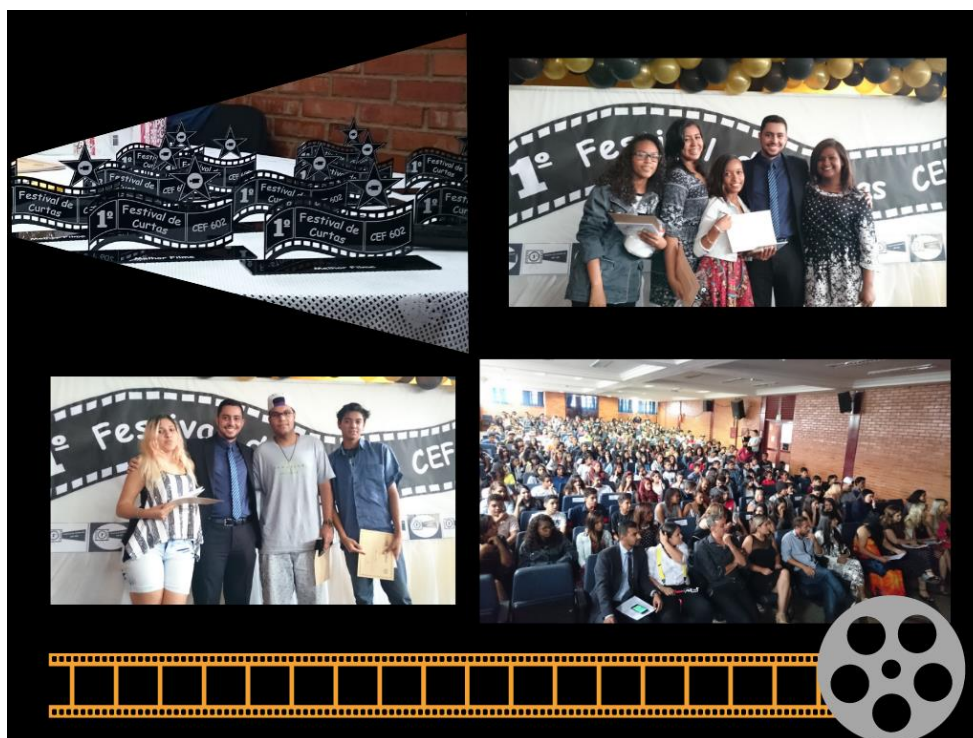
No decorrer da elaboração e produção dos curtas, era perceptível a movimentação diferente na escola e a motivação dos estudantes envolvidos. Os grupos combinavam de ir à escola no turno contrário para confeccionar figurinos e maquiagem, além de ensaiar e gravar algumas cenas. Alguns, inclusive, pensando nos aspectos estéticos relacionados aos enredos que criaram, solicitavam espaços da escola no período noturno a serem utilizados como locação para as gravações de seus filmes.

Assim como apontam Demo e Silva (2020, p. 86) as atividades autorais de aprendizagem, que envolvam o protagonismo estudantil, acabam impactando diretamente e radicalmente nos contextos de tempo e estrutura organizacional

escolar, pois um projeto como esse, por exemplo, extrapolava as aulas de Arte e se estendia por semanas e até meses em aulas de outras disciplinas escolares e no contraturno. Esse processo de abalo e ruptura também se torna motivo de incômodo, como será abordado mais adiante.

Ao receber as produções para avaliação, era perceptível a qualidade e a aplicação do que tinha sido estudado em sala, além da empolgação dos estudantes ao querer ter seus filmes assistidos tanto pelos professores quanto pelos demais colegas.

Ao receber, assistir e analisar todo material entregue pelos grupos, tive uma grande surpresa em relação aos resultados e não consegui deixar que esse trabalho fosse exibido e compartilhado somente durante as aulas de Arte. Foi sugerido à direção da escola a realização de uma cerimônia de exibição e premiação dessas produções, como um festival de curtas, onde toda a comunidade escolar pudesse apreciar as produções e fosse possível premiar com troféus aqueles que tiveram maior destaque. A gestão então concordou com a proposta e se colocou à disposição para a organização e realização do evento.



Fotografia 1: 1º Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas - DF. CRE Recanto das Emas, 2016. **Fonte:** Acervo do autor.

Foram definidas as categorias a serem analisadas e premiadas, tais como: melhor ator, atriz, direção, trilha sonora entre outros. Os professores da escola e três convidados externos assistiram as produções e votaram em seus favoritos, de acordo com os critérios apresentados, definidos a partir do que havia sido desenvolvido durante as aulas.

Conseguimos reservar o auditório da Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas - CRE Recanto das Emas, e para complementar o festival, durante as aulas de Educação Física, os estudantes do 7º ao 9º ano elaboraram e ensaiaram coreografias de danças distribuídas pela temática de ritmos e músicas que marcaram as décadas. Com seus filmes projetados no telão, os estudantes recebiam os troféus de acordo com as categorias premiadas. Nascia assim, o projeto Festival de Curtas do CEF 602.

Ainda em 2016, duas produções foram selecionadas e exibidas no 2º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF: os filmes “Conexões” e “A casa”. Assim, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer as produções de outras escolas e despertaram ainda mais o interesse em produzir novos filmes para esse e outros festivais externos.

2.2.1. Aspectos metodológicos do Festival

Após o sucesso na realização das produções audiovisuais e a repercussão positiva em relação ao Festival de Curtas do CEF 602, aumentou o interesse dos demais estudantes em participar de tal projeto. Em 2017 o projeto foi elaborado e incluído ao Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, trazendo como proposta a expansão do atendimento aos demais anos, abrangendo todas as turmas dos Anos Finais, do 6º ao 9º ano, diversificando as formas audiovisuais a serem desenvolvidas em cada etapa.

A proposta então, era expandir o atendimento aos demais Anos Finais do ensino fundamental, organizando o conteúdo e as produções por formas audiovisuais diferentes para cada ano: 6º ano com as técnicas de animação, 7º ano a linguagem dos videoclipes, 8º e 9º ano curtas-metragens de ficção e documentário. Após a expansão do projeto para as demais turmas, foram feitas parcerias com o Teatro dos Bancários, na 2ª edição, e a partir da 3ª edição, o evento ocorria no Cine Brasília, como forma de valorizar ainda mais as produções e atender a quantidade de

estudantes, disponibilizando também, o acesso a outras escolas e membros da comunidade escolar.



Fotografia 2: Registro de exibição da 6ª edição do Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas, no Cine Brasília. **Foto:** Deva Garcia. **Fonte:** SINPRO

Se antes, como afirma Alex Moletta, “para produzir um curta-metragem, bastam apenas a criatividade artística, uma câmera de vídeo ou de foto e um computador” (MOLETTA, 2009, p. 11) agora talvez nem fossem tão necessários o computador e uma câmera profissional, haja vista os recursos presentes e disponíveis nos *smartphones* atuais, que além de câmeras com variadas configurações e resoluções, oferecem uma infinidade de aplicativos dedicados a edição de áudio e vídeo.

E assim, inicialmente, utilizando o aparelho celular como principal recurso para a produção e edição dos curtas-metragens, a partir de 2017 o projeto foi sistematizado pensando em sua continuidade atendendo essa etapa de ensino e buscando integrar novos componentes curriculares. Apresentava como objetivo geral promover o acesso do público estudantil e comunidade escolar à linguagem audiovisual, a fim de que os estudantes pudessem compreender as mais diversas possibilidades de narrativas presentes nessa linguagem. O Festival visava também, oportunizar aos estudantes o reconhecimento e compreensão das diferentes etapas de uma produção audiovisual; contribuir para a construção da percepção crítica sobre a realidade; promover a integração e o desenvolvimento social; e incluir a linguagem audiovisual ao repertório cultural dos estudantes.

Nessa nova estrutura, o projeto passou a ocorrer ao longo de 2 bimestres, e também passou a ser atribuída pontuação nas demais disciplinas escolares, considerando a dimensão pedagógica onde os estudantes elaboravam e produziam seus próprios produtos audiovisuais de acordo com as narrativas construídas em grupo.



Fotografia 3: Fotos do processo de produção de diferentes curtas-metragens produzidos pelos estudantes em diferentes edições. Registros de captação de cenas e exercício de maquiagem cênica.

Fonte: Acervo do autor.

A proposta metodológica para cada ano era proporcionar aos estudantes o estudo e a possibilidade de produção audiovisual de forma sistematizada a partir de cada formato escolhido. Para todas as turmas eram disponibilizados momentos de orientação e experimentação de ferramentas e recursos como a câmera do celular, microfones inicialmente improvisados com fones de ouvido dos celulares, utilização de claquetes e propostas de iluminação e maquiagem.

O planejamento das aulas de Arte e Parte Diversificada - PD⁶ eram organizados de acordo com as etapas, níveis de abordagem e formas audiovisuais a serem elaboradas por cada ano/turmas. Além dos conteúdos que orientavam e sistematizavam o processo de aprendizagem, e posterior produção de um produto

⁶ A disciplina de PD segue a organização curricular prevista pela escola, seguindo o PPP, com um horário semanal com a turma. No CEF 602 do Recanto das Emas, a distribuição e os horários destinados à disciplina de Parte Diversificada eram organizados de acordo com áreas temáticas de conhecimento, como no caso de Linguagens e Códigos, por exemplo.

audiovisual, cada turma tinha acesso à referências fílmicas de acordo com a linguagem proposta para o ano. Ao longo das 6 edições do Festival, esse planejamento foi passando por alterações e ajustes, considerando principalmente as particularidades dos estudantes e das turmas, mas sempre priorizando momentos de apreciação, análise e debate de produções audiovisuais definidas como referências. Entre essas referências utilizadas, podemos citar animações clássicas como os primeiros vídeos da Disney com o “Mickey Mouse” (1928), trechos de longas-metragens de animação como “Branca de Neve” (1937), “Toy Story” (1995) e “Shrek” (2001), animações com técnicas em *stop motion* como “A fuga das galinhas” (2000) e “Coraline e o Mundo Secreto” (2009) videoclipes musicais de diversos artistas, com propostas variadas evidenciando, por exemplo, as diferentes formas de utilização da câmera, filmes como o longa-metragem brasileiro “Saneamento Básico” (2007), curtas-metragens profissionais e curtas produzidos por estudantes, alguns vídeos de campanhas publicitárias como a “War Child/Batman”⁷, sempre proporcionando o espaço para o debate e análise acerca da utilização de elementos audiovisuais, propostas de atuação, abordagens temáticas, desenvolvimento de roteiro, continuidade das cenas, edição, entre outros assuntos que surgiam a cada aula.

Mesmo com os ajustes e alterações ocorrendo ao longo dos anos, o projeto seguia uma proposta metodológica estruturada em três grandes blocos: pré-produção, produção e pós-produção.

Vale ressaltar que mesmo seguindo esses três blocos, que serão descritos a seguir, a produção audiovisual escolar possui uma dinâmica diferente de uma produção audiovisual dita profissional. Nesse sentido, Faria e Silva (2022, p. 61) destaca a importância em compreender a produção audiovisual escolar como modalidade audiovisual específica, onde cada produção retrata em si “diversos registros de práticas, aprendizagens e experiências gestadas naquele espaço escolar e materializadas, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente”. Com base nessa definição da produção audiovisual escolar não cabe ao professor se preocupar em aplicar processos e resultados idênticos aos de produções profissionais, haja vista a infinidade de variáveis presentes no ambiente escolar e a realidade dos estudantes.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PdN-QruKedU> Acesso em: 21 Abr. 2025.

Por serem produções desenvolvidas com turmas de ensino fundamental, grande parte dos filmes eram realizados dentro do ambiente escolar. Porém, alguns grupos contavam com o apoio dos pais e responsáveis legais e eram filmados em locais externos à escola. Muitas dessas novas produções que foram surgindo a partir da 2ª edição do Festival, passaram a contar com a participação de familiares, amigos e professores como parte do elenco, para dar mais veracidade aos personagens propostos nos roteiros dos grupos, considerando as faixas etárias e características escolhidas por eles.

Cada uma das etapas metodológicas do projeto servia como guia para auxiliar na sistematização da produção final das animações, curtas e videoclipes. No início, grande parte dos grupos já queriam sair filmando, sem compreender a importância do planejamento adequado que antecede o momento do “luz, câmera e ação”. A ansiedade em colocar em prática a ideia do grupo fazia grande parte dos estudantes esquecerem de dedicar tempo às outras ações necessárias que influenciariam diretamente o produto final.

No primeiro bloco metodológico, o da pré-produção, após a formação dos grupos a critério dos estudantes, as turmas eram convidadas a pensar e definir o tema e gênero de suas produções. Após essa definição, os grupos produziam os seus roteiros e definiam as funções de cada integrante, além de organizar e definir as possíveis locações a serem utilizadas para as filmagens. Nessa etapa os integrantes conhecem e identificam alguns profissionais envolvidos na realização de um produto audiovisual. Descobrem e definem quais funções cada um se identifica, seja na elaboração e escrita do roteiro, na direção do filme, atuação, edição ou produção, por exemplo. Com o reconhecimento da importância de cada função, buscavam se organizar e compreender os aspectos fundamentais que envolviam um trabalho coletivo e cooperativo, além de despertar o interesse em possibilidades de profissionalização nessa área.

Com o passar dos anos, o projeto passou a contar com o apoio das professoras de Língua Portuguesa na etapa de elaboração de roteiro, auxiliando ainda mais na etapa de pré-produção dos filmes. Ao compreenderem a estrutura de um texto dramático e a proposta estabelecida de criação de roteiro para um produto audiovisual, alguns grupos conseguiram se organizar e visualizar melhor a dimensão de suas produções, avaliando todas as possibilidades, definindo locações para as filmagens e principalmente compreendendo como a história seria melhor apresentada.

Nesse sentido, os grupos passaram a se preocupar em como apresentariam o conflito que permeia a história, em como desenvolver o momento do clímax e em alguns casos presentes nas edições mais recentes do Festival, como criar *plot twists*⁸ de surpreender. Essa etapa nunca era uma tarefa fácil, pois muitos grupos apresentavam o roteiro para as professoras de Língua Portuguesa, traziam a proposta para a aula de Artes, realizavam os ajustes necessários, mas na hora da filmagem, por diversos motivos e imprevistos, simplesmente abandonavam o roteiro e partiam para outros enredos. Esses grupos geralmente realizavam essa escolha, pois tinham acesso às histórias de outros grupos e consideravam as deles “sem graça ou sem grandes chances de ganhar algo”; outras vezes essa desistência do primeiro roteiro se dava pela dificuldade em realizar as filmagens desde a organização, ensaios e até a execução das cenas em si, ou também, pelos grupos que iam sendo modificados ou desfeitos por diversos aspectos. Acompanhar e mediar esse processo sempre demandava mais tempo e era necessário buscar alternativas para solucionar cada caso específico.

Durante os minutos finais das minhas aulas de Arte e PD, ou nos momentos de coordenação pedagógica, eu atendia esses grupos e estudantes que apresentavam dificuldades desde a organização dos grupos, definição e reserva dos espaços escolares até as alterações de roteiro e processos de captação das cenas. Por se tratar de turmas de ensino fundamental, alguns grupos possuíam grandes dificuldades de organização e autonomia e buscavam possíveis modelos prontos de filmes ou soluções rápidas para os problemas. Porém, durante nossos diálogos eu buscava mediar as dificuldades e apresentar possíveis caminhos que eles poderiam percorrer. Para cada caso eu buscava uma possibilidade de solução: se o problema estava em identificar e reservar um espaço e horário da escola para a gravação, eu mediava o processo de escolha e os acompanhava até a direção para já deixar agendado; se o problema era a agenda do grupo que os horários não batiam, na medida do possível era estruturado a organização das cenas e a identificação da necessidade da presença de cada estudante para aquele momento agendado; quando o grupo era desfeito, pensava numa nova organização com a criação de outro ou encaixes em grupos já existentes; entre tantos outros problemas e variáveis que ocorriam e eu

⁸ *Plot twist*, ou reviravolta na trama, é uma mudança radical e inesperada na direção ou compreensão da história. É um evento surpreendente que subverte as expectativas do público, muitas vezes, levando-o a reinterpretar tudo o que viu até aquele momento.

precisava pensar em estratégias para apoiá-los na resolução. Reitero o quanto esse processo demandava meu tempo e dedicação para além das aulas previstas no currículo, porém, foram nesses momentos em que muitas descobertas, aprendizagens e relações de afeto se estabeleceram.

Ainda no aspecto do roteiro, outro fator que merece ser mencionado era a relação que os integrantes de cada grupo estabeleciam entre si e com a abordagem a ser utilizada na produção audiovisual. Alguns grupos definiam que gostariam de realizar o filme utilizando uma abordagem mais cômica e acessível aos outros estudantes. Outros grupos, já buscavam realizar produções ditas mais conceituais e que pudessem dialogar com outros públicos e proporcionar reflexões e debates. Esses momentos de definição propiciavam debates e reflexões não só para a escolha do gênero, do tema e estrutura do roteiro, mas oportunizava refletir acerca das escolhas e processos de filmes que já haviam sido utilizados em sala de aula como referência, além de despertar a análise de outras produções próprias do repertório dos estudantes. Em alguns desses debates era comum algum estudante comentar algo como: “- Professor, pensando aqui na proposta do nosso filme, nosso grupo quer seguir no estilo do filme “Bruxa de Blair”, como se fosse uma gravação real, câmera na mão”. Essa escolha se relacionava com o *found footage*⁹, uma das abordagens trabalhadas em sala de aula. Ou traziam propostas de planos sequência¹⁰ ou a utilização de algum filme como referência direta. Em outros momentos era comum ouvir os desabafos sobre as dificuldades presentes em gravar a sequência dos diálogos sem parecer teatral, com a câmera parada.

A cada aula os grupos traziam comentários e reflexões acerca das escolhas e processos de produção que eles haviam definido. Esses feedbacks, percepções e intervenções que os estudantes traziam enriqueciam o processo de aprendizagem e apontavam novas possibilidades e direções para os demais grupos.

⁹ *Found footage* é uma técnica cinematográfica utilizada no cinema que tem como premissa principal a ideia de que o espectador está assistindo a um material de vídeo “real” ou “autêntico” que foi encontrado. Tem como objetivo despertar a sensação de realismo e imersão, causando no espectador, o sentimento de que ele está testemunhando os registros de eventos reais. Geralmente, esse material pode ser apresentado como gravações amadoras, documentários não finalizados, imagens de câmeras de segurança, vlogs, diários em vídeo ou qualquer outro tipo de registro supostamente encontrado e posteriormente exibido. Muito utilizado no gênero do terror.

¹⁰ Plano sequência é uma técnica de gravação sem cortes, onde a câmera acompanha pelo cenário, toda a movimentação dos personagens, percorrendo todos os acontecimentos sem interrupção ou edição.

No segundo bloco, em linhas gerais, ocorre a etapa de produção do filme. É nessa etapa que os grupos realizam os ensaios e a captação das cenas. Durante o processo de produção, de acordo com as necessidades e realidades dos grupos, e da proposta estética definida por eles, surgem algumas experimentações e criações de recursos no estilo *DIY* (*Do It Yourself* – faça você mesmo), onde alguns grupos encontram soluções criativas para as limitações existentes em cada produção. Em 2017, lembro de um grupo extremamente criativo do 8º ano, produzir a própria claquete e criar um tripé para apoiar o celular utilizando materiais recicláveis como cabo de vassoura, papelão e embalagem de desodorante.



Fotografia 4: Tripé produzido por estudantes do 7º ano, em 2017 para a gravação do curta “Se é público, também é meu?”. **Fonte:** Acervo do autor

A etapa de filmagem era um momento que alterava e influenciava na dinâmica e rotina da escola. Muitos grupos realizavam as filmagens no turno contrário ao de regência, no turno vespertino, e também, solicitavam a liberação da escola para realizar as filmagens no início da noite, para captar cenas mais escuras para os filmes de suspense e terror. No turno vespertino a escola atende estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano. Ou seja, alguns ambientes como as salas de aula, ficavam impedidos de serem utilizados nesse turno. Para cada grupo eram

elaboradas estratégias de atendimento e adaptação de espaços para atender a demanda das filmagens. O que não era um trabalho fácil para o professor de Arte e equipe gestora.

Para facilitar nessa etapa, nas últimas edições foram elaboradas escalas para os grupos e solicitado aos professores conselheiros de cada turma que acompanhassem os grupos durante as filmagens. Porém, essa colaboração de todos professores nunca foi uma realidade. A escola, como outras da SEEDF, possuía uma grande rotatividade de professores em regime de contratação temporária. Nos últimos anos, em específico em 2022 e 2023, identifiquei limites e até resistência na participação de colegas docentes no projeto, e debati esse problema com meus pares da gestão escolar, uma vez que o projeto integrava o PPP e era responsabilidade de toda comunidade escolar. Contudo, não tivemos avanços significativos no aspecto da participação coletiva. O processo se tornou, além de tudo, um exercício desgastante de convencimento.

As últimas edições do Festival evidenciaram essa dificuldade, acarretando uma sobrecarga de trabalho para os professores que se envolviam com o projeto. Desenvolver um projeto escolar que atenda 20 turmas, com mais de 400 estudantes ao todo, utilizando a linguagem audiovisual que interfere na rotina escolar de forma direta, requer uma grande organização e envolvimento de todos os participantes.

A etapa da filmagem sempre era repleta de descobertas, aprendizados e desafios. Cada grupo, a sua maneira, trazia para a sala de aula os resultados que já haviam alcançado e as dificuldades que estavam enfrentando na captação das cenas. Esse período sempre foi de muita movimentação, dentro e fora de sala de aula.

Por fim, no terceiro bloco, o da pós-produção, os grupos são convidados a finalizarem suas produções, editando as cenas captadas, incluindo trilhas sonoras e outros recursos que forem necessários durante a edição.

A etapa de edição era um dos momentos propícios a grandes descobertas, tanto da minha parte quanto dos estudantes. Nessa etapa, cada turma sempre tinha um estudante que trazia alguma novidade e proposta de solução para a edição das produções. Logo no início, ao definir as funções de cada integrante do grupo, em cada turma surgiam aqueles estudantes que já possuíam alguma experiência ou interesse nessa área. No início, em 2016, alguns estudantes se desafiavam a editar no computador, utilizando *softwares* considerados mais elaborados e que pudessem ter mais recursos a serem utilizados. O projeto nunca definiu qual *software* ou aplicativo

deveria ser utilizado, somente era orientado que as edições não tivessem marca d'água típicas de *softwares* e aplicativos de utilização paga.

Assim, durante as aulas destinadas às orientações acerca da edição, eram apresentadas sugestões de *softwares* para computador e aplicativos gratuitos para celular, de fácil acesso e utilização como *Windows Movie Maker*, *Kdenlive*, *Kinemaster*, *Flipaclip*, *Stopmotion Studio* e *CapCut*, por exemplo. Vale destacar que alguns desses aplicativos para celular foram sendo integrados ao projeto a partir de sugestões e aprendizados propostos pelos próprios estudantes.

Ao apresentar a proposta de produção e edição, alguns estudantes mencionavam durante a explicação em sala ou me procuravam no final da aula para mostrar um aplicativo ou *software* melhor para aquele trabalho. Fui aprendendo com eles. Após ter os filmes já gravados, os grupos sempre traziam pra sala, no celular, algum trecho já editado do vídeo para que eu pudesse analisar e sugerir ideias para a continuidade do projeto.

Como já mencionado em outras partes do texto, o celular sempre foi um grande aliado nesse projeto, tanto na captação das imagens, quanto como recurso para pesquisar ideias para roteiro e personagens e por fim, editar o filme. Cada grupo tinha o costume de escolher quem tinha o melhor aparelho celular para gravar e editar, para manter a mesma qualidade de imagem e som. No início, alguns grupos apresentavam dificuldades, pois os aparelhos de todos os integrantes não atendiam a demanda que eles procuravam, assim, era comum estabelecer parcerias com outros grupos ou ver se algum parente poderia emprestar um aparelho para a captação das imagens. Com o passar dos anos, e o avanço tecnológico, era quase impossível um grupo não conseguir um aparelho que fosse capaz de captar vídeos em qualidade HD e que tivesse memória suficiente para as gravações e edições.

Em 2019, o projeto foi contemplado com a primeira emenda parlamentar via Edital Realize¹¹ promovido pelo deputado distrital Fábio Felix. O edital previa a destinação de verba parlamentar para projetos pedagógicos inovadores em escolas públicas, via Programa de Descentralização Administrativa e Financeira - PDAF, de acordo com a Lei nº 6.023/2017. Ao ser contemplado nesta primeira edição, foi

¹¹ Criado em 2019 com o objetivo de democratizar o acesso a verbas parlamentares, a iniciativa seleciona projetos pedagógicos que promovem os direitos humanos, ciência, meio ambiente, robótica, cinema, comunicação, literatura, esporte, teatro, matemática, música, entre outros. Disponível em: <https://fabiofelix.com.br/edital-realize/> Acesso em: 06 Mar. 2025.

possível adquirir para o projeto câmeras, microfones, notebook e até um drone para aperfeiçoar as produções e oportunizar novas experiências aos estudantes. Diante do sucesso do projeto e resultados alcançados ao longo dos anos, a escola foi contemplada pelo mesmo edital mais outras duas vezes, nos anos seguintes.

Ao longo das edições, as produções audiovisuais foram se aprimorando tecnicamente e ganhando novas proporções. Com a utilização desses novos recursos tecnológicos que estavam à disposição do projeto, foi extremamente perceptível o avanço e a melhoria técnica na qualidade das produções realizadas pelos estudantes, principalmente no aspecto de captação de áudio, agora realizado com microfones apropriados e não como era anteriormente, onde os diálogos muitas vezes eram captados com o auxílio de um microfone de lapela adaptado de um fone de ouvido e muitas vezes comprometia a compreensão dos diálogos.

Ao longo dos três blocos, durante as aulas de Arte, os estudantes recebiam orientações sobre cada aspecto e etapa das suas produções. Além do conteúdo teórico e prático oferecido, era destinado sempre ao final das aulas um tempo para que cada grupo pudesse conversar com o professor sobre o andamento do trabalho, agendamento de espaços na escola para as gravações e esclarecimento de dúvidas em geral.

No aspecto avaliativo, os estudantes eram avaliados ao longo de todas as etapas. Foram considerados aspectos como a participação, organização e o processo criativo envolvendo os princípios básicos estudados da linguagem audiovisual presentes nos três blocos, considerando a elaboração do roteiro, captação de imagens e edição.

A culminância do projeto ocorria geralmente no final de outubro ou início de novembro com a realização da solenidade de exibição e premiação das produções selecionadas em cada uma das categorias. Os estudantes eram premiados com troféus e brindes. Como já mencionado, após a primeira edição do Festival ocorrida em 2016 no auditório da CRE Recanto das Emas, e com a expansão do projeto, a cerimônia de premiação do Festival foi levada para outros espaços. Em 2017 a 2ª edição aconteceu no Teatro dos Bancários, localizado na Asa Sul - DF e posteriormente as demais edições aconteceram no Cine Brasília, importante cinema do Distrito Federal, agregando ainda mais valor e significado às produções dos estudantes.

Nas três primeiras edições, todos os estudantes que tiveram os filmes selecionados e exibidos no Festival de Curtas do CEF 602, ganhavam um DVD com todas as produções daquele ano. Era uma forma de distribuir e reproduzir essas produções em outros espaços para além do Festival de Curtas do CEF 602. Alguns estudantes comentavam que realizavam sessões com a família para mostrar o próprio filme e assistir as dos colegas. Porém, após identificar que alguns estudantes não possuíam aparelho de DVD ou qualquer outro tipo de aparelho que fosse capaz de ler essa mídia, decidimos criar um canal no *YouTube*, intitulado inicialmente “Arte no CEF 602”, para disponibilizar o acesso a esse material.

Depois dessa percepção, inclusive, foi acrescentada na organização da metodologia, um momento para falar acerca dos aparelhos e mídias utilizados na produção e distribuição do audiovisual, levando pra sala de aula câmeras antigas, fitas e aparelhos VHS, DVDs e Blu-Rays. Era evidente que não era só o celular que passava a tomar o lugar das câmeras, as plataformas de vídeo e o *streaming* também estavam trazendo uma nova mudança na forma de produzir, distribuir e consumir audiovisual.

2.2.2. O projeto, suas formas audiovisuais e particularidades

Nesse contexto, tal qual Migliorin (2010) reflete sobre o cinema na escola, compreendemos que o audiovisual não se estabeleceu dentro da escola para ensinar algo a quem não sabia sobre o assunto,

mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. Digamos assim: a democracia é o acontecimento que provoca o encontro não organizado de diversas inteligências, uma ação em si emancipatória. (MIGLIORIN, 2010, p. 5).

Ao longo da expansão e continuidade do projeto ele foi sistematizado e dividido em formas audiovisuais de acordo com os anos: 6º ano - animação em *flipbook* ou *stop motion*; 7º ano - releitura de videoclipes; 8º e 9º ano - produção de curta-metragem de ficção ou documentário.

De acordo com essa organização pedagógica, o 6º ano estudava acerca da história da animação, produzindo brinquedos óticos e aprendendo duas técnicas de animação: o *flipbook* e o *stop motion*. Já os estudantes do 7º ano, estudavam sobre a linguagem dos videoclipes musicais, desde o seu surgimento aos avanços

tecnológicos e estéticos próprios dessa categoria. Os estudantes do 8º ano aprendiam sobre o surgimento da fotografia; a história do cinema, destacando as primeiras produções cinematográficas; e a utilização de recursos da linguagem audiovisual. Por sua vez, o 9º ano estudava o conteúdo referente à história do cinema destacando os principais gêneros cinematográficos; o papel do cinema na contemporaneidade; a utilização de recursos audiovisuais na atualidade e a relação do cinema com outras linguagens artísticas (MOREIRA, 2024).

A divisão e organização do projeto por formas audiovisuais de acordo com o ano/série do estudante ocorreu por alguns motivos, como a variedade de interesses dos estudantes no momento da escolha de produção dos seus produtos audiovisuais; com o propósito de apresentar estéticas e técnicas diferentes de acordo com cada forma; desenvolver habilidades diferenciadas na animação, videoclipe e curta-metragem; e estimular o interesse pelas várias áreas da linguagem audiovisual. Para cada forma a ser trabalhada, sempre haviam os aspectos facilitadores e algumas dificuldades presentes no processo de produção.



Fotografia 5: Registros de aulas e processos de produção dos *stop motions* dos estudantes do 6º ano, em 2023. **Fonte:** Acervo do autor.

Quando o 6º ano começou a desenvolver projetos voltados para a animação, considerando as técnicas do *stop motion* e *flipbook*, num primeiro momento houve um encantamento e empolgação dos estudantes. Porém, ao iniciar de fato a produção

das suas próprias animações, alguns estudantes encontravam limitações relacionadas à organização e execução, considerando os níveis de complexidade dos filmes, materiais a serem utilizados (papel, bonecos, objetos, desenhos e massinha de modelar, por exemplo) e a transposição do que estava previsto no roteiro para a criação da animação. Isso ocorreu, pois ambas as técnicas de animação selecionadas, o *stop motion* e o *flipbook*, exigem um grau de organização e cuidado na execução.

Com o passar dos anos e edições do Festival, novos recursos metodológicos foram acrescentados nas aulas facilitando esse processo. Entre esses recursos, destacamos a utilização do aplicativo *Stop Motion Studio*, que facilitava a captação de imagens e edição das animações pelos estudantes.

Com os 7º anos, na linguagem do videoclipe, haviam algumas particularidades como a escolha das músicas, que não podiam fazer apologia à violência, ao uso de drogas ou representasse qualquer tipo de intolerância e também, a liberdade de escolha se seria a partir de um videoclipe já existente, onde seria feita uma releitura ou a criação de um clipe totalmente original para uma música que não possuía um videoclipe próprio.

Alguns grupos apresentavam dificuldades específicas como a grande preocupação em traduzir a letra da música em imagens; produzir e captar imagens que pudessem contemplar o tempo suficiente de execução da música; e estabelecer um processo criativo capaz de ultrapassar o que era cantado na letra da música.

A partir dessas dificuldades e particularidades, a cada aula eram apresentados videoclipes com abordagens diferentes para servir como material de análise e estimular as produções. Alguns extremamente literais e com uma proposta narrativa de acordo com a letra da música como “O homem que não tinha nada” do Projota e Negra Li (2015), outros mais fantasiosos e criativos, utilizando efeitos visuais e especiais como “Black Magic” do grupo Little Mix (2015), e outros, com uma proposta de desafio técnico para a estética de filmagem como o “Hideaway” de Kiesza (2014). Com o tempo, os grupos foram encontrando novas estratégias para definir a música a ser representada e diferentes formas de execução.

Destaco também, que ao iniciar o processo de produção dos videoclipes, alguns estudantes reclamavam, pois gostariam de realizar um curta-metragem com diálogos a partir de uma história criada por eles. Era orientado que essa etapa chegaria no 8º ano e se repetiria no 9º ano, e que o desafio no 7º ano era exatamente

esse: criar a narrativa por meio de imagens, sem diálogos audíveis e com o auxílio da música de fundo.

Com os curtas-metragens, como já mencionado no texto, as primeiras dificuldades ocorreram devido à grande necessidade de reproduzir/copiar as referências de filmes de terror e comédia que os estudantes já possuíam; nos primeiros anos de Festival a questão da falta de celulares e câmeras com ótimas resoluções; a dificuldade de captação de áudio para proporcionar diálogos audíveis; os posicionamentos de câmera para que não fosse uma espécie de encenação teatral filmada, e a utilização do plano/contraplano¹²; a tradução do roteiro para cenas a serem captadas em ambientes com diversas particularidades; processos de ensaio e organização dos grupos para a captação das cenas.

Tais dificuldades apresentadas acima eram sanadas de acordo com a limitação de cada grupo. Aquelas relacionadas aos aspectos de recursos tecnológicos, foram diminuindo de acordo com o avanço e o acesso à tecnologia por parte dos estudantes e também, após o apoio financeiro do Edital Realize que proporcionou a aquisição de equipamentos disponíveis para a utilização no projeto.

Já no aspecto organizacional, de processos de ensaio, captação de cenas e utilização do espaço escolar no turno contrário ao de regência, sempre era um processo desafiador conciliar e organizar tantos grupos em pouco espaço livre, e ainda, precisando contar com o apoio de algum professor ou alguém da gestão que pudesse acompanhar o grupo, por se tratar de estudantes do ensino fundamental.

A cada ano, alguns professores e membros da gestão, se disponibilizavam para acompanhar alguns grupos e preservar os ambientes e materiais escolares. Mas não era sempre e nem todos os anos que isso ocorria, o que acarretava em estender o horário de trabalho na escola, de forma voluntária, para que fosse possível atender a todos os grupos que solicitavam de acordo com as suas necessidades. Ou seja, não era uma tarefa de fácil execução e exigia maior tempo de dedicação para que fosse realizado tal trabalho. Desenvolver um projeto de audiovisual escolar dessa escala, com poucos profissionais disponíveis para auxiliar, e considerando a particularidade dos anos finais do ensino fundamental, tem esses ônus.

¹² Em produções audiovisuais, o plano e contraplano são técnicas de filmagem, que utilizam o posicionamento da câmera e a edição, para criar a sensação/ilusão de diálogo entre personagens, apresentando-os alternadamente em ângulos opostos.

Porém, numa perspectiva de conhecer e aprender acerca do conteúdo relacionado à história do cinema, da animação e dos videocliques, o projeto se apresentava de tal forma que era possível proporcionar um panorama de aprendizado que compreendesse a linguagem audiovisual para além dos aspectos teóricos, e assim, de alguma forma, ao longo dos anos foi alterando as relações educacionais dentro e fora da escola, influenciando estudantes e professores.

2.3. Imaginário estudantil - mundos e narrativas pelas lentes da juventude

Entre 2016 e 2023, as seis edições do Festival de Curtas do CEF 602 selecionaram e exibiram 79 produções entre curtas-metragens, videocliques e animações. Como já mencionado neste capítulo, durante esse período as produções audiovisuais dos estudantes eram disponibilizadas em um canal no YouTube, organizado de acordo com as edições. Essa foi uma forma encontrada, com autorização da escola, para compartilhar os trabalhos produzidos pelos estudantes para que todas as turmas e a comunidade escolar pudessem ter acesso a tal material.

Em 2022, o canal no YouTube recebeu outro nome: “CEF 602 Produções”, pois uma nova iniciativa surgia. A proposta era formar um projeto de produtora audiovisual própria da escola, composta por uma equipe de estudantes do 6º ao 9º ano, para realizar a cobertura de eventos, produzir materiais audiovisuais para o perfil do Instagram da instituição e também, a elaboração e produção de curtas-metragens. O grupo produziu alguns conteúdos entre 2022 e 2023, publicando tais materiais nesse canal e na rede social da escola.

Para a análise dessas produções, inicialmente utilizei como referência os aspectos apresentados nos conceitos e metodologias de Penafria (2009). Segundo a autora, a análise de filmes pode seguir de acordo com alguns tipos classificados como textual, de conteúdo, poética e de imagem e som. Embora a autora mencione especificidades próprias para cada uma dessas metodologias, ela destaca que ao optar por um ou outro tipo, podemos ter a sensação de análise completa e ao mesmo tempo, a impressão que muitos outros aspectos podem não ter sido mencionados. Assim, ela propõe que ao discutir uma metodologia de análise, o analista defina primeiramente se esse trabalho seguirá uma análise interna ou externa do filme.

Por análise interna, Penafria (2009) entende o filme como elemento central, com suas singularidades, estabelecendo, por exemplo, relações e conexões com a filmografia do diretor, a fim de reconhecer e destacar os procedimentos e estilos do artista. Já a análise externa, “considera o filme como o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico.” PENAFRIA, 2009, p. 7).

Nesse contexto, e a partir da perspectiva de interpretação e análise enquanto modalidade audiovisual escolar, como menciona Faria e Silva (2022), compreendi ser mais importante a análise fílmica considerando o mapeamento das temáticas abordadas nos filmes, a descrição da história e a forma como os grupos lidaram com as temáticas definidas. Buscou-se assim, verificar e destacar os elementos temáticos presentes nos discursos das narrativas dos estudantes, identificando algumas especificidades e semelhanças entre elas e algumas das referências utilizadas.

2.3.1. “O privilégio” - A primeira animação. Uma reflexão sobre corrupção.

O curta “O privilégio” (2018) utiliza a animação como forma acessível para dar vida a um simples personagem, com uma proposta que provoca reflexão sobre o tema da corrupção. Sem diálogos e utilizando uma trilha sonora que remete a desenhos animados alegres, o personagem, representado pela figura de um *stick* (boneco de palito), traz em suas mãos uma maleta e caminha por vários pontos de uma cidade, passando por várias instituições públicas, como escola e hospital. Ao passar na frente de cada um desses espaços, cédulas de dinheiro saem dessas instituições e vão diretamente para a maleta do personagem, que caminha tranquilamente para o próximo destino.

Quase próximo do final, passa na frente do Congresso Nacional e mais cédulas são direcionadas para a sua maleta, sugerindo que aquele personagem se trata de alguma figura política. Quando o personagem chega ao último destino, um cenário que remete à estrutura de uma cidade, mais especificamente uma favela, a trilha alegre é substituída por um trecho da música “Pega ladrão!” do Gabriel O Pensador, onde várias vozes questionam um possível parlamentar sobre desvio de dinheiro público. Nesse momento, utilizando o zoom, várias interrogações vão surgindo na tela e se aproximando do rosto do personagem.



Fotografia 6: Frame do curta-metragem “O privilégio”.

Disponível em: <https://youtu.be/p3J9nPTooDU>

O curta retrata, por meio da animação e de forma direta, a representação dos inúmeros casos de corrupção na política brasileira, trazendo a representação da maleta cheia de dinheiro desviado das instituições públicas, que poderia ser facilmente substituída por caixas, calçados, meias e até cuecas como nos casos reais noticiados dos crimes de corrupção dos nossos políticos. A maneira como o personagem é questionado pela população e desvia das respostas, com alegações vazias, muito bem representada pela trilha escolhida do Gabriel O Pensador, reforça o descaso e a impunidade presente nessas situações.

O filme foi elaborado e produzido por Marcos Camargo a partir do tema “O que você tem a ver com a corrupção?” proposto pelo Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, em 2018. Foi a primeira animação produzida por um estudante participante do projeto Festival de Curtas do CEF 602.

Alguns aspectos referentes ao contexto da produção “O privilégio” são apresentados no capítulo 3, durante a análise das respostas fornecidas por Marcos Camargo e sua mãe.

2.3.2. “O Sol e a Lua” - Desenho e poesia jovem

A partir dos desenhos produzidos por Laís Marques, o curta “O Sol e a Lua” (2022) apresenta uma animação digital com narrativa poética sobre um amor não correspondido e a insegurança presente na relação de dois adolescentes. Laís

Marques e Paulo Vitor dão voz aos dois personagens, representados no formato 2D, utilizando a metáfora que impede a conexão e relação entre o Sol e a Lua.

O filme inicia com a apresentação da lenda do amor do Sol e da Lua, que é impedido de acontecer devido aos seus ciclos naturais. Em seguida, a voz masculina, representando a Lua, conduz a história e nos apresenta seus desejos e anseios a partir da expectativa em se declarar para a menina, que representa o Sol radiante e atraente.

Ainda utilizando a linguagem poética da metáfora, acompanhamos os pensamentos e sentimentos do menino, demonstrando o desejo da Lua em se aproximar do Sol, lidando com a dificuldade da própria insegurança. Após ensaiar várias conversas, que sempre terminavam com a sensação de “pensamentos embaralhados e boca seca”, a Lua/menino decide se declarar através de uma carta.

Os desenhos são apresentados com pequenos ajustes e transições, de forma e ritmo singelo, explorando a dualidade presente no amor, sentida pela Lua/menino que descreve o sentimento como algo “gentil, aquecedor, agradável como uma brisa do mar; bonito e sincero como uma melodia”, mas também com o aspecto “traíçoeiro, pois dá esperança e perfura com espinhos invisíveis, sendo silenciosamente doloroso e seguindo com ilusões impossíveis”, reforçando a temática da insegurança e do amor não correspondido.



Fotografia 7: Frame do curta-metragem “O Sol e a Lua”.

Disponível em: <https://youtu.be/UjiNO7i45yE>

A trilha sonora é composta pelas músicas “Come and see” e “Do you remember?” de Omori, utilizadas para evidenciar e complementar o tom poético,

delicado e melancólico presente na relação dos personagens. A escolha por tal estética da animação foi definida pelos estudantes a partir da habilidade artística que a Laís Marques tinha para o desenho, e também, utilizando as referências de animes da dupla. A dupla sempre demonstrou grande interesse durante a realização de atividades práticas de arte, principalmente aquelas que envolviam música, animação, literatura e cinema. Tanto Laís Marques quanto Paulo Vitor se destacavam em suas produções artísticas com características próprias e com referências bem definidas.

Durante o processo de produção da animação, a dupla havia apresentado um esboço em sala de aula e informado que já haviam iniciado a criação dos desenhos digitais, utilizando uma mesa digitalizadora na casa da Laís. Desde o início demonstraram grande autonomia e clareza em relação à produção. Lembro que finalizaram e entregaram o filme antes do prazo estabelecido para a entrega das produções, e realizaram posteriormente, pequenos ajustes de volume e interpretação das narrações.

2.3.3. “A borboleta” e “No final dá tudo certo” - Animações em stop motion

Diferente das animações digitais produzidas pelos estudantes do 9º ano em edições anteriores, as turmas do 6º ano produziram curtas utilizando as técnicas do *stop motion* com diversos materiais. A partir de referências assistidas e analisadas em sala de aula, como os longas-metragens “A fuga das galinhas” (2000), “Coraline e o mundo secreto” (2009) e “Frankenweenie” (2012), por exemplo, e outros vídeos de desenhos animados com a mesma técnica, mas com outros materiais como papel, bonecos e objetos, os estudantes puderam utilizar a criatividade para criar as suas produções.



Fotografia 8: Frame da animação “A borboleta”.

Disponível em: <https://youtu.be/0RyZqhc3a04>

Utilizando uma placa de isopor branco como fundo, e pedaços de papel cortados nos formatos dos personagens, o curta “A borboleta” (2023), produzido pelo grupo de estudantes Maria Júlia, Sofia Pessoa e Yasmin Lauany, apresenta o processo de metamorfose da lagarta. Além da utilização da técnica do *stop motion*, os estudantes foram orientados a produzir curtas com temáticas e propostas relacionadas às suas realidades. O curta “A borboleta” pode ser utilizado como metáfora do processo de transição e transformação presentes nos estudantes do 6º ano, iniciando a nova etapa do ensino fundamental, repleta de mudanças, novidades e inseguranças.

No curta “No final dá tudo certo” (2023), produzido pela estudante Heloísa Gonçalves, a animação utiliza alguns bonecos de personagens variados, em um cenário produzido dentro de uma caixa. A partir dessa escolha dos elementos e do cenário utilizado, diferente do curta “A borboleta”, a câmera foi posicionada de forma frontal para valorizar a movimentação dos personagens e evidenciar o efeito de profundidade.



Fotografia 9: Frame da animação “No final dá tudo certo”.

Disponível em: <https://youtu.be/Gx34m-sA2d0>

Utiliza estrutura narrativa semelhante a desenhos animados como “Pingu” (1986), com efeitos sonoros para valorizar a ação dos personagens e transições. Sem diálogos e com breves ações, os sons são utilizados para favorecer a compreensão do contexto do filme e a relação entre os personagens.

Para a produção das animações, os estudantes do 6º ano poderiam optar pela técnica do *stop motion* ou do *flipbook*. Ao iniciar as produções em sala de aula, no turno contrário e em casa, era frequente o relato dos estudantes sobre as dificuldades encontradas por eles para captar as imagens e criar as animações. Muitos estudantes mencionaram que puderam perceber a quantidade de trabalho envolvido num processo como aquele, estabelecendo como parâmetro para a análise os filmes longas-metragens profissionais. Em algumas aulas, retomamos o debate acerca da quantidade de quadros/fotos por segundo para que a animação pudesse ter fluidez. Também levei para sala de aula, alguns vídeos de *making-off* de algumas animações famosas e conhecidas por eles.

A maioria das produções realizadas em 2023 seguiram a técnica do *stop motion* utilizando o aplicativo *Stop Motion Studio* na versão gratuita, pois o aplicativo apresentava uma interface de fácil utilização e também, não comprometia a memória de armazenamento dos celulares dos estudantes.

2.3.4. “Amor de verdade” - O videoclipe na escola

O videoclipe “Amor de verdade” (2019) foi produzido por estudantes do 7º ano, em 2019, na região administrativa do Recanto das Emas, utilizando diversos cômodos da casa de um dos integrantes como locação para a filmagem. O funk de MC Kekel e MC Rita embala a condução da história. O videoclipe apresenta dois núcleos diferentes: um representado pelos personagens que dublam os cantores e o outro, por personagens que representam um casal em crise no relacionamento.



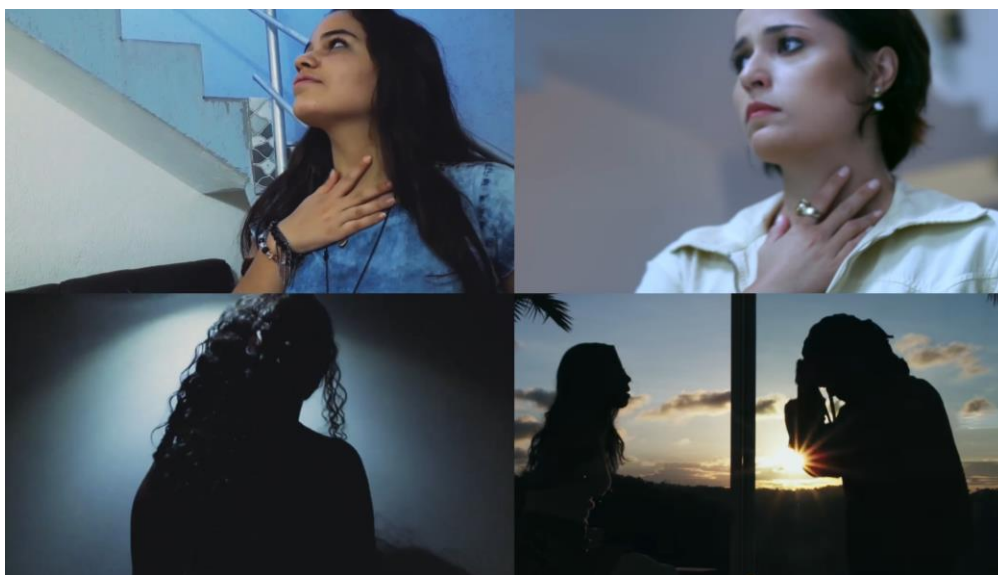
Fotografia 10: Frame do videoclipe “Amor de verdade”.

Disponível em: <https://youtu.be/gN9h6lJLGqw>

Desde o início do vídeo, o grupo apresenta com clareza e boa atuação a estrutura e referência utilizada, com Ana Vitória e Henrik Muniz dublando MC Rita e MC Kekel, enquanto Stephanie e Gustavo Pacheco representam o casal. Entre essas cenas, somos apresentados a alguns momentos desse casal de personagens, como mensagens trocadas pelo celular, lembranças amorosas revisitadas por meio de fotografias e o desentendimento que está ocasionando uma possível separação. A fluidez apresentada nas cenas acompanha o ritmo da música e reforçam a ideia de possível reconciliação do casal, considerando o amor de verdade que eles possuem, apesar dos últimos conflitos vivenciados.

Mesmo com as possíveis limitações de recursos técnicos de iluminação e cenário, o grupo encontrou alternativas simples para valorizar os momentos de luz e sombra dos cantores, e no processo de edição, complementaram tal composição. O videoclipe apresenta variadas transições de cenas, com flashes rápidos, intercalando os takes dos cantores com os personagens da história, seguindo o ritmo da batida da música, principalmente nos momentos do refrão, representando assim, a estética de videoclipes de funk melody da época.

O grupo utilizou o videoclipe original como referência direta para a estética e montagem da releitura, destacando principalmente algumas ações e interações dos personagens.



Fotografia 11: À esquerda frames da releitura produzida pelos estudantes e à direita, frames do videoclipe original.

Além dos aspectos técnicos apresentados no vídeo produzido por esses estudantes do 7º ano, chamou a atenção a dedicação e o cuidado que o grupo teve em relação à atuação e as referências do videoclipe original. Desde o início do processo de produção o grupo demonstrou autonomia e organização, definindo música, estética e roteiro a ser filmado. Outro aspecto que chamou a atenção de colegas do 7º ano e dos professores, foi a característica geral do grupo, que era composto por estudantes considerados tímidos em sala de aula. Ao assistir a performance deles no videoclipe, tanto os demais estudantes quanto o grupo de professores ficaram surpresos com o resultado, destacando a forma como eles compreenderam e interpretaram os personagens no videoclipe.

2.3.5. “Mina” - Empoderamento feminino e representatividade da mulher negra

Diferente do videoclipe “Amor de verdade” (2019), “Mina” produzido pela estudante Kethelly Silva com o apoio e participação de sua mãe e irmão, não teve o videoclipe original da música como referência. A música do álbum “Raízes” (2018), interpretada pela cantora Negra Li, não chegou a ter um videoclipe produzido. Utilizando a música e a mensagem latente em sua letra como referência direta, a estudante produziu uma versão narrativa que leva o espectador a acompanhar a rotina de uma jovem, desde suas atividades matinais até um momento de comemoração e brinde com uma amiga, valorizando e destacando a mensagem do empoderamento feminino e representatividade da mulher negra.

Os elementos visuais utilizados no videoclipe reforçam o perfil da jovem protagonista, ativa, com interesses diversos, moderna, autoconfiante e com grandes referências como a jornalista Maju Coutinho, estampada no espelho, a cantora Iza na playlist do Spotify, Erykah Badu passando na TV e finalizando com frase de Beyoncé. As sequências iniciais, e outras que aparecem no videoclipe, destacam livros, textos e filmes reforçando a ideia da segurança e consciência da personagem em relação ao seu processo de formação.

Em outros momentos, são apresentados alguns closes em itens de maquiagem, em paralelo com a música empoderando a protagonista para a valorização pessoal independente do que outras pessoas possam achar. A fotografia,

a transição e a edição das cenas, valorizam ainda mais tais aspectos de segurança e autoestima da personagem.

A proposta linear e fluida do dia da protagonista, finaliza com um brinde acompanhado por uma amiga, representada por Lucília Rodrigues, mãe da estudante Kethelly e traz uma série de simbolismos, desde o aspecto da sororidade entre mulheres, como também, o papel de fortalecimento da ancestralidade. Assim, além da temática claramente proposta, o videoclipe impulsiona a reflexão e debate para outros diversos desdobramentos e abordagens dentro e fora do ambiente escolar.



Fotografia 12: Frame do videoclipe “Mina”.

Disponível em: <https://youtu.be/ITw0Uu5A5Xo>

A temática apresentada no videoclipe seguiu a partir das referências da estudante e do diálogo que ela estabeleceu com a família acerca do processo de produção do videoclipe. Kethelly chegou a mencionar que a família, principalmente o irmão, também gostava de cinema e tinha interesse em produções audiovisuais. Quando ela chegou com a proposta do trabalho em casa, teve o apoio da família para pesquisar e evidenciar as referências sobre o feminismo e principalmente a representatividade da mulher negra, pensando na importância de tais temáticas para a produção do videoclipe e as possibilidades de utilização desse material para além do projeto do Festival de Curtas do CEF 602.

2.3.6. “Conexões” - Bullying e cyberbullying

O curta “Conexões” foi produzido em 2016, por estudantes do 9º ano, e traz como principal temática o bullying e cyberbullying. O filme apresenta a história de um jovem que sofre ataques diariamente em suas redes sociais, onde é possível deduzir, que tais ofensas também se estendam ao ambiente escolar. O filme inicia apresentando uma breve cena de uma mulher chorando sentada próxima a um túmulo, sugerindo um desfecho trágico. Na cena seguinte, um jovem andando triste e sozinho pela estação de metrô, tem a cena sobreposta com a sua chegada em casa. Nesse ambiente, quando o jovem interage com o notebook, podemos ver as diversas ofensas e ataques que ele recebe em suas redes sociais. São apresentados flashes dessas ofensas na tela do computador. A partir dessa interação, o jovem tem um colapso emocional, demonstrando o sofrimento ao qual vem passando.

A fotografia do filme utiliza uma variação entre preto e branco e o sépia, que favorece e influencia na construção de uma atmosfera de sofrimento, isolamento e sufocamento, onde sugere que algo de ruim está pairando, reforçando um excessivo desgaste emocional no personagem central. A maioria das cenas são escuras e há também, uma dificuldade de enxergar tudo o que eles sentem ou querem dizer de verdade. Essa dificuldade demonstra parte da dimensão que esse problema alcançou e os limites enfrentados pela mãe ao tentar solucioná-lo, a partir da orientação de uma psicóloga indicada por uma amiga.



Fotografia 13: Frame do curta-metragem “Conexões”.

Disponível em: <https://youtu.be/XUo8RnlfxE>

Poucas são as cenas em que a iluminação deixa clara a relação e a expressão dos personagens, como o momento de acolhimento da mãe com o filho que reflete o

início da tentativa da resolução do problema. Porém, nas cenas seguintes, a situação é agravada e um final trágico é apresentado. Após tal momento de desespero da mãe, o filme retorna para a cena inicial, no cemitério, confirmando a tragédia que já havia sido anunciada.

O ritmo e a sequência das cenas demonstram a crescente angústia do personagem e o início do que poderia ser a transição do isolamento e solidão para a construção de uma rede de apoio, com a figura das personagens da mãe e da psicóloga.

Além das propostas presentes na fotografia e montagem das cenas, o grupo fez algumas escolhas em relação à sonoplastia e atuação que favorecem na compreensão da temática proposta e contribuem para intensificar os possíveis impactos emocionais nas cenas, provocando algumas reflexões. A sonoplastia escolhida traz música instrumental e breves sons ambientes que são valorizados nos momentos de maior tensão e emoção, sendo seguidos por momentos de silêncio.

A carga dramática apresentada pela personagem Lena, mãe do jovem, ao som dos passos dela correndo pela escada e abrindo a porta, preenchida pela atuação do desespero e o silêncio seguinte, reforça o grito trágico por não ter conseguido ajudar e salvar o filho, propondo a grande reflexão sobre a seriedade e dimensão da temática apresentada.



Fotografia 14: Frame do filme “Conexões”. Momento em que a personagem Lena (Ana Júlia) encontra o filho.

O grupo comentou, à época, sobre como surgiu a escolha desse tema. A partir dos frequentes casos de bullying e cyberbullying notificados pela imprensa, e pela realidade latente no ambiente escolar, o grupo formado por maioria de meninas,

pensou que seria uma ótima oportunidade de trazer tal assunto para provocar e promover o debate. Chegaram a pensar em concluir com um final mais ameno, com a continuação da construção da rede de apoio e até talvez chegar à resolução do problema. No entanto, a escolha por um final trágico, segundo elas, teria um impacto emocional maior e poderia despertar maior interesse pelo debate e conhecer os problemas que rondavam a realidade de alguns estudantes da escola.

Assim, para além da estrutura narrativa envolvendo o que foi aprendido em sala de aula sobre a construção de um curta, e apesar de algumas possíveis limitações técnicas na época, o filme “Conexões” se propôs a cumprir um papel pedagógico dentro e fora do ambiente escolar, expondo o problema, a proporção a qual pode chegar e alguns possíveis caminhos que podem ser seguidos para evitar finais trágicos como o que foi apresentado, colocando a escola e a família no centro desse debate.

2.3.7. “Segundo Plano” - Uma proposta de reflexão sobre educação antirracista

O filme “Segundo Plano” (2023) foi produzido por estudantes do 7º e 8º ano em 2023, a partir da proposta de produção de um curta temático para o 1º Festival de Curtas do SINPRO - Adélia Sampaio, abordando o tema da educação antirracista. Ao longo da narrativa, acompanhamos a história de um grupo de estudantes engajados, porém indecisos e com alguns conflitos sobre a produção de um trabalho escolar para o Dia da Consciência Negra.



Fotografia 15: Frame do curta-metragem “Segundo Plano”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntPFX3ugvDI>

No debate para a definição do tipo do trabalho a ser produzido, a estudante representada por Kaila não demonstra muito interesse em aprofundar no assunto e sugere algumas ideias consideradas superficiais pelo grupo, sobretudo pelas duas estudantes negras presentes no debate. Em outro momento, essas duas estudantes, representadas por Ana Luiza e Ana Beatriz, refletem sobre o direito e espaço de fala nesse tema. Os demais componentes do grupo apresentam opiniões variadas. Isadora demonstra acompanhar o que Kaila decidir, já João Vitor fica indeciso, pois sente que é preciso conversar melhor e compreender a dimensão de tal trabalho.

Ao perceberem que Kaila minimizou o aspecto da representatividade, e que ela possui um certo papel de liderança dentro do grupo, Ana Luiza e Ana Beatriz sentem um desconforto em relação ao assunto e chamam ela para conversar. Após concordar com a conversa, há uma transição para a cena das apresentações dos trabalhos, sugerindo as diferentes abordagens adotadas por cada integrante do grupo.



Fotografia 16: Frame do curta-metragem “Segundo Plano”. Cena no pátio da escola quando Ana Luiza e Ana Beatriz decidem conversar com Kaila e o grupo.

A locação utilizada para a realização do filme foram os espaços dentro da escola, coincidindo exatamente com o período de exposição dos trabalhos produzidos por todas as turmas e professores para o projeto da Consciência Negra. As cenas, que acontecem em espaços como a sala de aula, o pátio e o corredor, apresentam “figurantes” transitando ao fundo.

A cena da apresentação dos trabalhos é sucedida pela cena de um estudante negro acompanhado por seu responsável, na secretaria da escola, assinando um

termo de transferência. Logo em seguida, uma tela preta com a seguinte mensagem “enquanto toda nossa atenção estava voltada para a resolução do projeto escolar, em segundo plano, um estudante negro sofria!”. A partir desse momento, o filme retrocede para o início. Utilizando o efeito *speed ramp*¹³, de vídeo acelerado, diminuindo a velocidade nos momentos específicos, além da utilização do recurso visual de efeito vinheta, destaca que o estudante realizando a transferência escolar, esteve presente em todas as cenas do filme, sempre em segundo plano, sofrendo ataques de bullying e tentando buscar apoio.

A fotografia utilizada no filme representa bem o ambiente escolar, demonstrando a dimensão e a variedade de espaços onde as situações ocorrem, com o aspecto do colorido próprio do ambiente. A fluidez das cenas segue um perfil linear do desencadear das ações, que é interrompido pelo surgimento de um personagem novo, numa situação fora da proposta narrativa que estava sendo apresentada. A partir da tela preta, com o texto em destaque, há uma quebra desse ritmo e o olhar do espectador é levado para outra perspectiva, trazendo uma nova abordagem para o mesmo filme. A trilha instrumental utilizada ao fundo e o recurso sonoro que valoriza o efeito de vídeo acelerado, também contribuem para essa quebra de ritmo e coloca o espectador diante da real proposta temática do filme.

O filme utilizou como referência o curta “Evan” (2016) produzido pela Sandy Hook Promise, instituição norte-americana sem fins lucrativos, liderada por familiares e entes dos envolvidos na tragédia ocorrida na Escola Primária de Sandy Hook, em 2012. A proposta da instituição é prevenir e combater a violência dentro do ambiente escolar. No filme “Evan”, acompanhamos o início de um relacionamento inesperado entre o personagem principal e uma jovem que trocam mensagens sem autoria, dentro do ambiente escolar. No entanto, em determinado momento, quando a jovem descobre a autoria das mensagens, um outro jovem entra armado no refeitório e o espectador é levado a assistir o filme novamente sob outra perspectiva, observando que durante o desenrolar da história do personagem Evan, esse outro jovem sempre estava em cena e já dava indícios de que uma tragédia estava por vir.

No curta “Segundo Plano” além de despertar o debate e chamar a atenção para situações que por vezes podem ser invisibilizadas dentro da rotina escolar, assim

¹³ É um efeito visual em edição de vídeo que cria a ilusão de aceleração e desaceleração das imagens, proporcionando dinamismo e também, destacando o foco em momentos específicos da cena.

como a situação descrita no curta “Evan”, o filme provoca a reflexão sobre qual o perfil de educação antirracista deve ser proposto nas escolas. Como o filme sugere e reflete, uma educação antirracista deve acontecer somente com um projeto pontual, em referência ao Dia da Consciência Negra? Quais alternativas as escolas podem adotar para o combate ao racismo e outros tipos de violência dentro da escola? Que abordagens e reflexões podem ser realizadas?

A forma como o grupo encontrou para trazer esses questionamentos para o curta, surgiu a partir da análise do edital do 1º Festival de Curtas do SINPRO e de situações vivenciadas na escola e mencionadas por eles sobre o tema. Como o filme foi gravado logo após a culminância do projeto de Consciência Negra da escola, depois de algumas pesquisas realizadas em algumas disciplinas escolares, tal temática ainda estava latente e despertava boas reflexões, como a situação da invisibilização das dores de estudantes negros. Lembro do grupo mencionar alguns episódios reais que poderiam ser representados no filme, de situações muitas vezes entendidas como brincadeiras, por parte de alguns, mas que ofendiam vários estudantes. O grupo, além de propor o debate acerca dos possíveis caminhos para uma educação antirracista, buscava promover o debate acerca daquilo que pode ou não ser considerado brincadeira dentro do ambiente escolar.



Fotografia 17: Frame do curta-metragem “Segundo Plano”. Ana Luiza e Ana Beatriz conversam sobre o incômodo do trabalho.

Embora possamos destacar que muitas escolas tem confrontado a distância entre o discurso e a prática, e que alguns avanços significativos estão sendo alcançados, o filme nos leva a refletir sobre essa distância (ainda) existente entre a

teoria de alguns trabalhos escolares e o sofrimento real dos estudantes, que não deve ser contemplada como aspecto de segundo plano.

2.4. Festivais de curtas escolares

Ao longo das seis edições do Festival de Curtas do CEF 602, os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e parte do corpo docente tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar outros festivais de curtas escolares do DF e de outros estados. Destacamos essas experiências a partir das particularidades de cada um desses festivais para o desenvolvimento cultural e do protagonismo estudantil.



Fotografia 18: Professores e estudantes do CEF 602 após a premiação do 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, em 2018, promovido pela GMIP. Ao centro, os estudantes Marcos Camargo, Tamires Machado e Victor Kaynnã com os troféus de suas categorias. **Fonte:** Acervo do autor

A primeira relação da escola com festivais de curtas externos, foi com o Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, em 2016. Esse festival serviu como inspiração para a criação do Festival de Curtas do CEF 602. O Festival era realizado e promovido pelo Canal E e a GMIP da SEEDF. Como mencionado anteriormente, esse festival ocorria anualmente no Cine Brasília, com a exibição e premiação de curtas escolares, divididos em dois dias: um para produções do ensino fundamental e outro para produções do ensino médio. Cada ano era lançada uma temática que poderia nortear as produções audiovisuais nas escolas, mas caso os estudantes optassem por outra

abordagem, eles tinham a possibilidade do tema livre, que também era aceito pelo Festival. Era uma oportunidade de conhecer os trabalhos e produções de outras escolas com seus estudantes e professores, com abordagens, formatos e projetos diferentes. Para além dos troféus, a organização promovia algumas premiações extras ofertadas em parceria com outros setores privados do DF, como cursos e oficinas de audiovisual e bolsas de estudo em graduações de cinema e fotografia, por exemplo. Era mais uma forma de valorizar e reconhecer o trabalho desenvolvido pelos estudantes a partir de seu protagonismo. Nesse festival, o CEF 602 concorreu com algumas produções e foi premiado em categorias como Melhor Abordagem do Tema e Melhor Direção.



Fotografia 19: Print de trecho da reportagem do Correio Braziliense sobre a premiação dos curtas-metragens na 1ª Mostra On-line de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal - #Curtadecasa. Fonte: Correio Braziliense.

Além do momento do Festival em si, em que havia a apreciação das produções fílmicas realizadas por estudantes sob a supervisão de professores de diversas áreas da SEEDF, o Canal E e a GMIP proporcionaram a troca de experiências entre os professores e tinham como proposta, nas últimas edições, estabelecer uma rede com os professores realizadores. Paralela a essa ação, também eram ofertados cursos de

produção audiovisual pela EAPE, como o “Nos caminhos do audiovisual”, proporcionando a formação de professores para a utilização da linguagem audiovisual com estudantes de todas as etapas de ensino da educação básica (CORDEIRO, 2023).

Destaco, que durante o período de isolamento social, o setor responsável pelo Festival, lançou uma edição intitulada 1ª Mostra On-line de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal - #Curtadecasa. Foi uma edição especial, adaptada para o formato virtual em razão da pandemia, apresentando uma mostra com os melhores filmes de todas as edições além de produções inéditas realizadas naquele período. Essa mostra foi a forma encontrada pelo Canal E e a GMIP para dar continuidade ao projeto na SEEDF. Porém, como já mencionado no capítulo anterior, após seis edições com grande envolvimento de escolas de todas as regionais de ensino da SEEDF, após a edição especial no período de isolamento social ocasionada pela COVID - 19, esse projeto foi descontinuado pela SEEDF após reestruturação das gerências. Nesta edição, o CEF 602 foi premiado na categoria Melhor Curta de todas as edições pelo júri popular, com o filme “O privilégio” produzido por Marcos Camargo¹⁴.



Fotografia 20: Finalização do 6º Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas, no Cine Brasília, em 2023. Foto: Deva Garcia. Fonte: SINPRO.

¹⁴ Reportagem completa, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/12/4893492-festival--curtaemcasa-premia-producoes-da-rede-publica-de-ensino-do-df.html>
Acesso em: 16 Ago. 2024.

Mais recentemente, outros festivais fizeram parte do roteiro de participação e premiação das produções realizadas pelos estudantes do CEF 602: o Festival de Curtas do SINPRO Adélia Sampaio - DF e o Festival Internacional de Cinema Escolar de Alvorada - do Rio Grande do Sul.

Em 2022, por meio das redes sociais e da divulgação de outros professores da SEEDF, o CEF 602 teve acesso ao Festival Internacional de Cinema Escolar de Alvorada - FECEA. Tal festival é um projeto que tem como finalidade a divulgação e a valorização do trabalho audiovisual produzido no ambiente escolar, por estudantes de diversas etapas de ensino. Possui categorias nacionais e internacionais, com divulgação e inscrição pela plataforma *FilmFreeway*. Também tivemos filmes selecionados e premiados.



Fotografia 21: Professor Edmar de Oliveira e estudantes do CEF 602 do Recanto das Emas, após exibição e premiação do curta-metragem “Segundo Plano”, no 1º Festival de Curtas do SINPRO - Adélia Sampaio, no Cine Cultura Liberty Mall, em 2023. Fonte: Acervo do autor.

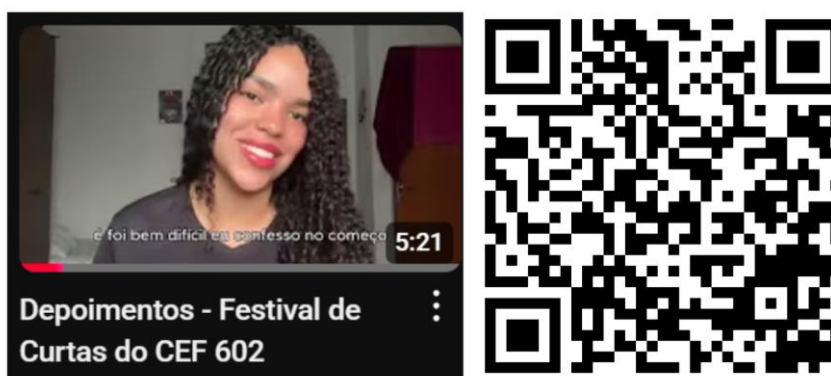
Em 2023, foi lançado o 1º Festival de Curtas do SINPRO - Adélia Sampaio, com cinco categorias previstas (Educação de Jovens e Adultos, Educação do Sistema Socioeducativo ou do Sistema Prisional, Ensino Fundamental, Ensino Médio e júri

popular) e com o tema “Para ser libertadora, a educação precisa ser antirracista”. O Festival utilizou como critério de escolha e seleção dos filmes a serem exibidos e premiados, a correlação da produção com a temática proposta, além da criatividade do roteiro e outros elementos da linguagem audiovisual, como a fotografia e a edição. O CEF 602 participou e ganhou o prêmio de Melhor Filme na categoria Ensino Fundamental com o filme “Segundo Plano”. O Festival de Curtas do SINPRO surge como uma nova alternativa de promoção e valorização das produções audiovisuais escolares no âmbito do Distrito Federal.

Além desses festivais de curtas escolares, pelo histórico das produções realizadas na escola e o interesse dos estudantes, ao longo dos anos o CEF 602 participou de diversas iniciativas, oficinas e projetos na área do audiovisual contemplando a formação na área. Entre essas ações de formações pedagógicas podemos citar as oficinas de cinema promovidas pelo Festival Taguatinga de Cinema; oficinas oferecidas por profissionais da área, que ao conhecer o projeto e em contato com o professor ofertavam oficinas gratuitas de maquiagem cênica e fotografia, por exemplo; e participação no projeto de extensão “Jogos e Narrativas imersivas com audiovisual e realidade aumentada” promovido pelo Instituto Federal de Brasília - IFB, uma experiência que contemplou os estudantes do 9º ano.

3 - PLANO SEQUÊNCIA: O FESTIVAL E AS TRAJETÓRIAS DE VIDA

Ao longo da realização do projeto “Festival de Curtas do CEF 602”, para além das narrativas apresentadas por meio dos curtas, animações e videocliques, existiam as histórias pessoais de cada estudante envolvido, engajado (ou não) com o projeto. No decorrer desses anos, durante o processo de produção do Festival e continuidade de circulação dos curtas, costumava receber muitos contatos e retornos de estudantes egressos da escola relatando como o projeto havia afetado sua trajetória como estudante e conseqüentemente, seus aspectos culturais e sociais. Além dessas falas, muitos estudantes comentavam sobre a saudade que sentiam em participar do projeto, solicitavam receber o convite para as novas edições e traziam algumas histórias de continuidade de pesquisa e trabalho na produção audiovisual, algo que eles comentavam terem sido motivados pelo Festival.



Fotografia 22: Vídeo com depoimentos de estudantes egressos do projeto, apresentado na abertura do 6º Festival de Curtas do CEF 602, em 2023, no Cine Brasília. Disponível em: <https://youtu.be/1M40Fpn1woM?si=xIAJAzPqgCYIAN7G> Acesso em: 20 Abr. 2025.

Na 6ª edição, ocorrida em 2023, alguns estudantes egressos foram convidados a dar um breve depoimento em vídeo para ser apresentado na abertura do Festival. Nesses depoimentos alguns aspectos eram recorrentes como: a oportunidade de protagonismo que tiveram ao participar do projeto; a dinâmica de grupo que envolvia a produção do trabalho; o relato de possibilidade de profissionalização na área de produção audiovisual; a saudade que sentiam do projeto também relacionado à escola; a maneira como o Festival foi capaz de envolver muitos estudantes despertando interesse nesse e em outros projetos, além de desenvolver o sentimento de pertencimento à escola; o reconhecimento do dinamismo que o projeto

proporcionava dentro e fora de sala de aula, rompendo com a rotina padrão da escola; e a percepção de desenvolvimento de aspectos como criatividade, liderança e trabalho em equipe.

A partir da constância e quantidade desses relatos, considerando alguns questionamentos sobre o formato do projeto, seus objetivos e consequentemente sua continuidade ou realização em outros espaços, surgiram algumas perguntas pertinentes para a pesquisa. Foram selecionados então, 12 estudantes egressos e 3 responsáveis legais para responder algumas perguntas. Os perfis variados foram escolhidos de acordo com a participação no Festival de Curtas, em diferentes edições e com contribuições diversas.

Para a coleta dos dados, um questionário (GIL, 2008) com 4 perguntas foi aplicado e tinha como principal objetivo responder aos questionamentos desta pesquisa envolvendo os aspectos culturais e educacionais dos estudantes ao participar do Festival de Curtas do CEF 602. A seguir são apresentados os perfis dos estudantes egressos e a análise de suas respostas.

3.1. Estudantes protagonistas: perfis dos entrevistados

Após 6 edições de realização do projeto, fica evidente que são várias as possíveis histórias para análise e entrevista. Diante desse cenário, buscou-se definir alguns critérios para a escolha dos 12 estudantes egressos a serem entrevistados. Foram considerados aspectos como idade (acima de 18 anos); contribuições e participação no Festival; participação em edições diferentes; produção em diferentes formas audiovisuais (curtas, animação e videoclipe); além da disponibilidade em participar da pesquisa. Foram encaminhados 12 convites para participação na pesquisa, porém 11 estudantes egressos responderam no prazo.

Abaixo, são apresentados brevemente os perfis dos entrevistados.

Ana Júlia Novaes - idade: 24 anos. Participou do 1º Festival de Curtas do CEF 602 (2016), era estudante do 9º ano. Ganhou o troféu de Melhor atriz com o filme “Conexões”, curta que também foi selecionado para o 2º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e 1º Festival de Cinema do Paranoá, ambos em 2016.

Clara Amaral - idade: 20 anos. Participou da 4ª edição do projeto, em 2019. À época, era estudante do 9º ano e produziu um documentário intitulado “Niggas”. Buscou a linguagem do documentário para retratar depoimentos e realidades de

jovens de movimentos culturais, como batalhas de rimas do Recanto das Emas, apresentando relatos relacionados aos aspectos culturais e reflexões sobre o racismo.

Francisco Michael Sousa - idade: 21 anos. Participou das 3 primeiras edições do Festival de Curtas do CEF 602, como estudante do 7º, 8º e 9º ano. Foi diretor do filme “Se é público também é meu” (2017) selecionado para o 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, e do documentário “Vozes: Caminhos para a honestidade” (2018). Atuou no filme “[DECIDIR]” (2017), premiado no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e selecionado para o Festival Taguatinga de Cinema, ambos em 2018.

Henrik Muniz - idade: 18 anos - Participou da 3ª e 4ª edição do Festival de Curtas do CEF 602, na época, estudante do 6º e 7º ano. Produziu e atuou no videoclipe de releitura da música “Amor de verdade” de MC Kekel e MC Rita. Ganharam como Melhor Videoclipe (2019).

Marcos Vinicius Lopes Camargo - idade: 21 anos - Participou das 3 primeiras edições do Festival de Curtas do CEF 602. Produziu a animação “O privilégio” (2018), premiada na 3ª edição do projeto como “Melhor filme” e também ganhou prêmios no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF (Melhor Abordagem do Tema - em 2018) e como Melhor Filme de todas as edições do Festival #CurtaEmCasa da SEEDF - Categoria Júri Popular, em 2020, durante o período de isolamento social ocasionado pela pandemia.

Matheus Ferreira de Sousa - idade: 22 anos. Participou da 2ª e 3ª edição do projeto, com os filmes “A rua mal assombrada” (2017) e “[DECIDIR]” (2018). Este último, premiado no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e selecionado para o Festival Taguatinga de Cinema, também em 2018. No Festival de Taguatinga, antes da exibição do curta, apresentou aspectos do processo de produção do filme.

Nicolle Próspero - idade: 18 anos. Participou da 3ª e 4ª edição do Festival de Curtas do CEF 602, na época, estudante do 6º e 7º ano. Produziu o videoclipe de releitura da música “Happy” de Pharrel Williams (2019). Em 2023, retornou como convidada para a entrega do prêmio de Melhor Filme no 6º Festival de Curtas do CEF 602.

Raquel Ribeiro de Moraes - idade: 21 anos. Participou das 3 primeiras edições do Festival de Curtas do CEF 602, como estudante do 7º, 8º e 9º ano. Em 2018 participou dos filmes “Por trás do silêncio” e “[DECIDIR]”, sendo este último, como já

mentionado na descrição de outros participantes, premiado no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e selecionado para o Festival Taguatinga de Cinema.

Tamires Machado Santos - idade: 21 anos. Participou das 3 primeiras edições do Festival de Curtas do CEF 602, como estudante do 7º, 8º e 9º ano. Em 2017, participou do filme “Além da imaginação”, selecionado para o 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF. Em 2018, atuou e dirigiu com Victor Kaynnã o filme “[DECIDIR]”, premiado como Melhor direção no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e selecionado para o Festival Taguatinga de Cinema.

Victor Kaynnã Rocha Pereira - idade: 21 anos. Participou das 3 primeiras edições do Festival de Curtas do CEF 602, como estudante do 7º, 8º e 9º ano. Atuou e dirigiu os filmes “O pesadelo” (2017), “Por trás do silêncio” e “[DECIDIR]” ambos de 2018. Ganhou com Tamires Machado o prêmio de Melhor direção no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF e foi selecionado para o Festival Taguatinga de Cinema. Em 2022, retornou ao CEF 602 como consultor e jurado técnico da 5ª edição do Festival de Curtas do CEF 602, participando também da apresentação e entrega do prêmio de Melhor Filme no Festival.



Fotografia 23: Os estudantes egressos, Warlisson Bezerra e Victor Kaynnã realizando a entrega do prêmio de Melhor Filme no 5º Festival de Curtas do CEF 602, no Cine Brasília, em 2022. Foto: Deva Garcia. Fonte: SINPRO.

Warlison da Silva Bezerra - idade: 25 anos. Participou do 1º Festival de Curtas do CEF 602 (2016), era estudante do 9º ano. Dirigiu e produziu o filme “Exílio do Mal”. Manteve contato nos anos seguintes, auxiliando alguns grupos na produção dos

curtas. Em 2022, retornou ao CEF 602 como consultor e jurado técnico da 5ª edição do Festival de Curtas do CEF 602, participando também da apresentação e entrega do prêmio de Melhor Filme no Festival.

3.1.1 - Análise das respostas e trajetórias

Para esses estudantes egressos, considerando a objetividade da coleta das respostas, foi encaminhado em maio de 2025, um formulário, produzido via Google Forms, com 4 perguntas, sendo as três primeiras com aspectos objetivos relacionados à pesquisa e uma de caráter mais subjetivo, relacionado às memórias e demais aspectos relevantes que eles gostariam de destacar.

Como forma de organização, será apresentada inicialmente a pergunta realizada com os estudantes egressos, seguida de trechos das respostas apresentadas pelos participantes e as devidas reflexões e análises de acordo com a pesquisa.

Pergunta 1 - De que forma participar do projeto “Festival de Curtas do CEF 602” contribuiu para o seu desenvolvimento cultural, como na ampliação do seu repertório artístico e compreensão de diferentes linguagens e formatos audiovisuais?

Ao considerar as respostas apresentadas para este item, foi possível identificar alguns aspectos recorrentes e semelhantes entre os participantes. Muitos deles destacam que a participação no Festival de Curtas do CEF 602 contribuiu fortemente para o aprendizado da linguagem audiovisual, destacando o conhecimento relacionado aos aspectos técnicos e as etapas de produção, como pode ser observado com os trechos selecionados:

“Participar do projeto “Festival de Curtas do CEF 602” contribuiu imensamente para o meu desenvolvimento cultural, principalmente na compreensão de diferentes linguagens e formatos audiovisuais. Durante o processo, eu tive contato direto com diversas etapas da produção audiovisual, desde a criação dos roteiros à edição e entrega final do curta. Isso com toda certeza me fez entender melhor do que ninguém, que tudo no audiovisual é uma forma de se expressar, compartilhar e nos trazer reflexões, pois cada detalhe mudado, é uma nova perspectiva. (...)” (Resposta apresentada por Nicolle Próspero, cedida ao pesquisador, 2025)

“(...) contribuiu muito para o meu desenvolvimento cultural, pois me ajudou a conhecer diferentes formas de contar histórias por meio do audiovisual. Aprendi sobre roteiros, gravações e edições, e isso ampliou meu repertório artístico. Também passei a entender melhor as diversas linguagens usadas no cinema, como o uso de som,

imagem e narrativa para transmitir mensagens e emoções.” (Resposta apresentada por Matheus Ferreira, cedida ao pesquisador, 2025)

“(…) me proporcionou um contato direto com o audiovisual, me fazendo entender melhor os elementos precisos para se produzir um filme (roteiro, edição, fotografia…) e conhecer outros formatos audiovisuais como documentários, curta-metragem, animações e entre outros.” (Resposta apresentada por Tamires Machado, cedida ao pesquisador, 2025)

Outras contribuições apresentadas nas respostas dos estudantes egressos, se referem às novas formas como começaram a enxergar os filmes que assistiam em casa e em outros ambientes, além de novas percepções em relação a outras linguagens artísticas, como o teatro, por exemplo.

“Posso dizer que antes dos festivais de curtas do CEF 602, o meu repertório era limitado à minha realidade, limitado ao que eu escutava ou presenciava. Com o festival, foi possível conhecer mais sobre minha pessoa, respondendo perguntas como: O que de fato me agrada? Quais tipos de elementos presentes em um filme, vídeo, música, em uma peça teatral me chamam a atenção? Por qual motivo o cinema me atrai tanto? Consegui responder perguntas sobre outros temas, como: Como é feito tal cena? O que utilizaram em tal momento de um filme? Como o personagem se sentiu após tal conversa?(…)” (Resposta apresentada por Warlisson Bezerra, cedida ao pesquisador, 2025)

“Participar do Festival de Curtas do CEF 602 foi uma experiência muito enriquecedora para o meu desenvolvimento cultural. Foi através dele que tive certeza do meu amor pela arte, pelo cinema e pelo audiovisual. Durante o processo, ampliei meu repertório artístico ao conhecer diferentes gêneros e estilos de narrativas, tanto na prática quanto assistindo aos trabalhos dos colegas.(…)” (Resposta apresentada por Victor Kaynnã, cedida ao pesquisador, 2025)

“Acabou me trazendo um conhecimento que eu não tinha, seja na edição de vídeos ou quando eu vejo um filme e fico analisando cada detalhe, seja seu repertório musical ou sua edição, ou como foi gravado, tudo eu fico vendo. (...)” (Resposta apresentada por Raquel Ribeiro, cedida ao pesquisador, 2025)

O envolvimento com a linguagem audiovisual no ambiente escolar não se limita somente aos aspectos técnicos e teóricos. Acreditamos que a participação em projetos que utilizam a linguagem audiovisual como possibilidade de gesto de criação, possibilita expandir diversas experiências tanto no âmbito da linguagem audiovisual, propriamente dita, como em outros aspectos pedagógicos e sociais.

No que diz respeito aos aspectos pedagógicos, podemos destacar que ao longo da realização do projeto, durante as 6 edições em que pude coordená-lo, tanto no aspecto pedagógico quanto organizacional, foi possível perceber que alguns

estudantes começaram a se envolver mais com outras atividades e projetos escolares, a partir da relação que estabeleciam com outros colegas e professores de outras disciplinas escolares, além de Arte. É possível mencionar, por exemplo, alguns feedbacks dados pelos professores sobre a percepção que tiveram de alguns estudantes, em relação à autonomia, liderança e interesse por determinados conteúdos. Outro aspecto referente à dimensão pedagógica está diretamente relacionado às temáticas definidas pelos grupos, que em alguns casos iam ao encontro de temas e assuntos desenvolvidos em outras disciplinas ou temas transversais trabalhados nas disciplinas de Parte Diversificada - PD, como bullying, violência, feminicídio, racismo, homofobia, entre outros.

Considerando os aspectos sociais, em consonância com o que defende Toledo (2020), projetos que contemplem a linguagem audiovisual como centro da proposta, tendem a ser democráticos e contemplar um número maior de habilidades dos estudantes, havendo espaço para todos. Era comum durante o período de definição de grupos e atribuições de tarefas, perceber que cada estudante ia escolhendo uma função que mais se identificava e teria interesse em desempenhar durante a realização do filme. Além disso, alguns bons destaques e surpresas surgiam nas turmas de estudantes que possuíam talento para edição, por exemplo, ou que se encontravam na atuação e surpreendiam a todos. Destaco entre esses casos, o grupo que realizou a releitura do videoclipe “Amor de verdade” de MC Kekel e MC Rita em 2019, onde os estudantes do 7º ano realizaram uma produção que foi bem sucedida e ganhou o prêmio de Melhor Videoclipe na 4ª edição do Festival, destacando a atuação do estudante Henrik Muniz, um dos entrevistados nessa pesquisa. Diante dessa pergunta, Henrik destaca:

“Ter participado do Festival de Curtas do CEF 602 me fez enxergar novos horizontes de forma positiva, onde me fez aprender a me expressar com um novo formato, poder colocar sentimento e emoção em uma produção de audiovisual.” (Resposta apresentada por Henrik Muniz, cedida ao pesquisador, 2025)

Alguns outros participantes, além de apresentar que o Festival contribuiu para a aprendizagem de elementos técnicos da linguagem audiovisual, destacaram que o envolvimento com o projeto despertou a identificação pela possibilidade de profissionalização na área, seja especificamente se especializando em produção audiovisual, como foi o caso de alguns estudantes egressos do projeto que ingressaram no ensino médio integrado no IFB - Campus Recanto das Emas, com

foco em Produção de Áudio e Vídeo, ou conseguiram reconhecer e estabelecer relação entre o que haviam aprendido com as possíveis áreas profissionais de interesse que seguiram mais adiante.

“Participar do projeto “Festival de Curtas do CEF 602” foi uma experiência transformadora para o meu desenvolvimento cultural. Produzir um curta-metragem em formato de animação ampliou significativamente meu repertório artístico e aguçou minha percepção sobre as diversas linguagens e possibilidades do audiovisual. Durante o processo, aprendi novas tecnologias e desenvolvi um olhar mais crítico e sensível em relação ao cinema e à narrativa visual.

Essa vivência despertou em mim uma verdadeira paixão por animações, que levo até hoje para a minha atuação profissional como desenvolvedor. (...) Acredito que essa base adquirida no projeto foi fundamental para minha formação criativa e continua influenciando diretamente minha forma de pensar e criar.” (Resposta apresentada por Marcos Camargo, cedida ao pesquisador, 2025)

“A experiência ampliou significativamente meu repertório, pois me colocou em contato com diferentes formas de pensar, criar e narrar através da linguagem audiovisual. Durante o festival, aprendi na prática sobre roteiros, enquadramentos, edição e direção, o que despertou em mim uma paixão pela área que sigo atualmente. Além disso, o projeto me instigou a olhar o mundo com mais atenção e senso crítico — compreendendo como o audiovisual pode ser uma poderosa ferramenta de expressão, transformação social e identidade cultural. Essa vivência também plantou em mim o desejo de ser professora, justamente para levar esse tipo de iniciativa para outras escolas e multiplicar os impactos que eu mesma vivenciei. Foi mais que um projeto: foi um ponto de virada.” (Resposta apresentada por Clara Amaral, cedida ao pesquisador, 2025)

Tais respostas apresentadas nessa pergunta, de certo modo acabam extrapolando os elementos centrais sobre a ampliação do repertório artístico, desenvolvimento cultural e compreensão de diferentes formatos audiovisuais. Acredito que para além dos aspectos pedagógicos já mencionados e outros que são intrínsecos à realização de projetos escolares, os fatores que envolvem a escuta, o acolhimento, o afeto, o desafio e o diferente, são propulsores para essas descobertas e desdobramentos para além da sala de aula.

Como é apresentado no documentário “Esquecidos” (2022), de acordo com pesquisas e respostas apresentadas por especialistas educacionais, a etapa dos anos finais do ensino fundamental apresenta uma série de barreiras e particularidades diferentes das demais. O fato de ser uma etapa de ensino que está ali, no meio da caminhada, contemplando exatamente o período de transição da adolescência,

demonstra que qualquer metodologia proposta deve considerar também, essas mudanças que estão ocorrendo com os estudantes.

Assim, há uma diversidade de contextos a serem trabalhados, como no caso do 6º ano, em específico, que inicia a etapa dos anos finais do ensino fundamental. Há escolas que realizam uma etapa de transição para esses estudantes, porém não pode ser algo estanque e realizado apenas com uma ou duas atividades em poucos dias. É muito comum ouvir de colegas professores que atendem esse ano e perceber na prática também, como há uma mudança brusca entre o 5º e o 6º ano, onde os estudantes deixam de ter um(a) único(a) professor(a) regente e passam a ter vários, de disciplinas separadas e com perfis e metodologias distintas, separadas por horários de 50 minutos. Além do aumento de professores e disciplinas escolares, é muito comum perceber que não há um diálogo entre as áreas de conhecimento dentro das disciplinas escolares, o que torna o processo pedagógico ainda mais fragmentado.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, até o 5º ano, é mais comum o estudante estabelecer uma conexão com o(a) professor(a) regente que o acompanha durante todo o ano letivo, todos os dias. Ao chegar nos anos finais do ensino fundamental, essa relação já ganha outra dimensão, onde é possível perceber uma maior dificuldade em estabelecer essas conexões entre professor e estudante, considerando o tempo que cada professor tem com a turma, os aspectos relacionados ao currículo e o quantitativo de estudantes atendidos pelo mesmo professor.

Assim, considerando a análise das características apresentadas no capítulo 1, referente às aprendizagens baseadas em projeto diante das respostas fornecidas pelos estudantes egressos do projeto Festival de Curtas do CEF 602, é possível perceber que quando há na escola a viabilidade da realização de atividades e projetos que possam proporcionar e extrapolar a relação metodológica tradicional do “Texto no quadro - cópia - explicação - visto de caderno”, existe a possibilidade de estabelecer vínculos afetivos que podem influenciar diretamente no desenvolvimento pedagógico e social, não só dos estudantes.

Pergunta 2 - Quais habilidades específicas relacionadas à produção audiovisual (como roteiro, edição, direção ou atuação) você adquiriu ou aprimorou durante o projeto, e como essas habilidades impactaram sua trajetória educacional ou profissional?

Sobre as habilidades relacionadas à produção audiovisual, os participantes destacaram com maior frequência a aprendizagem e desenvolvimento na área de elaboração e produção de roteiro, direção, edição e atuação.

“Durante o projeto, aprimorei especialmente minhas habilidades em criação de roteiros e atuação. Foi através dessas experiências que descobri minha paixão por escrever histórias e interpretar personagens. (...) Essas vivências tiveram um grande impacto na minha trajetória: me motivaram a seguir estudando audiovisual e me ajudaram a decidir que quero trabalhar com roteiro e direção no futuro.” (Resposta apresentada por Victor Kaynnã, cedida ao pesquisador, 2025)

“(...) Participar ativamente do desenvolvimento do roteiro me ensinou a estruturar narrativas de forma clara e envolvente, o que contribuiu diretamente para minha capacidade de organização de ideias e comunicação escrita.” (Resposta apresentada por Marcos Camargo, cedida ao pesquisador, 2025)

Durante a organização metodológica do projeto Festival de Curtas do CEF 602, e suas adaptações ao longo dos anos, a produção de roteiro sempre foi algo que inicialmente despertava interesse nos estudantes e também, apresentava uma série de problemas. Como já mencionado no capítulo 2, após a explicação sobre a estrutura do roteiro, com os seus devidos aspectos, e já com a definição da temática, gênero e enredo, os estudantes produziam suas histórias e apresentavam para os professores de Arte e Língua Portuguesa. Porém, era perceptível a dificuldade que muitos grupos encontravam em estruturar as cenas em diálogos e com breves descrições. Muitos grupos acabavam mesclando a estrutura do texto dramático com texto narrativo no roteiro, apresentando grandes trechos de explicações e passagens de cenas.

Com o passar dos anos, utilizando trechos de roteiros de filmes como exemplo durante as aulas, e com o apoio das professoras de Língua Portuguesa, essa estrutura de diálogos, códigos e elementos próprios do roteiro passou a ficar mais clara e integrar as produções. A dificuldade que alguns grupos ainda possuíam, como mencionado no capítulo 2, era conseguir seguir o roteiro durante as filmagens. Porém, aqueles que conseguiam parcialmente ou em sua totalidade, mencionavam o quanto facilitava durante a captação de cenas e como o roteiro bem estruturado também diminuía o tempo de produção.

Outra habilidade destacada nas respostas pelos participantes estava relacionada à atuação, como foi o caso da Ana Júlia.

“Fui umas das atrizes do curta e a atuação me tirou muito da zona de conforto. Quando recebi o prêmio de Melhor Atriz no festival, senti um

sentimento de felicidade muito forte. Esse reconhecimento fortaleceu minha autoconfiança e transformou a maneira como encaro apresentações, me deixando mais centrada e menos nervosa, tanto na faculdade quanto no trabalho.” (Resposta apresentada por Ana Júlia, cedida ao pesquisador, 2025)

De acordo com o Currículo em Movimento da SEEDF, ao longo dos 4 anos dos anos finais do ensino fundamental, os estudantes devem ter contato e aprendizados referentes às quatro linguagens artísticas: artes visuais, artes cênicas, dança e música. Porém, na realidade do chão da escola, há um grande e incessante debate acerca da interpretação e a prática da polivalência dos professores de arte. Neste sentido, é comum verificar em grande parte das escolas que cada professor realiza os recortes de conteúdos das linguagens de acordo com a sua formação, a realidade dos estudantes e projetos escolares, pois atualmente na SEEDF apenas as Escolas Parques possuem e atendem as 4 linguagens artísticas com professores especializados em cada uma delas. De maneira geral, no ensino fundamental (anos finais) e ensino médio, as escolas não possuem no quadro docente professores especialistas em cada linguagem, assim, mesmo com as ressalvas, muitos professores acabam compreendendo a prática da polivalência como uma necessidade imediata para atender os estudantes, especialmente em regiões periféricas do DF.

Com formação em artes cênicas, como professor de artes, busco atender as 4 linguagens artísticas de acordo com esses recortes de conteúdo, realidade dos estudantes e as minhas áreas de conhecimento nas demais linguagens, sempre pautado na proposta que a escola não é uma escola de arte, onde o foco é ensinar e treinar artistas, mas sim, com foco em despertar e desenvolver habilidades, a sensibilidade e o senso crítico dos estudantes.

Quando eram realizados jogos teatrais e atividades de improvisação com os estudantes era extremamente perceptível a identificação e interesse que grande parte do grupo tinha com a linguagem cênica. Mesmo com o interesse de alguns grupos em realizar montagens cênicas, a dinâmica frenética dos anos finais do ensino fundamental, a quantidade de turmas das quais eu ficava responsável como professor de artes e o tempo que seria demandado para o ensaio de vários grupos, se tornavam fatores limitadores para o aprofundamento da linguagem cênica. Nesse sentido, ao longo dos anos, para além dos jogos teatrais e de improvisação, eram realizadas oficinas temáticas em parceria com outros profissionais. Em 2016, por exemplo, ano em que a Ana Júlia realizou o filme e ganhou como Melhor Atriz, realizamos duas

oficinas durante o horário de aula e no turno contrário: de atuação e maquiagem cênica.



Fotografia 24: Registros das oficinas de teatro e maquiagem cênica realizadas no contraturno, em 2016, em destaque à esquerda e no centro superior, professor Edmar de Oliveira e Ana Júlia. **Fonte:** Acervo do autor.

Diante das respostas fornecidas para a segunda pergunta, foi possível perceber que a maioria dos participantes estabeleceram relação entre as habilidades adquiridas, principalmente durante o processo de direção e edição dos curtas, com o campo profissional onde atuam no momento.

“(...)Aprendi a criar roteiros, e com esse nível de abstração de uma ideia, consegui me tornar um ótimo profissional. Com a edição não foi diferente. (...) Todas essas habilidades, hoje, eu aplico em minha profissão. (...) Como por exemplo: A habilidade que adquiri com a criação de roteiros, me ajuda a estabelecer metas, a padronizar ações, a desenhar o que espera ser alcançado com o software. (...) Com a atuação, adquiri a habilidade de como me comportar em diferentes momentos, situações e casos. E com a direção, a liderar pequenos projetos, a incentivar o outro, a repassar uma ideia e deixar o outro ter

liberdade de criação.” (Resposta apresentada por Warlisson Bezerra, cedida ao pesquisador, 2025)

“Eu aprendi a coordenar uma equipe e lidar com imprevistos sem que isso mudasse bruscamente o projeto inicial, essa experiência foi excelente para a minha liderança e organização. Essas habilidades impactaram na minha trajetória educacional e agora profissional também, de uma forma muito positiva, pois hoje eu consigo ser mais confiante nas minhas decisões, consigo me expressar melhor com o público e sou mais criativa no que faço. Foi uma virada de chave inicial lá atrás, que influencia até hoje na minha vida.” (Resposta apresentada por Nicolle Próspero, cedida ao pesquisador, 2025)

Ao analisar tais respostas, com percepções de relações e transformações entre o que foi vivenciado durante a participação no projeto e a vida profissional, é perceptível a importância do ensino da arte e de propostas metodológicas que evidenciem o protagonismo estudantil para um processo de transformação social. Assim como defende Menegat (2015, p. 19) ao se referir à linguagem da arte, é necessário perceber que o ensino de arte na escola não se trata de pensar em arte somente como um produto ou treinamento de um artista, mas sim, considerar entre outras coisas, a possibilidade que a arte tem de propiciar espaços de expressão, experimentação de elementos e técnicas e desenvolvimento de diversas habilidades humanas.

“(...) Essas experiências foram fundamentais para minha escolha profissional: decidi seguir na área do audiovisual e hoje atuo com gravações, fotografia e produção de conteúdo. O projeto me deu as primeiras ferramentas técnicas e me mostrou, na prática, o quanto essa linguagem dialoga com minha maneira de ver e sentir o mundo. Foi a partir dele que minha trajetória profissional começou a tomar forma.” (Resposta apresentada por Clara Amaral, cedida ao pesquisador, 2025)

Como em outras respostas dos demais participantes, Clara Amaral destaca como a oportunidade de experimentação artística e o contato com as diversas áreas dentro da produção do curta, influenciaram diretamente a sua escolha profissional. A relação entre a experiência vivenciada durante os anos finais do ensino fundamental e a vida adulta profissional, foi um dos aspectos recorrentes nas respostas e nos chama a atenção por algumas especificidades próprias desta etapa de ensino.

Diferente da abordagem que ocorre no ensino médio, pautada principalmente em vestibulares e mercado de trabalho, os anos finais do ensino fundamental podem e devem propiciar a oportunidade de contato, experimentação e construção de diversas habilidades. Assim como menciona Bergala (2008, p. 26), a pedagogia das

artes possui grandes princípios como, entre outros, o de reduzir as desigualdades, despertar as qualidades de intuição, desenvolver a sensibilidade e o senso crítico. Aspectos fundamentais sobretudo para essa etapa de transição, do ensino fundamental, onde se faz necessário romper com a estrutura conteudista para uma educação com significado, que possa fornecer diversos caminhos e possibilidades para que esse estudante possa se desenvolver integralmente. Assim como defende Paulo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, considerando o estudante um agente ativo na construção do próprio saber, e o professor como o responsável por mediar e facilitar esse processo.

Ler e analisar essas respostas dos participantes, com essas conexões, reforça a importância em valorizar processos metodológicos que privilegiem o desenvolvimento de habilidades que ultrapassem a aplicação de conteúdos. Vale mencionar que os conteúdos também são importantes, mas devem ser considerados a partir da multiplicidade de variáveis do contexto escolar e para a vida futura desses estudantes. Caso não sejam consideradas, continuaremos a ver conteúdos distantes da realidade e que se tornarão, rapidamente, cada vez mais obsoletos diante das várias transformações e avanços tecnológicos.

Pergunta 3 - Após sua participação no projeto, como você percebe a importância do audiovisual como ferramenta de expressão, aprendizado e transformação social, tanto na sua formação pessoal quanto na sua visão de mundo?

Diante do questionamento apresentado na pergunta, os participantes, em sua maioria, destacaram como a participação no projeto despertou neles a percepção sobre as diversas possibilidades de representar e contar histórias, promover debates e reflexões compreendendo que a produção audiovisual pode ir além do entretenimento.

“(...) Através do som e imagem podemos ir além de entreter o telespectador, podemos refletir sobre temas importantes e dar voz à histórias.(...)” (Resposta apresentada por Tamires Machado, cedida ao pesquisador, 2025)

“(...) passei a enxergar o audiovisual não só como entretenimento, mas como uma poderosa ferramenta de expressão, aprendizado e transformação social. Percebi como ele pode dar voz a diferentes realidades, promover reflexões e tocar as pessoas de forma profunda. Durante o festival, entendi na prática como temas como diversidade, inclusão e empatia podem ser trabalhados por meio de histórias bem

contadas.(...)” (Resposta apresentada por Victor Kaynnã, cedida ao pesquisador, 2025)

A partir do contexto atual, em consonância com Bergala (2008, p. 32), é preciso compreender que não só a linguagem audiovisual, mas as demais linguagens artísticas, possuem funções e aspectos que podem (e devem) ir além do entretenimento. Assim, atualmente a maioria das crianças e jovens são influenciadas socialmente por um consumo frenético daquilo que Bergala (2008) denomina como mercadorias culturais que são rapidamente consumidas e perecíveis, como é o caso de vídeos cada vez mais curtos disponibilizados por plataformas como *Tik Tok* e *Kwai*, por exemplo. Estabelecer propostas metodológicas de ensino, utilizando a linguagem audiovisual, que possam transpor essa dinâmica veloz e por muitas vezes vazias desses vídeos, requer um trabalho de construção de novos repertórios, quebra de ritmo e acima de tudo, o de despertar para a autonomia e senso crítico, pois “não existe abordagem da arte sem aprendizagem da atenção” (BERGALA, 2008, p. 110).

Nesse caminho, outro aspecto destacado por alguns participantes, diz respeito a maneira como passaram a enxergar o audiovisual como linguagem artística, buscando compreender seus elementos e perceber em situações cotidianas, possibilidades de construções narrativas, além do desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

“(...) Desenvolvi um olhar muito mais sensível e crítico, capaz de ir além do entretenimento e entender os detalhes da linguagem, sem precisar de resumos para compreender a fundo o tema abordado. Ampliou minha visão de mundo para uma perspectiva mais inclusiva e curiosa, e confirmando o papel da arte em provocar discussões e gerar impacto positivo.” (Resposta apresentada por Ana Júlia, cedida ao pesquisador, 2025)

“(...) Enquanto eu estava no processo de criar um curta-metragem, eu entendi que ali não eram somente cenas e sons, e sim uma forma de mostrar o meu pensamento, de dar voz e sentimento aquilo que eu estava retratando. (...) Quanto à minha visão de mundo, esse projeto foi crucial para eu desenvolver o meu senso crítico, e perceber que o audiovisual está aí para educar, agregar e nos emocionar, além de todos os dias estourar “bolhas” e mais “bolhas”.(...)” (Resposta apresentada por Nicolle Próspero, cedida ao pesquisador, 2025)

“(...) Sai um pouco da “bolha”, pois começamos a ver situações no cotidiano e perceber que alguém poderia fazer um curta de determinada situação, com o intuito de conscientizar. Olhar pra alguma situação e pensar ‘poxa, daria um curta interessante’ ”. (Resposta apresentada por Francisco Michael, cedida ao pesquisador, 2025)

Em respostas apresentadas por esses e outros participantes, é possível identificar a transposição de meros espectadores passivos de produtos audiovisuais para espectadores e produtores com visão analítica, capaz de identificar e estabelecer relações entre os elementos que compõem a linguagem audiovisual e as narrativas. Ao mencionar a compreensão que possui atualmente acerca dos produtos audiovisuais que consome, Ana Júlia, por exemplo, destaca como a participação no projeto a auxiliou para o desenvolvimento de sua autonomia para a interpretação e utilização dos elementos da linguagem.

Ao utilizarem como metáfora o “rompimento de bolhas” para descrever o processo de percepção que desenvolveram, tanto Nicolle Próspero quanto Francisco Michael, e outros participantes que apresentaram respostas com sentidos semelhantes, apontam diretamente para a maneira como conseguiram desenvolver o senso crítico, criativo e a alteridade a partir da participação no projeto.

Por fim, a última pergunta, de caráter mais abrangente e referente às memórias dos participantes, questionava o seguinte:

Pergunta 4 - Caso queira, destaque algum outro aspecto relevante relacionado a sua participação no projeto “Festival de Curtas do CEF 602”.

Várias respostas valorizam a experiência obtida ao participar do projeto, mencionam frases de apoio pela continuidade na escola e possível expansão em outros espaços, ressaltam como foi gratificante vivenciar tal experiência nos anos finais do ensino fundamental e relembram momentos da exibição e premiação dos curtas. Outros mencionam como a participação no projeto ia além de qualquer trabalho que valia nota, como menciona Francisco, ao responder que o grupo ia para a escola no contraturno não pela nota, mas porque gostavam de estar ali, aprendendo coisas novas e experimentando possibilidades com a gravação do curta. Ou como as respostas da Nicolle, Henrik, Raquel, Victor e Tamires que destacam que o projeto foi uma força propulsora para que eles fossem estudar o ensino médio técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo no IFB, como ocorreu também com o Warlison e o Marcos que seguiram no ensino superior utilizando a linguagem audiovisual.

Por fim, destaco aqui, nessa análise, um trecho da resposta apresentada por Clara Amaral que diz:

“(...) O projeto me mostrou como o audiovisual pode ser acessível, educativo e profundamente transformador — especialmente dentro do ambiente escolar. Essa percepção influenciou diretamente minha formação pessoal: aguçou meu senso crítico, ampliou meu olhar para

o coletivo e despertou em mim um interesse genuíno por formas de arte que dialogam com a realidade social. **Contar histórias, entendi, é também um ato político e educativo — e projetos como esse têm o poder de transformar trajetórias, como transformou a minha.**” (Resposta apresentada por Clara Amaral, cedida ao pesquisador, 2025. Grifo nosso)

De fato, diversas histórias foram contadas ao longo das 6 edições em que estive a frente da coordenação e realização do projeto. Histórias que surgiam do imaginário dos estudantes ou pulsavam das suas realidades e chegavam como forma de desabafo e reflexão. E por meio da construção dessas histórias, outras relações narrativas foram construídas nesse processo de ensino-aprendizagem, onde pude aprender e também ser transformado.

3.1.2 - Olhares da comunidade sobre o projeto

Além dos 11 estudantes egressos que responderam as perguntas, foram convidadas a participar da pesquisa três mães de estudantes que participaram do Festival em diferentes edições e acompanharam a produção de seus filhos. Para as três, também foram realizadas 4 perguntas com os seguintes questionamentos: 1- Quais mudanças você percebeu no desenvolvimento cultural e educacional do seu filho(a) durante e após a participação no projeto “Festival de Curtas do CEF 602”? Como por exemplo, maior interesse por artes, cinema ou outras expressões culturais; 2 - Você observou o desenvolvimento de habilidades específicas, como criatividade, trabalho em equipe ou comunicação, durante ou após a participação no projeto? Como essas habilidades refletiram na vida acadêmica ou pessoal do seu filho(a)?; 3 - Na sua percepção, de que maneira a experiência com o projeto influenciou a visão do seu filho(a) sobre o papel do audiovisual na educação, como meio de expressão e aprendizado dentro e fora da escola?; e 4 - Caso queira, destaque algum outro aspecto relevante relacionado à participação do seu filho(a) no projeto “Festival de Curtas do CEF 602”.

As respostas apresentam algumas semelhanças e destacam elementos específicos do momento de participação de cada estudante/família. Sobre a primeira pergunta, as três participantes destacam que observaram em seus filhos o maior interesse pela escola e por assuntos relacionados a cinema e outras formas de expressões artísticas, como o teatro. Ainda é mencionado nessa pergunta, por Maria

Dulce, mãe do estudante Marcos Camargo, a percepção obtida em relação ao desenvolvimento do senso crítico e autoconfiança do filho em relação à produção do curta criado por ele e posteriormente, em outros trabalhos escolares.

Na segunda pergunta, sobre a percepção do desenvolvimento de habilidades dos filhos, ambas responderam que conseguiram identificar habilidades específicas durante e posteriormente à participação dos filhos no Festival de Curtas. Entre essas habilidades, destacam: a criatividade; a forma como os filhos passaram a se comunicar; o interesse em aprofundar a pesquisa em assuntos que interessavam a eles, buscando formas diferentes de expressar temas e ideias; e o processo relacionado à melhora da atenção e concentração.

A partir da terceira e quarta pergunta surgem os momentos referentes às especificidades de cada experiência e participação do estudante/família. A mãe do Marcos Camargo, recorda de lembranças do filho muito empolgado e focado em estudar e produzir animações. Relata que lembra do filho ficar estudando durante muito tempo como desenhar e depois animar o que era produzido. Menciona, também, que na época ele não possuía um computador adequado para realizar o tipo de produção desejada, com a configuração e os softwares necessários. No entanto, ele buscou algumas peças que pudessem aprimorar o computador e fosse possível realizar a produção.

Pude acompanhar de perto essa experiência relatada por Maria Dulce durante o período da produção e também, divulgação do curta “O privilégio”. Na época, o grupo do Marcos pretendia fazer um filme de terror utilizando como pano de fundo alguma lenda urbana já conhecida, em referência a maioria dos filmes *blockbusters*. Inicialmente, o Marcos seria responsável pela edição do filme. No entanto, ao ter conhecimento da temática do Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, na época era “O que você tem a ver com a corrupção?”, e já sem interesse pela proposta do seu grupo e não conseguindo convencê-los de sair do gênero do terror com a temática já escolhida, o Marcos me procurou e perguntou se poderia fazer o filme sozinho. Recordo que logo respondi que não seria uma tarefa fácil, visto o prazo e as necessidades que ele teria para a produção. Ele respondeu que eu poderia ficar tranquilo, pois ele já tinha uma ideia e gostaria de se desafiar a produzir uma animação com a temática específica do outro Festival para que pudesse ter mais chances de ganhar.

Algumas semanas depois, já após o horário de saída da escola, recebo uma mensagem do Marcos perguntando se eu poderia assistir ao filme dele e verificar se seria necessária alguma alteração. Lembro de ficar encantado e depois emocionado com o resultado que ele havia alcançado de forma autônoma. Sugeri pequenos ajustes em relação à trilha sonora e elementos do cenário. Em seguida o Marcos desabafa algo como: “- Consigo fazer essas alterações, mas já aviso que vai demorar muito pra renderizar¹⁵, pois a minha máquina ainda não é das melhores!” E assim foi feito. Ele conseguiu realizar os ajustes, inscrevemos o filme no 4º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, em 2018, e ele ganhou na categoria “Melhor abordagem do tema”. Foi o primeiro troféu da escola nesse festival externo e a primeira animação produzida por nossos estudantes. Em 2021, ainda no período de isolamento social ocorrido pela pandemia de COVID-19, o filme novamente recebeu um prêmio, agora pelo júri popular, na versão on-line do mesmo festival. Nessa edição, destaco o papel fundamental da mãe do Marcos que divulgava e pedia votos para o filme do filho, e a felicidade dela ao receber a notícia da vitória.

Em suas respostas, ela também menciona que hoje o filho cursa Engenharia da Computação na UnB, e busca sempre levar a linguagem da animação para os sites e trabalhos que desenvolve tanto na faculdade quanto no trabalho.

Já Maria Josiane Muniz, mãe do estudante egresso Henrik, destaca que a experiência de participação no Festival fez o filho despertar o interesse para novas áreas de profissionalização, como o próprio caminho no audiovisual. Após a finalização do ensino fundamental, Henrik ingressou no ensino médio técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo no IFB e lá, segundo a mãe, conseguiu perceber várias possibilidades profissionais.

Outra lembrança que Maria Josiane Muniz relata, diz respeito à felicidade do filho pelo reconhecimento e premiação pelo videoclipe produzido no Festival. A timidez do Henrik foi deixada de lado para dar espaço para o personagem do cantor que dublava e encenava com presença cênica a música do videoclipe. Além da atuação, Henrik ainda auxiliou no processo de edição que contou com o apoio do irmão.

¹⁵ Renderizar um vídeo é o processo de converter o projeto de edição digital, com todas as imagens, áudios, trilhas sonoras, efeitos e outros elementos utilizados na edição, para o arquivo de vídeo finalizado. Ou seja, é a etapa de finalização onde o software utilizado une todos os componentes presentes na edição para gerar o produto final.

Para Alessandra Matias, a experiência da participação do Victor Kaynnã no projeto foi fundamental para desenvolver as habilidades e reforçar o potencial expressivo e profissional do filho. Ela destaca que o Victor já gostava de artes, porém, após a primeira experiência com o Festival o filho começou a assistir filmes e séries de forma diferente e sempre que possível, ao assistir filmes com a família, explicava alguns elementos e recursos utilizados naquela narrativa, além de mencionar como tais cenas poderiam ter sido criadas.

A partir dos anos seguintes, ela ressalta que foi possível perceber que ali já não se tratava apenas de um trabalho escolar, mas caminhava para algo além, refletindo novas formas de expressão, possibilidades de estudo e trabalho. Destaca a empolgação que percebia no filho quando chegavam os momentos de produção.

Como já mencionado no perfil dos participantes da pesquisa, Victor participou de 4 edições do Festival de Curtas do CEF 602. Ao finalizar o ensino fundamental, assim como Henrik e outros três participantes dessa pesquisa, ingressou no ensino médio técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo no IFB. Após finalizar o ensino médio, buscou aprofundar ainda mais na área e hoje é estudante de Comunicação Social - Audiovisual na UnB.

A partir de tais respostas, em consonância com grande parte do que foi apresentado nas respostas dos estudantes egressos, reitero as diversas possibilidades e potencialidades que ultrapassam os conteúdos propostos pelos currículos durante a realização de projetos como o Festival de Curtas. Embora aqui na pesquisa sejam apresentados apenas três relatos de mães de estudantes egressos, menciono que ao longo dos anos de realização do projeto diversas foram as formas que pais, mães, irmãos/irmãs contribuíram para a produção audiovisual dos estudantes. Posso citar exemplos que vão desde aqueles que ficavam responsáveis por receber o grupo de estudantes em casa, auxiliando na organização do espaço e acolhendo o grupo, aos que participavam efetivamente como personagens ou auxiliando na produção de figurinos, maquiagem e apoio. Destaco assim, a importância da participação da família durante o processo de ensino-aprendizagem, como em projetos desta dimensão, estabelecendo vínculos, fortalecendo a relação entre a comunidade escolar e construindo sentido e significado ao que é aprendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBEM OS CRÉDITOS

A caminhada percorrida durante a trajetória da pesquisa proporcionou o acesso a inúmeras cenas, enredos variados, flashbacks constantes, narrativas diversas, trilhas complementares (e divergentes também), personagens marcantes, *plot twists* constantes que por vezes alteravam até o gênero proposto para a narrativa central, mas ao chegar no final, após momentos de clímax diferenciados, conseguiu estabelecer a conexão necessária entre os elementos envolvidos. Após o processo de finalização, como aquele semelhante às etapas de organização, seleção e montagem, próprias de uma ilha de edição audiovisual, também deixou no ar a sensação de outras possíveis versões ou continuidades.

A metáfora utilizada para iniciar as considerações finais, considera, entre outras coisas, algumas das etapas presentes ao longo da pesquisa. Refletir acerca da própria prática pedagógica, a partir de um projeto realizado ao longo de 6 anos, no mesmo ambiente escolar, porém com cenários diferentes, sendo o último deles o mais desafiador, foi um processo de crescimento, amadurecimento e, sobretudo, fortalecimento e validação.

Reconhecer a trajetória de um projeto envolvendo a linguagem audiovisual desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental do DF, com todas as suas particularidades, e identificar para além dos seus resultados e sucessos, as suas fragilidades e barreiras, despertou a reflexão para a construção de outros caminhos possíveis.

O diálogo estabelecido com pensadores e pensadoras da teoria e da prática pedagógica envolvendo a linguagem audiovisual, a partir de diversas abordagens, foi fundamental para reconectar e fortalecer o discurso acerca da abordagem pedagógica por meio de projetos, identificando que ainda há um longo caminho a ser percorrido considerando o tamanho e a diversidade do universo da SEEDF e da educação básica, como um todo, em outras realidades. No entanto, como uma das características essenciais ao exercício da docência, sempre há esperança de mudança.

O diferente, o novo ou aquilo que propõe romper o comum, o trivial, sempre se depara com o estranhamento, por vezes o descaso e até a resistência. Porém, esse mesmo diferente, consegue ser insistente e resiliente, e acaba encontrando acolhimento de seus pares. Pares esses, que fortalecem, resistem e continuam... Pois

eles também sabem que não há como alcançar mudanças repetindo as mesmas receitas de antes.

A proposta de diálogo teórico e prático acerca do desenvolvimento de projetos que consideram a relação entre o audiovisual e a educação, em paralelo com a análise histórica e metodológica do Festival de Curtas do CEF 602, possibilitou, além da revisitação e sistematização, o aprofundamento de aspectos que por vezes no chão da escola, com a rotina frenética própria do ensino fundamental, não havia sido possível realizar. Tais reflexões, para além do que foi previsto e estabelecido como objetivos da pesquisa, tiveram como foco possibilitar e abrir o debate para novos processos e construções de outras propostas pedagógicas.

Durante a sistematização do projeto no segundo capítulo e a posterior análise, não houve a pretensão em ressaltar a qualidade ou efetividade do projeto, informando somente como ele funcionou e seus aspectos positivos para a comunidade escolar. Mas, ao contrário disso, foi possível complementar aspectos por meio da análise, identificando algumas fragilidades e dificuldades em relação à execução do Festival de Curtas do CEF 602 ao longo desses anos, tanto em aspectos objetivos e limitações relacionadas ao próprio professor/pesquisador, quanto aos aspectos subjetivos que ultrapassam a iniciativa e o alcance de qualquer professor.

Por meio da etapa das entrevistas realizadas com estudantes egressos de diferentes edições do projeto, e três mães presentes e atuantes nessa trajetória, alguns aspectos educacionais e culturais foram apresentados de forma recorrente e significativa. Para além dos aspectos técnicos e metodológicos próprios da pesquisa, tais respostas puderam dar espaço também, para momentos de revisitar memórias, demonstrar afeto e prestar agradecimentos. Essa troca ocorrida por meio das escutas foi algo mútuo, demonstrando além da responsabilidade, a cumplicidade presente, latente e que retorna quando um processo de ensino-aprendizagem não é pautado somente em conteúdos curriculares, notas em boletins ou relatórios para secretaria. O retorno apresentado pelos participantes reflete, para além das respostas, e sobretudo pelo cuidado e atenção fornecidos por eles ao encaminharem suas considerações, o significado atribuído ao projeto e a relação construída ao longo dele.

A realização de projetos envolvendo a experiência de um festival audiovisual escolar, como a vivenciada no CEF 602, demonstra, entre outros aspectos, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento tanto nos estudantes quanto nos demais membros da comunidade escolar. A maneira como os estudantes se envolvem

e movimentam a escola durante o período de realização de um projeto como esse, reforça o processo de transformação pedagógica e estabelece inúmeras possibilidades de construção de conhecimentos.

Vale mencionar também, sobre o fim de iniciativas como a do Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, anteriormente promovido pela própria SEEDF. Esse Festival era um grande e importante projeto, presente no calendário das escolas, que possibilitou inclusive, a descoberta e o desenvolvimento de grandes talentos presentes nas escolas públicas, além de promover o letramento da linguagem audiovisual para estudantes e professores. Porém, com a sua finalização e sem nenhum outro projeto voltado para a área, alguns efeitos nocivos acabaram surgindo. Com a perda desse projeto de grande dimensão, que estimulava a participação das escolas e construção de diálogo entre professores e estudantes de diferentes Coordenações Regionais de Ensino, perdemos a possibilidade de promover o protagonismo dos estudantes a partir da linguagem audiovisual na esfera da SEEDF e conseqüentemente, afetou o debate e a compreensão acerca do processo de letramento crítico da linguagem audiovisual escolar.

Mas diante de tal cenário, como já mencionado, ainda há possibilidades de caminhos. A pesquisa demonstra alguns dos resultados obtidos com a experiência do projeto ao longo de 6 anos, e alguns desses desdobramentos que ultrapassaram os anos finais do ensino fundamental. Demonstra também, caminhos viáveis e alguns erros de continuidade que são próprios do processo com projetos que envolvam não só a linguagem audiovisual, mas toda linguagem artística que proponha movimentar a escola e a comunidade. Mas, assim como no processo de produção de um curta-metragem, as etapas definidas para a construção do material são importantes e possuem as suas particularidades, conseqüentemente, afetando no resultado final. O mesmo pode ser aplicado ao desenvolvimento de projetos pedagógicos dessa dimensão, onde se faz necessária a definição das etapas importantes e a construção das redes de apoio e multiplicação do projeto pedagógico, com suas atribuições definidas, que deve ser implementado e mediado pela gestão escolar e corpo docente.

Acredito que projetos como esse podem ser reaplicados e modificados em diferentes realidades, etapas e modalidades escolares. Como apresentado ao longo do texto, o foco não é uma formação técnica em audiovisual e não é condição fundamental ter equipamentos profissionais na escola para que um projeto como esse seja desenvolvido. Talvez, as primeiras características a serem consideradas para o

início de um projeto como esse seja a disponibilidade para o diálogo e a disposição para o novo e diferente. Ah, e claro, quase ia esquecendo, a consciência em relação ao trabalho e as relações que serão construídas, pois por meios de ambas, muitos desdobramentos virão!

E assim, como no final de um filme, ao subir os créditos, apresentando o nome de todos os envolvidos e a depender da produção assistida, despertando aquela sensação única que só você consegue descrever ao finalizar uma obra que te marcou, finalizo com alguns sentimentos, alguns questionamentos, pensando outras possibilidades de enredo, finais e claro, sobre a continuidade.

Talvez, assim como na fórmula apresentada em alguns filmes de ação, esse trabalho possa ter uma cena pós-crédito que estabeleça relação de continuidade com outras narrativas.

REFERÊNCIAS

- ACKER, Ana Maria; ALMEIDA, Gabriela M. R. O cinema como vivência dos direitos humanos na escola. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 43, n. 2, 2017. DOI: 10.22484/2177-5788.2017v43n2p247-260. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3129> Acesso em: 20 jul. 2023.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das Tecnologias na Educação. Salto para o Futuro**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2005.
- BARBOSA, João Rafael Teixeira. **A Criação de Filmes na Escola: Narrativas de Si nas Imagens em Movimento**. João Rafael Teixeira Barbosa; orientador José Mauro Barbosa Ribeiro. Brasília, 2020. 85 /p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) - Universidade de Brasília, 2020.
- BERGALA, Alain. **A Hipótese Cinema: Pequeno Tratado de Transmissão do Cinema Dentro e Fora da Escola**. Tradução: Monica Costa Neto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.
- BRASIL. **Lei 15.100 de 13 de Janeiro de 2025**. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de-2025-606772935> Acesso em: 20 fev. 2025.
- CEF 602 PRODUÇÕES. **Canal do Youtube com algumas produções das edições do Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ArtenoCEF602> Último acesso em: Fev. 2024.
- CORDEIRO, Adriana do Valle. **O Curta-Metragem como Práxis Pedagógica: experiências do fazer audiovisual na formação continuada do DF**. Orientação Felipe Canova Gonçalves. Brasília, 2023. 145 p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) - Universidade de Brasília, 2023.
- COUTINHO, Laura Maria. Aprender com o vídeo e a câmera. Para além das câmeras, as ideias. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das Tecnologias na Educação. Salto para o Futuro**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2005.
- DEMO, Pedro; SILVA, Renan Antônio da. **Protagonismo estudantil**. Organizações e Democracias, v. 21 n. 1, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/10685> Acesso em: 22 Jun. 2024.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento do Ensino Fundamental**. Brasília. 2018. Disponível em:

<https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental_17dez18.pdf> Acesso em: 07 out. 2023.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Portaria no 307, de 02 de outubro de 2018. Institui a Política de Educação Audiovisual da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.** Diário Oficial do Distrito Federal n. 189, Brasília, 03 out. 2018.

_____. Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas. Centro de Ensino Fundamental 602 do Recanto das Emas. **Projeto Político Pedagógico: Festival de Curtas do CEF 602.** Brasília, 2021. Disponível em:

<https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/09/ppp_cef_602_recanto_das_emas.pdf> Acesso em: 03 out. 2023.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação.** Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.

FARIA E AZEVEDO, Ana Lúcia de [et al.]. **Cenas da docência: o cinema entre professores/as da educação básica.** In TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro [et al.] (org.). *Telas da docência: professores, professoras e cinema.* 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 27 - 43.

Em 2022, Brasil registrou 9,5 mil escolas sem acesso à internet. ANATEL.

Brasil, 04 de Jan. de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/em-2022-brasil-registrou-9-5-mil-escolas-sem-acesso-a-internet> Acesso em: 02 Jul. 2024.

FARIA E SILVA, Thiago de. **Escola, história e claquete: reflexões sobre a produção audiovisual na escola.** 1ª edição – Curitiba: Appris, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Felipe Canova. **Linguagem audiovisual e Educação do Campo: práxis e consciência política em percursos audiovisuais.** 2019. 290 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GURGEL, Eloíza. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LEAL, Álida Angélica Alves [et al.]. **Outras telas: o cinema em espaços de professores/as da educação básica.** In TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro [et al.] (org.). *Telas da docência: professores, professoras e cinema.* 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 45 - 55.

LUCENA, Tiago F. R. **Audiovisual e Dispositivos Móveis**. Disponível em: [https://www.academia.edu/208655/Audiovisual e Dispositivos M%C3%B3veis](https://www.academia.edu/208655/Audiovisual_e_Dispositivos_M%C3%B3veis) Acesso em: 19 jul. 2023.

MENEGAT, Marildo. Da arte de nadar para o reino da liberdade. In: BÔAS, Rafael Litvin Villas; PEREIRA, Paola Masiero (org.). **Cultura, arte e comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e Escola, sob o risco da Democracia. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 5, n. 9, Rio de Janeiro: UFRJ 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1604> Acesso em: 20 jul. 2023a.

_____. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-Compós**, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1045> Acesso em: 20 jul. 2023

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. 3ª edição – São Paulo: Summus, 2009.

MOREIRA, Edmar de Oliveira. Produção audiovisual escolar: a experiência do Festival de Curtas do CEF 602 do Recanto das Emas. **Revista Com Censo**, v. 11 n. 2, Brasília, 2024. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1863/1171> Acesso em: 25 Jun. 2024.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)**. In: Atas do VI Congresso da Sopcom, Abr. 2009. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> Acesso em: 13 Mar. 2025.

PERUZZO, Cicilia Maria K. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Átlas, 2005.

PRADO, Maria Elisabete Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das Tecnologias na Educação. Salto para o Futuro**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 2005. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13258:salto-para-o-futuro-sp-1346571866> Acesso em: 10 dez 2024.

Programa Audiovisual e Educação. Apresentação e temporadas 1 e 2. Instituto Federal de Brasília - Campus Recanto das Emas. Disponível em: <https://sites.google.com/view/audiovisualeducacao/1%C2%AA-temporada?authuser=0> Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, Jany C. A. O desafio da produção audiovisual por estudantes de escolas públicas douradenses: um estudo de caso do Projeto Cine-Escola. In: **XXXII Intercom - Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital**, 2009, Curitiba-PR. Intercom 2009: Comunicação, educação e cultura na era digital. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3076-1.pdf> Acesso em: 03 nov. 2022.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

A BORBOLETA. Disponível em: <https://youtu.be/0RyZqhc3a04> Acesso em: 20 Jul. 2025.

A BRUXA DE BLAIR. Direção: Eduardo Sánchez. Produção: Artisan Entertainment. Estados Unidos. 1999.

A FUGA DAS GALINHAS. Direção: Peter Lord e Nick Park. Produção: Aardman Animations e DreamWorks Pictures. Reino Unido. 2000.

AMOR DE VERDADE. MC Kekel; MC Rita. Direção e produção: KondZilla. Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8_oE-iQeFeE Acesso em: 20 Jul. 2025.

AMOR DE VERDADE. Disponível em: <https://youtu.be/qN9h6ljLGqw> Acesso em: 20 Jul. 2025.

BLACK MAGIC. Little Mix. Direção: Director X. Produção: Luti Fagbenle. Estados Unidos. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MkElfR_NPBI Acesso em: 17 Jul. 2025.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES. Direção: David Hand. Produção: Wall Disney. Estados Unidos, 1937. 83 min.

CONEXÕES. Direção: Bianca Evelyn. Disponível em: <https://youtu.be/XUo8RnlfxrE> Acesso em: 20 Jul. 2025.

CORALINE E O MUNDO SECRETO. Direção: Henry Selick. Produção: Bill Mechanic e Mary Sandell - Focus Features. Estados Unidos. 2009.

DEPOIMENTOS - FESTIVAL DE CURTAS DO CEF 602. Produção: Edmar de Oliveira. Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1M40Fpn1woM> Acesso em: 15 Ago. 2024.

ESQUECIDOS - Crise nos anos finais do ensino fundamental. Direção: Aline de Carvalho Cornélio e Laedi Alves Rodrigues dos Santos. Produção: LEPES (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social). Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.esquecidos.com/odocument%C3%A1rio> Acesso em: 04 Mai. 2024.

EVAN. Produção: Sandy Hook Promise. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U1omzQBACfA&t=1s> Acesso em: 20 Jul. 2025.

HIDEAWAY. Kiesza. Direção: Kiesza, Ljuba Castot e Rami Samir Afuni. Produção: Lokal Legend Records. Estados Unidos. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vnoz5uBEWOA> Acesso em: 17 Jul. 2025.

MICKEY MOUSE - STEAMBOAT WILLIE. Produção: Wall Disney. Estados Unidos. 1928. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l5pG1wbRKOg> Acesso em: 09 Out. 2024

MINA. Disponível em: <https://youtu.be/ITw0Uu5A5Xo> Acesso em: 20 Jul. 2025.

NO FINAL DÁ TUDO CERTO. Disponível em: <https://youtu.be/Gx34m-sA2d0>
Acesso em: 20 Jul. 2025.

O DILEMA DAS REDES (THE SOCIAL DILEMMA). Direção: Jeff Orlowski.
Produção e Distribuição: Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2020. Streaming (94 min.).

O HOMEM QUE NÃO TINHA NADA. Projota e Negra Li. Direção: Lua Voigt.
Produção: Abaporu. Distribuição: Universal Music. Brasil. 2015. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7m0kmGKX8o8> Acesso em: 17 Jul. 2025.

O PRIVILÉGIO. Direção e Produção: Marcos Camargo. Disponível em:
<https://youtu.be/p3J9nPTooDU> Acesso em: 20 Jul. 2025.

O SOL E A LUA. Disponível em: <https://youtu.be/UjiNO7i45yE> Acesso em: 20 Jul. 2025.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige e David J. Grant. Estados Unidos. Marvel Studios, 2018, 1 Bluray.

PINGU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vmsA4Usj8H4> Acesso em: 20 Jul. 2025.

SANEAMENTO BÁSICO, O FILME. Direção: Jorge Furtado. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre. Brasil. 2007.

SEGUNDO PLANO. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ntPFX3ugvDI> Acesso em: 20 Jul. 2025.

SHREK. Direção: Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção: DreamWorks Pictures. Estados Unidos. 2001.

TOLEDO, Moira. Oficina “Educação a partir do Audiovisual”. **19ª Mostra de Cinema Infantil, 2020.** YouTube, 21 de novembro de 2020. Disponível em:
<https://youtu.be/RrhiEwC3KWU> Acesso em: 02 nov. 2022.

TOY STORY. Direção: John Lasseter. Produção: Ralph Guggenheim e Bonnie Arnold. Wall Disney Pictures; Pixar Animation Studios. Estados Unidos. 1995.

WAR CHILD/BATMAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PdN-QruKedU> Acesso em: 21 Abr. 2025.